

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

SARA HOSANA ODERDENGÉ

**As pedras rúnicas e as mudanças sociais na Dinamarca entre os séculos VIII e
XIII**

Mestrado

Versão Corrigida

São Paulo

2024

SARA HOSANA ODERDENGÉ

As pedras rúnicas e as mudanças sociais na Dinamarca entre os séculos VIII e XIII

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

Versão Corrigida

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

023p Oderdenge, Sara
 As pedras rúnicas e as mudanças sociais na
Dinamarca entre os séculos VIII e XIII / Sara
Oderdenge; orientador Marcelo Cândido da Silva - São
Paulo, 2024.
 144 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

 1. Pedras rúnicas. 2. Era Viking. 3. Paisagem. 4.
Poder. 5. Elites. I. Cândido da Silva, Marcelo ,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Sara Hosana Oderdengo****Data da defesa: 05/12/2024****Nome do Prof. (a) orientador (a): Marcelo Cândido da Silva**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/03/2024

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

Dedicatória

Ao meu bom pai, Uilson Oderdenga.

Agradecimentos

É com muita emoção que escrevo estas palavras, pois tenho tanto a agradecer às pessoas que fazem parte da minha trajetória desde o ano de 2016, quando escolhi embrenhar pelos caminhos da escandinavística.

Primeiramente, aos meus pais por sempre apoiarem meus sonhos e serem pessoas exemplares. Ao meu querido pai, Uilson Oderdenge (*in memoriam*), por ter me mostrado a beleza da História, sem querer, e por ter me ensinado seu valor, com intenção. À minha querida mãe, Sandra dos Reis, pelo amor e apoio incondicionais. Sem você eu jamais chegaria aqui.

Ao Felipe Uzeda, pelo companheirismo, força e carinho ao longo de cada passo desta jornada. Sem nossas incansáveis conversas, este trabalho não teria fim. Muito obrigada por cada momento especial.

Ao professor Marcelo Cândido, pela confiança em meu trabalho ao longo de todos esses anos, mesmo quando minha própria confiança vacilou. Muito obrigada por todos os conselhos e encorajamento à pesquisa. Deixo meu sincero agradecimento por cada oportunidade e cada exemplo dado.

Aos professores Maria Cristina Pereira, Renan Birro e Santiago Barreiro, pelo apoio, críticas e dicas, fundamentais no desenvolvimento deste trabalho. Ao professor Theo Moosburger, pela ajuda especial nas traduções e pelo incentivo.

À minha amiga, companheira para todas as horas, pela fidelidade, pelas lágrimas e pelos risos compartilhados, Marina Duarte Sanchez.

Aos meus queridos companheiros e amigos do *Laboratório de Estudos Medievais*, pela paciência e críticas, ao lerem meus textos semestralmente, e por todo incentivo em minhas empreitadas acadêmicas. Cada comentário de vocês me tornou uma pessoa melhor.

Resumo

ODERDENGGE, Sara. **As pedras rúnicas e as mudanças sociais na Dinamarca entre os séculos VIII e XIII**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2023.

As pedras rúnicas são monumentos memoriais produzidos pelas sociedades escandinavas ao longo dos séculos VIII e XIII. São objetos ostensivos das elites, dado o montante de recursos e trabalhos especializados necessários para sua produção. Há cerca de 3000 desses monumentos, sendo que 211 foram encontrados em territórios dinamarqueses. Nossa pesquisa tem por objetivo analisar o *corpus* de pedras rúnicas danesas com intuito de evidenciar as mudanças sociais entre as elites e suas demonstrações de poder e de alianças, sejam matrimoniais, sejam econômicas, sejam políticas. É perceptível o caráter mais aristocrático das pedras rúnicas danesas em relação àquelas de outras localidades, principalmente nas que constam menções a títulos e posições sociais. Iremos dividir nossa análise em três eixos: o poder na paisagem, o poder nas inscrições rúnicas e o poder nos títulos e posições sociais. Por fim, buscaremos relacionar o costume de erigir pedras com o período de reinado da dinastia Jelling, a considerada como responsável pela unificação dos territórios dinamarqueses sob autoridade de um único monarca.

Palavras-chave: Pedras rúnicas; Era Viking; Paisagem; Poder; Elites.

Abstract

ODERDENGGE, Sara. **The runestones and social changes in Denmark between the 8th and 13th centuries**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2023.

Runestones are memorial monuments produced by Scandinavian societies between the 8th and 13th centuries. They are the ostentatious objects of the elites, given the amount of resources and specialized work required to produce them. There are around 3,000 of these monuments, 211 of which have been found in Danish territory. The aim of our research is to analyze the corpus of Danish runestones in order to highlight the social changes among the elites and their demonstrations of power and alliances, whether matrimonial, economic or political. The more aristocratic nature of the Danes' runestones is noticeable compared to those from other places, especially in those which mention titles and social positions. We will divide our analysis into three axes: power in the landscape, power in the runic inscriptions and power in titles and social positions. Finally, we will try to relate the custom of erecting stones to the reign of the Jelling dynasty, the one considered responsible for unifying the Danish territories under the authority of a single monarch.

Key-words: Runestones; Viking Age; Landscape; Power; Elites.

Sumário

Introdução	p. 6
Capítulo I – O poder na paisagem	p. 20
1. O poder na materialidade	p. 28
2. O poder na espacialidade.....	p. 38
2. 1. Considerações sobre as temporalidades das pedras rúnicas: aproximações com a arqueologia da paisagem	p. 49
Capítulo II – O poder na inscrição	p. 53
1. A fórmula de inscrição memorial e o verbo “ <i>láta</i> ”	p. 56
2. Graus de relacionamento	p. 61
3. Relações de gênero	p. 65
4. Acréscimos à inscrição	p. 71
4.1. Declaração de ancestralidade	p. 71
4.2. Circunstância ou local de falecimento	p. 73
4.3. Elogio	p. 75
4.4. Declaração de posse	p. 76
4.5. Oração ou prece e maldição	p. 79
4.6. “Assinatura” da inscrição	p. 83
Capítulo III – O poder nas posições sociais	p. 86
1. <i>Heimþegi, stýrimaðr e skipara</i>	p. 97
2. <i>Dreng e Þegn</i>	p. 99
3. <i>Dróttinn e dróttinning</i>	p. 101
4. <i>Konungr</i>	p. 103
5. <i>Goði e þulr</i>	p. 110
6. <i>Landhirðir e landmannr</i>	p. 113
7. <i>Bónði, búmaðr e bryti</i>	p. 116
8. <i>Tiðenda mann e lagsmaðr</i>	p. 119
9. <i>Smiðr</i>	p. 120

10. <i>Sveinn e maðr</i> : casos de possíveis escravizados?	p. 124
11. <i>Mæster e ærkibiskop</i>	p. 125
12. <i>Boni homines ou góðan menn</i>	p. 126

Conclusão	p. 128
------------------------	--------

Bibliografia	p. 132
---------------------------	--------

Introdução

As pedras rúnicas¹ são um tipo de monumento memorial escandinavo, cuja produção iniciou-se entre os séculos VIII² e IX, alcançou o ápice nos séculos X e XI e declinou entre o XII e meados do XIII, ou seja, ocorreu do final da era viking ao início do período medieval. Cerca de três mil e duzentas pedras foram erigidas nos territórios daneses, noruegueses e suecos nesse período, segundo contagem do catálogo *Samnordisk runtextdatabas*. São objetos compostos em blocos de pedra lavrada, a grande maioria granitos, que contêm inscrições em runas na superfície, as letras do *futhark*, o alfabeto empregado pelas culturas escandinavas a partir do século II.³

As inscrições seguem uma fórmula de homenagem aos mortos: “X erigiu essa pedra em memória de Y”, sendo “X” o nome do patrocinador, patrocinadora ou patrocinadores do monumento e “Y” o nome do homenageado(a)(s). Informações adicionais podem ser indicadas, em especial, a denominação do tipo de conexão social entre os nomeados na pedra, geralmente ligados por relações de parentesco, ou, em alguns casos, por relações militares ou econômicas. Também há inscrições que contêm informações sobre ancestralidade; ocupações ou posições sociais; epítetos; local ou circunstâncias de falecimento das pessoas mencionadas, entre outras. Algumas possuem ainda orações ou preces, além de ornamentações de diferentes tipos.

¹ Os antigos catálogos padronizados do *corpus* de inscrições rúnicas escandinavas *Danmarks runeindskrifter* (DR), 1941–2; *Norges innskrifter med de yngre runer* (NIyR) 1941–; e *Sveriges runinskrifter* (SRI), 1900–; atualmente estão reunidos e atualizados em catálogo online, hospedado pela Universidade de Uppsala, o **Samnordisk runtextdatabas**. Disponível em: <http://www.nordiska.uu.se/forskn/samnord.htm>. Acesso em: out. 2022. DR+ representa o signo de localização de inscrições rúnicas danesas presente neste catálogo. Todas as informações a respeito das pedras rúnicas usadas para a catalogação e análises desta pesquisa foram retiradas ou do catálogo *Samnordisk runtextdatabas* ou do *Danske Runeindskrifter*. O último está associado ao primeiro, utilizando-se das mesmas interpretações e traduções das inscrições rúnicas e sendo linkado diretamente em cada entrada de inscrição, na aba “Referenser”. Contudo, o *Danske Runeindskrifter* é focado no contexto de inscrições danesas, possuindo mais informações e detalhes dos objetos-suporte, como tamanho; local encontrado; datação tipológica utilizada; comentários sobre a interpretação rúnica; fotografia do artefato etc. É hospedado pelo Museu Nacional da Dinamarca e pela Universidade de Copenhagen. **Danske Runeindskrifter**. Disponível em: <https://runer.ku.dk>. Acesso em: out. 2022.

² “The custom of erecting memorial stones with runic inscriptions was not introduced with the conversion, but goes back to pagan times. The earliest datable example is probably the Einang stone in Norway, likely belonging to the second half of the fourth century. Monumental stones from a somewhat later period are also known from Sweden, but not from present-day Denmark. The first rune stones in the latter region probably emerged during the eighth century.” KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland?. In: ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 30.

³ KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland?. In: ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 32.

O termo *viking* passou a ser empregado a partir do século XIX pelos pesquisadores, mas é relativamente pouco encontrado em fontes contemporâneas ao período. Ele aparece em algumas pedras rúnicas para se referir àquelas atividades de navegação marítima, como em uma das pedras do monumento de Västra Strö, na Suécia, identificada como DR 334,⁴ (segundo o catálogo padronizado das inscrições rúnicas *Samnordisk runtextdatabas*). Além disso, *viking* também é usado para se referir àqueles homens escandinavos que realizavam as incursões, por exemplo, na pedra DR 216,⁵ localizada no condado de Maribo, em Lolland-Falster. É importante ressaltar que *viking* não era usado por escandinavos e também não deve ser usado atualmente para se referir aos povos nórdicos como um todo. Não se trata de uma denominação étnica ou em referência a uma sociedade, mas denota as ocupações ou ofícios associados à navegação e aos navegantes. Infelizmente, alguns títulos de obras acabam passando essa noção equivocada de vikings como sinônimo dos povos nórdicos, quando usam, por exemplo, “o mundo viking”, “a arte viking”, etc.⁶ Na verdade, seria mais oportuno dizerem “o mundo nórdico” ou “o mundo da era viking”, “a arte nórdica” ou “da era viking”. Curiosamente, segundo indica uma porção de pedras rúnicas de algumas regiões suecas, *viking* era usado como nome próprio, por exemplo, na pedra de Brunnsta, na Suécia, identificada como U 813 no catálogo de inscrições rúnicas padrão.⁷

As inscrições foram feitas no alfabeto rúnico chamado de *futhark*, a união dos nomes das seis primeiras runas. Desconhece-se o local de origem, provavelmente fruto de contatos de povos germânicos com alfabetos latino, grego ou etrusco, no Norte da Itália. No século I era utilizado por esses povos e, a partir do século IV, passou a ser usado pelos escandinavos. Por sua grafia vertical e oblíqua, evitando linhas horizontais e curvas, as runas parecem ter sido desenhadas para finalidades práticas, boas para talhar em objetos de madeira, pois não se confundem com as ranhuras do suporte.⁸ Nesse sentido, pelo método de grafia simples, barato e conveniente, a maioria dos autores acredita que o uso para comunicação cotidiana seria majoritário.⁹

⁴ *Faðir lét hoggva rúnar þessar eptir Qzur, bróður sinn, er norðr varð dauðr í vikingu.*

⁵ *§A Ástráðr ok Hildu[ng]r/Hildv[ig]r/Hildu[lf]r reistu stein þenna ept Fraða/Freða, frænda sinn sinn, en hann var þá feikn(?) vera, §B en hann varð dauðr á Svíþjóðu ok var fyrstr(?) í(?) Friggis(?) liði(?) þá allir vikingar.*

⁶ MUCENIECKS, André Szczawlińska. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medieval.** Natal, n. 2, v. 2, 2010. pp. 1-10.

⁷ *Viki[ng]r(?) lét re[ise] stein [a]t ... son <r--nuktr>. Guð hjalpi sál hans.*

⁸ SENRA SILVA, Inmaculada. Lengua y escritura rúnica. In. BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). Vol. I. **El mundo nórdico medieval: una introducción.** Buenos Aires: Luciana Mabel Cordo Russo, 2017, p. 37-39.

⁹ KNIRK, James E. Runes: Origin, development of the futhark, functions, applications, and methodological considerations. BUNDLE, Oscar (et. al.) (eds.). **The Nordic Languages: An International Handbook of the History of the North Germanic Languages.** New York: De Gruyter, 2002. p. 642-644.

Durante os séculos VII e VIII a língua escandinava¹⁰ experimentou mudanças linguísticas importantes. Algumas vogais se perderam – um processo chamado síncope – e novos fonemas surgiram, resultando em processos fonológicos como a metonímia palatal. Assim, o *futhark* antigo tornou-se impreciso na representação dos novos sons e foi sucedido por sua modificação, o *futhark* novo. Apesar do aumento de fonemas, o que dificulta a leitura, essas mudanças provocaram uma simplificação na grafia rúnica e diminuição no total de runas de vinte e quatro para dezesseis.¹¹ Desde seu surgimento, nota-se que o *futhark* novo possuía duas formas distintas, provavelmente relacionadas às situações de uso: as runas do tipo ramo-curto (ing. *short-twig*) ou *futhark* sueco-norueguês, usadas geralmente em suportes de madeira, com inscrições mais simples e de conteúdos mais pessoais, menos cerimoniais; e as runas ramo-longo (ing. *long-twig*) ou *futhark* danês, usadas normalmente em monumentos memoriais e objetos de valor. Além disso, há uma terceira variante, as runas sem-bordão (ing. *staveless runes*), além de algumas possibilidades de runas cifradas.¹² Essas transformações poderiam indicar para uma ampliação das situações de uso das runas assim como, bem como o aumento de pessoas “alfabetizadas”.



Fig. 1 Diferenças entre *futhark* antigo e *futhark* novo.¹³

¹⁰ As pedras rúnicas foram escritas no que se chama hoje, de forma geral, de nórdico (ou escandinavo) antigo (ing. *old Norse*), a língua falada na Dinamarca, Noruega, Suécia, Islândia e assentamentos escandinavos durante a era viking (c. 750-1050) e idade média (c. 1050-1500). Era chamado majoritariamente de *Dǫnsk tunga* ‘língua danesa’, possivelmente indicando uma preponderância cultural dinamarquesa na Escandinávia (também era chamado de *norræna*, ‘nórdico’). No final do período viking e ao longo do período medieval ocorreu uma gradual separação em dois ramos linguísticos: o nórdico antigo oriental (Dinamarca e Suécia) e o ocidental (Noruega, Islândia e Ilhas Faroé). SENRA SILVA, Inmaculada. Lengua y escritura rúnica. In. BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (Eds.). **El mundo nórdico medieval: una introducción**. Buenos Aires: Luciana Mabel Cordo Russo, 2017. p. 37-39.

¹¹ SENRA SILVA, Inmaculada. Lengua y escritura rúnica. In. BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). Vol. I. **El mundo nórdico medieval: una introducción**. Buenos Aires: Luciana Mabel Cordo Russo, 2017, p. 44-45.

¹² KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland?. In. ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 35.

¹³ BYOCK, Jesse L. **Viking Language 1: Learn Old Norse, Runes, and Icelandic Sagas**. Oslo: Jules William Press, 2013, p. 76.

Outrossim, a maior sobrevivência de inscrições rúnicas em monumentos de pedra pode sugerir erroneamente que a escrita era particularmente reservada às pessoas de estratos sociais mais elevados. Sabemos que era utilizada na vida cotidiana em um estágio inicial. Uma vara encontrada em Hedeby, provavelmente do século IX, parece referir-se a um contrato de venda.¹⁴ Escavações em lugares nos quais há maior sobrevivência de objetos em madeira e melhor preservados, notavelmente em Bergen e Lödöse, revelaram uma grande variedade de inscrições, nas quais runas foram usadas para mensagens pessoais, até mesmo amorosas, e. g. *inkibiorkunimerþaerikuarispaf/akri*, ‘Ingebjørg me amou quando eu estava em Stavanger’, assim como para propósitos políticos, legais e negociações comerciais.¹⁵

O costume de erigir pedras rúnicas se espalhou por toda a Escandinávia e apresenta grande variação na distribuição regional. Há uma enorme concentração nas regiões suecas, com mais de 2500 pedras rúnicas, a maioria em Uplândia (sue. Uppland)¹⁶. Runólogos acreditam, devido a datação relativa dos monumentos e provável padrão de distribuição, que o costume de erigir pedras rúnicas teria se espalhado entre as elites escandinavas a partir da padronização da inscrição formulaica¹⁷ feita pela elite danesa na península da Jutlândia. Entre c.950 e c.1030 teria se espalhado da Dinamarca à Noruega e Sul da Suécia, enquanto na região de Uplândia e na ilha Bornholm o costume se manteve até o início do século XIII.¹⁸

O crescimento exponencial na quantidade de pedras rúnicas na Escandinávia¹⁹ coincide com um período de grandes transformações sociais na região: os séculos finais da chamada era viking (c. 750 - c. 1050). Segundo a historiografia tradicional, nesse período ocorreu a conformação dos três reinos medievais cristãos da Dinamarca, Noruega e Suécia,

¹⁴ SAWYER, Birgit; SAWYER, Peter. **Medieval Scandinavia: from Conversion to Reformation, ca 800-1500**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1993, p. 23.

¹⁵ SPURKLAND, Terje. Literacy and ‘Runacy’ in Medieval Scandinavia. In: ADAMS, Jonathan; HOLMAN, Katherine. **Scandinavia and Europe 800–1350: Contact, Conflict, and Coexistence**. Turnhout: Brepols, 2004, p. 334.

¹⁶ Optamos por usar os nomes das regiões escandinavas traduzidos ao português, quando esta opção foi possível. Todavia, buscamos indicar também o nome na língua original.

¹⁷ Expressões formulaicas são arranjos de palavras que são associáveis nas mentes de todos e são recorrentemente repetidas em uma ordem, segundo: TANNEN, Deborah; ÖZTEK, Piyale Cömert. Health to Our Mouths: Formulaic Expressions in Turkish and Greek. In: Coulmas, Florian (ed.). **Rasmus Rask Studies in Pragmatic Linguistics**, Volume 2, Conversational Routine. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 1981, p. 37.

¹⁸ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 10-11.

¹⁹ Utilizamos Escandinávia em um sentido mais estrito para nos referirmos aos territórios ocupados pelos povos daneses, noruegueses e suecos na península escandinava Fenoscândia e seus arquipélagos entorno, ao longo da era viking e idade média, e que não correspondiam aos limites territoriais contemporâneos dos países Dinamarca, Suécia e Noruega. Não incluímos nesta acepção, portanto, as ocupações em ilhas britânicas e atlânticas, nas quais também há algumas pedras rúnicas: 31 nas ilhas de Man, 4 na Inglaterra, 8 na Escócia, 1 ou 2 na Irlanda, 1 nas Faroe. JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001, 13-14.

respectivamente. Dessa forma, esses monumentos são documentos com valiosas informações para a investigação das mudanças sociais e as relações de poder, a formação de alianças entre as elites escandinavas e a instauração da centralidade do poder régio entre os agentes políticos do período. Ademais, também evidenciam o concomitante processo de cristianização: das 211 pedras rúnicas danesas do *corpus* documental selecionado, apenas 33 podem ser consideradas anteriores à conversão da Dinamarca ao cristianismo²⁰. Por volta de 965, o rei Haraldr Gormsson²¹, também chamado de Haraldr *blátönn* (Dente azul),²² erigiu uma grande pedra no complexo residencial régio de Jelling em homenagem aos pais e comemorando seu feito de ser quem “conquistou a Dinamarca toda e a Noruega e fez os daneses cristãos”.²³

Aos seis reis da dinastia Jelling (três dos quais erigiram pedras rúnicas) é tradicionalmente atribuída a responsabilidade pela centralização política dinamarquesa, a consolidação de um reino unificado dos daneses sob autoridade e administração de forte poder régio. Tais transformações políticas associam-se ao fato de que foi sob essa dinastia que o cristianismo passou a ser a religião adotada pelos monarcas dinamarqueses, com a incumbência dos três primeiros bispos para as cidades de Aarhus, Ribe e Hedeby, no ano de 948, e surgimento das primeiras igrejas – uma delas, no próprio complexo real de Jelling, no condado de Vejle. Além disso, os reis Jelling incentivaram o surgimento e crescimento de cidades, ampliaram os canais de comunicação no território, promoveram as primeiras cunhagens de moedas e a construção de diferentes infraestruturas: ergueram pontes,²⁴

²⁰ Isto é, somente 33 pedras rúnicas (15,53%) são datadas tipologicamente no intervalo de 700-950.

²¹ Optamos por referir-nos ao rei Haraldr nesta pesquisa pelo seu patronímico Gormsson (filho de Gormr), segundo feito na pedra rúnica DR 55, patrocinada pela segunda esposa do rei, Tófa. Cf. DR 55. **Samnordisk runtextdatabas**. www.nordiska.uu.se/forskn/samnord.htm. Disponível em: <https://app.raa.se/open/runor/inscription?id=bac2d2b2-29b3-41bb-9da3-a55aa2951e06>. Acesso em: out. 2021.

²² O primeiro registro do epíteto *blátönn* apareceu na genealogia *Ex Wilhelmi Genealogia Ingeburgis Reginae*, de c. 1194: “*Iste Haraldus, cognomento Blatan, id est ‘Dens liuidus’ uel ‘niger’, paganus fuit, sed tamem postea baptizatus, non in fide permansit, sed apostatavit.*” WILHELMO. *Ex Wilhelmi Genealogia Ingeburgis Reginae*. WAITZ, Georg. (Ed.). **MGH Scriptores**, 29. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1892, p. 164. Para discussão do significado e tradução do epíteto, cf. WINDING, Kjeld. **Storia della Danimarca**. Pisa-Roma: Instituti editoriali e poligrafici internazionali, 1997, p. 23.

²³ “*er sér vann Danmørk alla ok Norveg ok dani gerði kristna.*” DR 42. **Samnordisk runtextdatabas**. www.nordiska.uu.se/forskn/samnord.htm. Disponível em: <https://app.raa.se/open/runor/inscription?id=a4071a93-512a-47d0-b645-cb2757f08fe0>. Acesso em: out. 2021.

²⁴ Refiro-me, em especial, à ponte Raving, que localizava-se a 10 km do complexo régio de Jelling e cruzava o rio Raving Enge. A mais longa ponte construída na Escandinávia durante a era viking, foi superada somente em 1935, pela ponte Pequeno Belt. Raving possuía 760 metros de comprimento por 6 metros de largura, feita com toras de carvalho, e foi datada dendrocronologicamente em c. 980, i. e., construída sob o reinado de Haraldr Gormsson. ROESDAHL, Else. *Prestige, Display and Monuments in Viking Age Scandinavia*. In: **Les mondes normands (VIIIe-XIIIe s.): Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale**. Caen : Société d'Archéologie Médiévale, 1989, p. 21.

melhoraram muralhas na fronteira com a Germânia – a *Danevirke* – e promoveram estruturas defensivas militares – as fortalezas *Trelleborgs*.²⁵

Foi graças ao sucesso em expedições vikings à Inglaterra e seu casamento com Thyri *Danmarkarbót* (Melhoramento/remédio²⁶ da Dinamarca), que Gormr *inn gamli* (o Velho) angariou os recursos e alianças necessários para construção do seu poder pessoal e ascensão ao trono. Ele é considerado o responsável por firmar a unidade territorial do reino da Dinamarca²⁷, consolidando a monarquia nas mãos de um único rei danês.²⁸ Gormr fundou a dinastia de Jelling, cujo nome deriva do local escolhido para construção do seu complexo residencial real, atualmente sítio arqueológico patrimônio mundial da UNESCO.²⁹

Haraldr Gormsson expandiu a construção de Jelling: acrescentou *halls*;³⁰ um monte funerário em homenagem ao pai; a maior paliçada da era viking, com área de 12,5 hectares; colocou no centro do complexo uma pedra rúnica de quase 2,5 metros de altura, na qual se anuncia *konungr* (rei), explicita sua descendência prestigiosa e diz que “ganhou para si a Dinamarca toda e Noruega e fez os daneses cristãos”;³¹ e também uma igreja. Tamanhas estruturas exigiram um enorme dispêndio de recursos materiais e humanos para serem

²⁵ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bluetooth. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (Orgs.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 652-667.

²⁶ Cf. Bót. ONP: **Ordbog over det norrøne prosasprog**. <https://onp.ku.dk/onp/onp.php?o10306>. Acesso em: out. 2021.

²⁷ O termo latino *Dania* será utilizado para nos referirmos aos territórios daneses de forma geral na Era Viking ou quando assim estiver nas fontes, reservando o uso de Dinamarca para o período após a publicização do nome do reino na pedra rúnica DR 41, em Jelling.

²⁸ LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In: WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 161-169.

²⁹ Jelling tem papel central no nacionalismo dinamarquês desde pelo menos o século XVII, quando o rei Frederico VI financiou a primeira escavação arqueológica do complexo real, em 1704. Além disso, a grande pedra rúnica DR 42, erigida por Haraldr Dente Azul, estampa, a partir de 1997, os passaportes dinamarqueses. Percebe-se que a recorrente menção nos estudos sobre a Dinamarca na era viking da descendência – bastante indireta – da atual rainha, Margarida II, da dinastia Jelling, muitas vezes ao final dos textos, parece-nos um argumento tautológico em favor do sucesso do projeto de unificação territorial e centralização do poder régio promovido pelos primeiros reis daquela dinastia. Exemplos dessa menção, vide: HVASS, Steen. Jelling from Iron Age to Viking Age. In: WOOD, Ian; LUND, Niels. **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell Press, 1991. p. 160; FERGUSON, Robert. **The Hammer and the Cross: A New History of the Vikings**. Londres: Penguin Books, 2009. p. 208; PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. In: FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets. Studies in Runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006.

³⁰ Os *halls* ou salões, também chamados de *longhouses*, eram edifícios grandes e longos, geralmente com um único cômodo, destinados a receber convidados e servir como centro da vida social da comunidade. Interpretados como locais de morada ou exercício do poder dos chefes e reis.

³¹ *Haraldr konungr bað gera kuml þessi ept Gorm, fǫður sinn, ok ept Þyrvé, móður sína, sá Haraldr er sér vann Danmǫrk alla ok Norveg ok dani gerði kristna.*

realizadas, apontando para quanta riqueza e poder pessoal possuía o rei Haraldr.³²

Ao exaltar em sua pedra um “projeto” de unificação territorial do reino danês, iniciado por seu pai,³³ sendo sua pedra rúnica apelidada de “certidão de batismo da Dinamarca”, Haraldr marcou o processo de instauração do poder régio na Dania, que se iniciou no século VI. Desse século datam evidências arqueológicas que revelam a crescente concentração de recursos materiais nas mãos dos governantes, que passam a construir *halls* – os salões dos chefes escandinavos –, onde exerciam suas funções políticas e religiosas. Também se encontram vestígios anteriores ao início da era viking do nascimento das primeiras cidades comerciais.

Contudo, do aparecimento dos primeiros *halls* na idade do ferro tardia até o reinado de Dente Azul, uma série de transformações nas estruturas de poder na Dania se seguiram. Foram consequências inicialmente da expansão da ocupação como *viking*, que nomeia a era, marcada por incursões navais com finalidades de saques, colonização ou trocas comerciais e de serviços, que assolaram diferentes partes da Eurásia por três séculos. E foram os conflitos entre grupos de escandinavos com os reinos cristãos, consequência desses contatos, que levaram à gestão de um projeto de cristianização da Escandinávia, iniciado no reinado de Luís, o Piedoso. O imperador carolíngio conferiu à Arquidiocese de Hamburgo, fundada em 831 e localizada na recém-cristianizada Saxônia, o dever institucional de converter os pagãos nórdicos à fé e de sustentar trabalhos missionários nos territórios bárbaros.³⁴

Entretanto, cabe ressaltar que os escandinavos que participavam dessas incursões navais não eram chamados de vikings pelos povos que narraram tais contatos. Em fontes francas do século IX, encontram-se as denominações *gens Nortmannorum* e *gens Danorum*.³⁵

³² Ejnar Dyggve, após relatar que foram necessários 45 homens cavando diariamente por quatro meses para chegar a base do monte funerário Sul, na escavação de 1941, removendo 135.000 barris de terra, destacou a quantidade exuberante de mão-de-obra necessária para construção do complexo de Jelling, dado suas medidas, simetria e monumentos. DYGGVE, E.. The Royal Barrows at Jelling Excavations made in 1941, 1942 and 1947, and finds and findings resulting therefrom. *Antiquity*, Cambridge, v. 22, n. 88, 1948, pp. 190.

³³ Gormr o Velho teria unificado os territórios daneses na península da Jutlândia por meio de seu casamento com Thyrvæ “Melhoramento/Remédio da Dinamarca”, unindo daneses do sul e daneses do norte sob autoridade de um mesmo rei. Cf. LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). *People and Places in Northern Europe 500-1600*. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 163-169.

³⁴ Cf. ADAM BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. SCHMEIDLER, Bernhard (Ed.). MGH Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi, SS rer. Germ. 2. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1917. Sobre o processo de cristianização e interpretação da Gesta mencionada, cf. GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. O Início da Missão Cristianizadora da Escandinávia e sua Interpretação nas Gesta Hammaburgensis de Adam de Bremen. *Signum*. São Paulo, vol. 17, n.1, 2016. GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. O fracasso idealizado: reescrevendo a *Vita Anskarii* no *liber I* das *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen. *Diálogos*. Maringá. v. 24, n. 2, p. 376-396, mai./ago. 2020.

³⁵ GARIPZANOV, Ildar H.. Frontier Identities: Carolingian Frontier and the *gens Danorum*. In: GARIPZANOV, Ildar H.; GEARY, Patrick J.; URBANCZYK, Przemysław (Eds.). *Franks, Northmen, and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2008, p. 115.

Eguinardo, na *Vita Karoli Magni*, nos oferece uma diferenciação: *Nortmanni* era o termo usado pelos francos para se referirem a todos os povos germânicos que viviam ao Norte e estavam invadindo o império, mas que, na verdade, se chamavam *Dani*.³⁶ Na hagiografia do arcebispo de Hamburgo, Ansgário, um dos primeiros missionários na Escandinávia cujas viagens foram registradas, a *Vita Ansgarii* (c. 869 – 876), o hagiógrafo Rimberto distingue entre a *gens Danorum* e a *gens Sueonum*, e ambas teriam territórios definidos e chefiados por reis.³⁷

Ildar Garipzanov defende que essas classificações não corresponderiam às identidades étnicas escandinavas do século IX, mas podem indicar que os daneses, já que comumente diferenciados entre os *Nortmanni* e pelas indicações de que eram governados por *reges*, possuíam estruturas de poder político mais centralizadas entre os povos nórdicos, levando a essa associação pelo cronistas cristãos.³⁸

Os únicos que parecem ter utilizado *viking* para se referir aos invasores escandinavos durante a era viking foram os anglo-saxões, nas *Crônicas Anglo-saxãs*.³⁹ Encontramos o termo uma única vez na *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*, escrita por Adam de Bremen, em c. 1075, na versão latinizada *Wichingos*, usado para se referir a um povo específico e famoso pela pirataria que praticavam.⁴⁰ Snorri Sturlunson, na *Heimskringla*, uma série de sagas sobre os reis noruegueses escritas no século XIII, também utiliza *viking* para se

³⁶ *Ultimum contra Nordmannos, qui Dani vocantur [. . .] bellum susceptum est.* EINHARDI. *Vita Karoli Magni*. PERTZ, G. H.; WAITZ, G.; HOLDER-EGGER, O. (Eds.). MGH SRG, 25. Hannover: Hahn, 1911, p. 182.

³⁷ RIMBERT. *Vita Ansgarii*. WAITZ, Georg (Ed.). MGH SRG, 55. Hannover: Hahn, 1984. A divisão entre daneses e suecos também aparece nos *Anais de St Bertin*. *Annales Bertiniani*. WAITZ, Georg (Ed.). MGH SRG, 5. Hannover: Hahn, 1983, pp. 19–20. Os *Anais* também possuem uma das primeiras menções escritas aos *Rhos* (Rus), vide: SHEPARD, Jonathan Shepard. **The Emergence of Rus: 750–1200**. Londres: Longman, 1996, pp. 27–50.

³⁸ GARIPZANOV, Ildar H.. *Frontier Identities: Carolingian Frontier and the gens Danorum*. In: GARIPZANOV, Ildar H.; GEARY, Patrick J.; URBANCZYK, Przemysław (Eds.). **Franks, Northmen, and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe**. Turnhout: Brepols, 2008.

³⁹ Há ainda as denominações irlandesas, que distinguem entre os escandinavos: os *Finn gall*, ‘estrangeiros brancos’, os noruegueses; e os *Dub gall*, ‘estrangeiros negros’, os daneses. No Leste europeu eles chamavam de *rus* ou *varjag*. BRINK, Stefan. Who were the vikings? In: BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 5-7.

⁴⁰ *Aurum ibi plurimum, quod raptu congeritur piratico. Ipsi vero pyratae, quos illi Wichingos appellant, nostri Ascomannos, regi Danico tributum solvunt, ut liceat eis predam exercere a barbaris, qui circa hoc mare plurimi abundant.* ADAM BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. SCHMEIDLER, Bernhard (Ed.). MGH *Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi*, SS rer. Germ. 2. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1917, p. 233.

referir àqueles que se ocupavam com atividades piratas⁴¹ ou à própria expedição.⁴²

Hoje, o significado mais aceito entre os pesquisadores é baseado nos usos em pedras rúnicas das palavras em nórdico antigo *vikingr*, substantivo masculino normalmente traduzido como ‘guerreiro do mar’, e *viking*, substantivo feminino que significa a ‘guerra/expedição guerreira no mar’. Não há consenso, contudo, quanto à origem etimológica do termo. Ambas palavras poderiam ter derivado de *Viken*, nome da grande baía até Oslo, e do nome usado para chamar àqueles que lá viviam. Poderiam, também, derivar do termo *vik*, nórdico antigo para baía ou enseada, logo, se referindo àqueles que permanecem ou embarcam em uma *vik*. Uma terceira origem seria a palavra *vika*, que significa semana e também é uma métrica náutica, ou ainda outra teoria, uma derivação do verbo *víkja*, ‘mover, andar, viajar’, sendo então, viking, aquele que viaja.⁴³ De qualquer forma, pela semântica dos termos apresentados acima, depreendemos que o viking é aquele que embarca em expedições navais com finalidades de invasão, saque ou conquista. Na presente pesquisa usaremos viking para nomearmos a pessoa que se ocupa em atividades de incursão marítima, seja com fins belicosos ou não, e, conseqüentemente, para adjetivar essas expedições e costumes delas decorrentes.⁴⁴

As principais razões apontadas como causas da era viking⁴⁵ são o aumento dos conflitos por poder político na Escandinávia e o crescimento das trocas comerciais. De fato, evidências arqueológicas datadas da idade do ferro tardia (400 – 750)⁴⁶ de diferentes estruturas apontam para o cenário de competição política e a existência de chefes que controlavam recursos suficientes para despender na construção de defesas militares; canais navais; suntuosos sepultamentos; entesouramentos; nas bases das primeiras cidades

⁴¹ *En þat vǫru vikinga lög, þótt þeir væru at veizlum, at drekka sveitardrykkju.* ‘But it was the law of the vikings for all the company to drink together when they were at banquets’. STURLUNSON, Snorri. **Heimskringla: Volume I – The Beginnings to Óláfr Tryggvason.** FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 38.

⁴² *Var hann ok nökkur sumur í viking.* ‘He also spent some summers raiding’. STURLUNSON, Snorri. **Heimskringla: Volume I – The Beginnings to Óláfr Tryggvason.** FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 31.

⁴³ BRINK, Stefan. Who were the vikings? In: BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World.** Londres: Routledge, 2012, p. 6

⁴⁴ Manteremos em mente a ressalva de André Muceniecks quanto ao uso errôneo do termo viking quando dotado de carga étnica. Cf. MUCENIECKS, André Szczawlińska. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo.** Natal, n. 2, v. 2, 2010. pp. 1-10.

⁴⁵ A periodização era viking é um recorte temporal utilizado desde o século XIX, aparecendo pela primeira vez em 1836, no artigo do norueguês E. C. Werlauff e, em 1889, o franco-americano Paul Belloni du Chaillu o empregou em título de uma obra. Para a evolução do termo e a influência da historiografia anglo-saxã em sua popularização, vide: BIRRO, Renan Marques. O problema da temporalidade para os estudos da Europa nórdica: a “Era Viking”. **Nearco.** Rio de Janeiro, v. 6, 2013, p. 228-254.

⁴⁶ Também chamada de idade do ferro germânica. Essa, por sua vez, é dividida na historiografia e arqueologia norueguesa e sueca em período de migração (400 – 550) e período vendel ou merovíngio (550 – 800). PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 255.

comerciais e especialmente, em *halls* de chefes,⁴⁷ os grandes salões abertos onde realizavam celebrações em banquetes, presenteavam seus seguidores e forjavam novas alianças, além de realizarem suas prováveis funções religiosas.

Atualmente alguns pesquisadores, devido a essas evidências materiais que comprovam o crescimento da influência e poder dos chefes, que competiram entre si para construir e controlar infraestruturas administrativas e os nascentes centros comerciais, sustentam que o fenômeno de centralização do poder régio começou ainda na idade do ferro, ao menos na Dania, divergindo de uma outra historiografia que o localiza na era viking. Nesse sentido, a partir da década de 1990, arqueólogos como Lotte Hedeager⁴⁸ e Ulf Näsman⁴⁹ datam a origem da emergência do reino danês no século VI, graças ao declínio na diferenciação regional da cultura material no Sul da Escandinávia e a crescente integração social em torno dos centros de poder ou lugares centrais (ing. *central places*). Enquanto na década anterior, Else Roesdahl⁵⁰ e Olaf Olsen⁵¹ defenderam que havia um poder central organizado de considerável força no início do século VIII, pelo menos na península da Jutlândia. Mais recentemente, disse Dagfinn Skre sobre esse processo:

In the decades around AD 500, royal lineages were initiated in several Germanic polities, the Merovingians the most prominent among them. In contemporary Scandinavia, the Skjöldungar, the Skilfingar, and other royal lineages were initiated. In the same period, the number of tribes was reduced from the plethora of the 1st–6th centuries to predominantly three: the Danir, the Svíar, and the Norðmenn. The 6th century also saw the downfall of several ruler’s sites and the emergence of new such sites. It is suggested that these three parallel developments were related to the introduction of kingship and the establishment of kingdoms.⁵²

Danmörk trata-se da junção do gentílico *Danir*, daneses, e do sufixo *mark* (pl. *mörk*), com etimologia disputada, que significa marco (de fronteira ou de paisagem).⁵³ Já o termo *Danir* provavelmente significa “povo das terras-baixas”, cujas primeiras menções escritas

⁴⁷ PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 251 -320.

⁴⁸ HEDEAGER, Lotte. **Iron Age societies: From tribe to state in Northern Europe, 500 BC to AD 700**. Oxford: Blackwell, 1992.

⁴⁹ NÄSMAN, Ulf. The ethnogenesis of the Danes and the making of a Danish kingdom. In: DICKINSON, T.; GRIFFITHS, D. (Eds.). **The making of kingdoms**. Oxford: Oxford University Committee for Archaeology, 1999, p. 1-10.

⁵⁰ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 77. (3ª Ed.). A primeira edição data de 1987.

⁵¹ OLSEN, Olaf. Royal Power in Viking Age Denmark. In: Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.). **Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale**. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989, p. 27-32.

⁵² SKRE, Dagfinn. Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 193.

⁵³ LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In: WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe, 500-1600: essays in honour of Peter Hayes Sawyer**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 163-164

aparecem em: *História das Guerras*, de Procópio de Cesareia, escrita entre 545-551; *Getica* de Jordanes, escrita em 551; e *Historia Francorum*, de Gregório de Tours, do final do século VI.⁵⁴ Em resumo, o nome Dinamarca evoca tanto o povo quanto a terra que habitam.

Se comparada à Noruega e à Suécia, a península danesa da Jutlândia, a maior porção de terra do reino, mostra-se pequena, com 375 km de extensão de Skagen, no extremo Norte, ao rio Eider, no extremo Sul, na fronteira com a Alemanha. Enquanto a primeira mede 1800 km de extensão e a segunda, 1600 km. A linha costeira a leste é um fiorde, e o resto do território consiste de ilhas com tamanhos diferentes. O clima dinamarquês é temperado, com temperaturas médias de 16°C no verão e de 0°C no inverno. Na era viking, a principal ocupação dos daneses era a agricultura, e os peixes abundavam em seus mares, enquanto a caça tinha importância menor. Suas florestas decíduas, por outro lado, sofreram impactos duradouros devido ao enorme consumo de carvalhos durante a era para construções de navios e infraestruturas, como fortalezas, pontes e estradas para movimentação de materiais e pessoas.⁵⁵



Fig. 3 Escavação de estrada da era viking, no Sudoeste da Zelândia, Dinamarca.⁵⁶

⁵⁴ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 204-205.

⁵⁵ ROESDAHL, Else. **The Vikings.** Jouve: Penguin Books, 2016. p. 30.

⁵⁶ Na foto, observamos uma roda de madeira e um trenó como partes integrantes da fundação da estrada em toras de madeira e pavimentada em pedra, localizada em uma área pantanosa ao sudoeste da ilha danesa Zelândia.

No entanto, sua posição como “portão de entrada” tanto para o Báltico a leste quanto para o Mar do Norte a oeste, e como território vizinho aos povos saxões, frísios, saamis e eslavos, trouxe à Dania maiores benefícios em trocas comerciais. Ao controlarem, protegerem e taxarem o tráfico náutico entre a Europa Ocidental e a região báltica, os reis daneses acumularam recursos e puderam aumentar sua autoridade, inclusive estendendo-a para partes da Noruega e da Suécia, principalmente por meio da formação de alianças e do recebimento de tributos, pois, provavelmente, não se tratava de um domínio territorial direto.⁵⁷

O canal de navegação marítima Kanhave, construído em 726, na ilha de Samsø, atesta a expansão comercial nos mares ao Norte e a relevância para o poder régio danês do controle e taxação das rotas para o Báltico. Aqueles aliados ao rei contariam com sua proteção ao navegarem pelos estreitos Pequeno Belt (din. *Lillebælt*), localizado entre a Jutlândia e a ilha Fiónia (din. *Fyn*), e Grande Belt (din. *Storebælt*), entre a Fiónia (din. *Funen*) e a ilha Zelândia (din. *Sjælland*), enquanto aos demais restava o canal alternativo de entrada ao Báltico, o estreito Øresund, entre a Zelândia e a província sueca da Escândia (sue. *Scandia*). Esse último oferecia altos riscos, tanto pelas correntes marinhas como pela ameaça de “piratas”, e passaria também ao controle danês, com a dinastia Jelling.⁵⁸

Kanhave possuía quase 1 km de comprimento, com 11 m de largura e pouco menos de 2 m de profundidade.⁵⁹ Esse canal permitia eficiência no controle e proteção das áreas ao entorno de Samsø. Os navios daneses permaneciam atracados nas águas seguras do fiorde Stavns a leste e podiam rapidamente interceptar navegantes na costa oeste da ilha ao atravessarem o canal, cujos vestígios na paisagem podem ser vistos em fotografias aéreas. Além disso, Samsø é um ponto geográfico militarmente estratégico: do ponto mais alto da ilha (50 m) é possível avistar, em boas condições climáticas, tanto a península da Jutlândia quanto a Zelândia.⁶⁰

PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 346

⁵⁷ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia.** Nova York: Oxford University Press, 2000. pp. 22.

⁵⁸ SAWYER, Peter. The Age of the vikings and before. In: SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 7-8.

⁵⁹ PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 346.

⁶⁰ SAWYER, Peter. The Age of the vikings and before. In: SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 8.



Fig. 4 Foto aérea da região central da ilha de Samsø, com vestígios na paisagem do antigo canal de Kanhave.⁶¹

Colocam-se as perguntas: por que erigiram pedras rúnicas; por que o costume se espalhou pela Escandinávia, manifestando diferenciações regionais; e qual a relação das pedras com o suposto aumento da base de poder e recursos das elites nórdicas? Posto o escasso conhecimento das circunstâncias nas quais as primeiras pedras rúnicas foram erguidas se torna difícil oferecer uma resposta convicta e completa às questões. Contudo, acreditamos que ao olharmos para esses objetos considerando igualmente sua materialidade, sua espacialidade e sua inscrição,⁶² como partes de um discurso premeditado por seus patrocinadores, assim como vê-las como reflexos do contexto histórico no qual o fenômeno das pedras rúnicas se insere, i. e., o processo de negociações de poder entre as elites, a instauração da centralidade da autoridade régia danesa e conversão ao cristianismo, seremos então, capazes de analisar melhor as funções e efeitos desses monumentos na paisagem e nas sociedades danesas e escandinavas, em geral.

Nossa hipótese de trabalho é que as pedras rúnicas desempenharam papel central na comunicação, propagação e negociação de alianças sociais diversas, sejam matrimoniais, militares, econômicas ou religiosas. Além disso, eram monumentos que funcionam como formas de exibição de poder entre as elites de diferentes maneiras, em características distintas nas inscrições, localidades e suporte. As elites locais, confrontadas com as mudanças na forma de governo e expansão da nova fé, ostensivamente exibiam seu poder e status por meio

⁶¹ PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 348.

⁶² Reconhecemos a importância fundamental das ornamentações nas pedras rúnicas, inclusive para os processos de datação desse material. Todavia, por motivos de recorte e levando em consideração o escopo do *corpus* documental selecionado, optamos por excluir a análise imagética desta dissertação. A mesma será feita a posteriori.

desses monumentos, marcando sua posição social prestigiada na paisagem. Buscavam, portanto, registrar permanentemente direitos sobre terras ou bens, seu *locus* social, e o apoio ou rejeição aos missionários e à religião cristã, entre outras possíveis reivindicações e alianças. É necessário ressaltarmos a importância da formação e constante manutenção de alianças, por meio especialmente do costume de trocas-de-presentes, para as relações de poder dos chefes escandinavos e para o gradual estabelecimento da primazia do poder régio sobre os demais agentes políticos nos reinos nórdicos.⁶³ É nesse sistema de negociações e exibição de poderio que as pedras rúnicas se inseriram, indo além de sua função mais evidente de homenagem funerária.⁶⁴

⁶³ Vide: OLSEN, Olaf. **Royal Power in Viking Age Denmark**. In: Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.) Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989. pp. 27-32; ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 60-62; WINROTH, Anders. **The Age of the Vikings**. Princeton: Princeton University Press, 2014. pp. 132-134.

⁶⁴ IMER, Lisbeth M.. The Danish runestones – when and where?. **Danish Journal of Archaeology**, Copenhagen, v. 3, n. 2, 2014, p. 167.

Capítulo I – O poder na paisagem

O rei Haraldr Gormsson, em c. 965, ergueu uma impressionante pedra rúnica (DR 42⁶⁵) no complexo residencial régio de Jelling, em homenagem aos pais falecidos e em comemoração a suas conquistas. Assim, buscou afirmar na paisagem danesa parte do poder e domínio que exercia, ao dizer que “ganhou para *si* a Dinamarca toda e Noruega e *fez* os daneses cristãos”⁶⁶ (grifo nosso). Em sua pedra rúnica, Haraldr buscou estabelecer uma associação da memória de sua família às transformações que então ocorriam no reino danês, de forma tal que a dinastia de Jelling, iniciada com seus pais, é tradicionalmente tida como aquela responsável pela unificação territorial da Dinamarca sob o governo de um único monarca.⁶⁷

Todavia, com uma leitura mais atenta do monumento rúnico, notamos que a Dinamarca já existia como um território reconhecido segundo esse nome. Aliás, seu primeiro uso escrito autóctone está na pedra rúnica DR 41, patrocinada pelo rei Gormr o Velho, pai do supracitado Haraldr, também localizada em Jelling, em homenagem à “*Þyrvé, konu sína, Danmarkar bót*” (Thyrvé, sua esposa, melhoramento/remédio da Dinamarca)⁶⁸. Enquanto data dos séculos VIII e IX as primeiras menções escritas estrangeiras reconhecendo Dinamarca como um espaço geográfico determinado.⁶⁹ Se temos em mente os diferentes contextos e expressões do costume de erigir pedras rúnicas na Escandinávia quando analisamos os monumentos dos membros da dinastia Jelling, reconhecemos também que negociações pelo exercício do poder e dominação nesses territórios ocorriam ao longo desses reinados, daí a

⁶⁵ Os catálogos padronizados do *corpus* de inscrições rúnicas escandinavas *Danmarks runeindskrifter* (signo id. DR+), 1941–2; *Norges innskripter med de yngre runer* (NIyR+) 1941–; e *Sveriges runinskrifter* (SRI+), 1900–; atualmente estão reunidos e atualizados em catálogo online, hospedado pela Universidade de Uppsala, o **Samnordisk runtextdatabas**. Disponível em: <http://www.nordiska.uu.se/forskn/samnord.htm>.

⁶⁶ §A Haraldr konungr bað gera kuml þessi ept Gorm, fǫður sinn, ok ept Þyrvé, móður sína, sá Haraldr er sér vann Danmǫrk §B alla ok Norveg §C ok dani gerði kristna. §A Rei Haraldr ordenou erguer esses monumentos em memória de Gormr, seu pai, e de Þyrvé, sua mãe; aquele Haraldr que ganhou para si toda a Dinamarca §B e Noruega §C e fez os daneses cristãos. Tradução nossa ao português, segundo interpretação da inscrição rúnica presente em: JESCH, Judith. Reading the Jelling Inscription. In. GAMMELTOFT, Peder (Ed.). **Beretning fra enogtredivte tværfaglige vikingsymposium**. Højbjerg: Forlaget Wormianum, 2013, p. 8.

⁶⁷ Vide, por exemplo: FERGUSON, Robert. The master-builder: Harald Bluetooth and the Jelling Stone. In. FERGUSON, Robert. **The Hammer and the Cross: A New History of the Vikings**. Londres: Penguin Books, 2009, p. 196-215; GELTING, Michael H. The Kingdom of Denmark. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 73-120.

⁶⁸ Runinskrift DR 41. **Samnordisk runtextdatabas**. Institutionen för nordiska språk, Uppsala universitet. Disponível em: <http://kulturarvsdata.se/uu/srdb/4ed033a9-1fc7-40d7-a252-84c9c3810f02>.

⁶⁹ Cf. LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 161-169.

necessidade de Haraldr em afirmar e comemorar na paisagem que ele conquistou para si *toda* Dinamarca⁷⁰.

Conforme o promovido em seus monumentos memoriais, a dinastia Jelling atrelou-se à unificação e expansão territorial do reino dinamarquês e ao processo de cristianização dos daneses. Nesse sentido, suas pedras rúnicas configuram “decretos” ou “propagandas” de um poder régio que buscava firmar sua autoridade na paisagem danesa e, dessa forma, tornar a memória da dinastia indissociável da realização desses feitos e conquistas, talhados em pedra para que todos vissem e/ou lessem.

Todavia, mais frutífero que buscar uma data precisa para a dita “unificação” ou emergência desse reino, ou ainda, atribuir este fato a uma determinada dinastia, (replicando indistintamente o que foi comemorado na pedra rúnica de Haraldr), é realizar uma análise das transformações sociais e expressões de poder em jogo durante o estabelecimento e reinados da dinastia Jelling. Afinal, o estabelecimento de um reino unificado na Dinamarca foi, sem dúvida, um longo e paulatino processo – vestígios arqueológicos apontam que desde, pelo menos, o início do século VIII, a Dinamarca existia como um reino singular, sob governo de um “rei dos daneses”.⁷¹

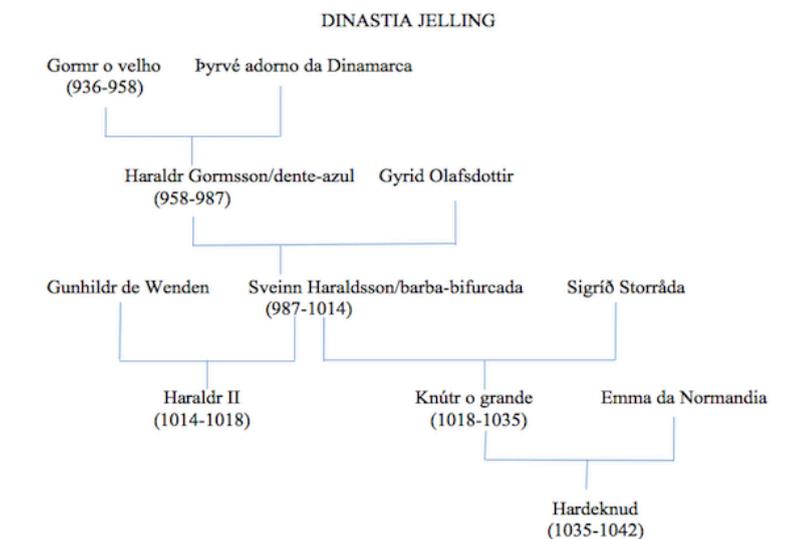


Fig. 5 Árvore genealógica simplificada da Dinastia Jelling.⁷²

⁷⁰ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bletooth. In. BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 652-4.

⁷¹ Vide: NÄSMAN, Ulf. The ethnogenesis of the Danes and the making of a Danish kingdom. In. DICKINSON, T.; GRIFFITHS, D. (Eds.) **The Making of Kingdoms: Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History 19**. Oxford: Oxbow Books, 1999; NÄSMAN, Ulf. Exchange and politics: the eighth–early ninth century in Denmark. In. HANSEN, I.L.; WICKHAM, C. (Eds.) **The Long Eighth Century**. Leiden, Boston e Cologne: Brill, 2000.

⁷² Esta árvore genealógica limita-se a mostrar os ramos de descendentes diretos de Gormr que reinaram na Dinamarca, cujos anos dos reinados são indicados abaixo dos nomes. Outros casamentos, filhos e filhas não foram indicados.

Dessa forma, as pedras rúnicas são caras evidências para investigar as relações de poder entre as elites, a formação de redes de alianças e formas de afirmação do poder régio danês. Esses são problemas investigados nesta pesquisa, que se preocupa também em apontar como diversos graus de poderes, de diferentes membros abastados da sociedade danesa, foram comemorados e marcados na paisagem, buscando, nesse sentido, evidenciar a complexificação da estratificação das camadas sociais mais abastadas na Dinamarca entre os séculos VIII e XIII.

Erigir uma pedra rúnica era uma atividade custosa, de consumo conspícuo, que demandava recursos e trabalhos especializados, e provavelmente, era acompanhada de cerimônias ou rituais coletivos celebrando a ocasião. No caso danês, as cerca de duzentas e onze pedras precisaram, provavelmente, ser importadas de outras localidades, como da Noruega e Suécia, já que não havia pedreira na Dinamarca que fornecesse os grandes blocos de pedra necessários para a fabricação. Dessa forma, podemos, a priori, associar esse costume memorial aos membros mais abastados das sociedades escandinavas, um monumento ostensivo de elites.⁷³

A runóloga Judith Jesch defendeu uma metodologia de análise das pedras rúnicas chamada de etimológica, na qual se leva em conta tanto os elementos linguísticos, como os elementos extra-linguísticos dos monumentos rúnicos – um processo que ela nomeou “semântica interdisciplinar” –. Ela advogou que os diferentes contextos associados ao fenômeno de erguer pedras devem ser levados em conta para uma melhor compreensão das inscrições nesses objetos. Segundo sua metodologia etimológica, haveria quatro tipos de contextos relacionados às pedras memoriais, elencados da seguinte forma:

- contextos semânticos:
 - imediato (e.g. colocações)
 - estrutural (e.g. sinônimos, antônimos)
 - onomástico (nomes próprios e apelidos)
- contextos discursivos:
 - fórmulas
 - dêixis
 - poesia
- contextos físicos:

⁷³ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 58-60.

- o próprio objeto/materialidade
- elementos estruturais e decorativos
- entorno físico
- contextos funcionais:
 - comunicação
 - monumentalidade⁷⁴

Ainda que a importância contextual e aspectos da materialidade, arte e espacialidade sejam considerados na metodologia da autora, ainda é possível notar como os aspectos linguísticos são considerados primeiramente e permanecem no centro de suas análises.

Nesse sentido, a fim de intentar uma análise mais transdisciplinar, seguiremos aspectos da metodologia etimológica, aliados a ideias da arqueologia da paisagem e estudos da memória, bem como análise histórica das mudanças sociais perceptíveis por meio das pedras memoriais. Como apontou Minoru Ozawa, enquanto a tendência linguística predomina nos estudos runológicos, as pedras rúnicas recebem pouca atenção de pesquisadores como evidências históricas – o que limita os horizontes desses pesquisadores.⁷⁵

Ademais, como ressaltou Julie Lund, boa parte dos trabalhos conferem pouca ênfase às qualidades materiais das pedras rúnicas, seus aspectos e referências espaciais, as relações com a paisagem e os efeitos corporais e mnemônicos nos observadores desses monumentos, especialmente no caso daqueles trabalhos que lidam com o *corpus* de pedras rúnicas danesas.⁷⁶ Ao longo deste capítulo, irei demonstrar alguns resultados e possibilidades de análise das pedras rúnicas, com ênfase na paisagem, especialmente por meio de exemplificação com certos aspectos da pedra rúnica de Haraldr Gormsson. Nesse sentido, exporei algumas das formas como as relações de poder podem ser percebidas nas pedras rúnicas, enquanto teço alguns comentários sobre questões e conceitos relevantes, a cada etapa de análise: 1) materialidade, 2) espacialidade e paisagem.

Como mencionado na introdução, o costume de erigir pedras rúnicas se espalhou por toda a Escandinávia entre os séculos VIII e XIII, porém com grande variação na distribuição

⁷⁴ Cf. JESCH, Judith. Runes and Words: Runic Lexicography in Context. **Futhark: International Journal of Runic Studies**, v. 4, 2013, p. 77-100; JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001.

⁷⁵ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 44-45.

⁷⁶ LUND, Julie. Rune Stones as Material Relations in Late Pagan and Early Christian South Scandinavia. **Danish Journal of Archaeology**, v. 9, 2020, p. 1-2.

regional. Há uma enorme concentração na região sueca, com quase 2700 pedras rúnicas, a maioria na região de Uplândia, enquanto na Noruega há cerca de 120 exemplares conhecidos. Runólogos acreditam, devido à datação relativa dos monumentos e provável padrão de distribuição, que o costume de erigir pedras rúnicas teria se espalhado entre as elites escandinavas a partir da padronização na fórmula de inscrição de homenagem, – i. e. “X erigiu esta pedra em memória de Y” (sendo “X” o patrocinador(a)(s) e “Y” o homenageado(a)(s) falecido(a)(s)). A fórmula teria sido consolidada pela elite danesa na península da Jutlândia. Entre c.950 e c.1030 teria se espalhado da Dinamarca à Noruega e ao sul da Suécia, enquanto na região de Uplândia e nas ilhas da Boríngia e da Gotlândia, especialmente, o costume se manteve até meados do século XIII.⁷⁷

A maior parte do *corpus* é formado de inscrições em uma única estela, normalmente de granito, (em alguns casos arenito, gneisse ou granito e gnaisse juntos), colocada “em pé” verticalmente. Algumas pedras estão dispostas em grupo ou têm inscrições conectadas, grafadas em mais de uma pedra, formando juntas um monumento-conjunto, por exemplo, os monumentos Hunnestad e Västra Strö, ambos na região de Escânia, na Suécia, sendo que último ainda permanece em seu local original. A maioria desses conjuntos está em territórios considerados, durante o período do costume de erguer pedras, como zonas de influência dos dinamarqueses e naturalmente, seus patrocinadores possuíam mais recursos para assim despenderem. Há também as pedras dispostas horizontalmente, geralmente sob túmulos, chamadas de pedras reclinadas ou tumulares; há algumas que foram gravadas em formações rochosas naturais e; ainda, as que não contêm inscrições rúnicas, apenas representações imagéticas, denominadas como pedras de imagem.⁷⁸ Nesta pesquisa nos preocupamos apenas com aquelas pedras classificadas como pedras rúnicas, excluindo-se as pedras de imagem e as pedras tumulares.

⁷⁷ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 10-1.

⁷⁸ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 54-5.



Fig. 6 Monumento de Västra Strö, Suécia, composto por sete pedras rúnicas. © Museu Nacional da Dinamarca.⁷⁹

Apesar das muitas variações em forma, tamanho, disposição na paisagem, layout da inscrição e design, etc, a característica comum a todas as pedras rúnicas é sua condição como monumento memorial a uma pessoa falecida, expressado especialmente na escrita da fórmula inicial comemorativa, que está virtualmente presente em todas elas, (mesmo que com pequenas variações ao longo do tempo, indo de mais curtas e simples nos primeiros séculos de expressão do costume, à inscrições mais longas, com diferentes acréscimos à fórmula padrão). Além de sempre terem suporte material em pedra e serem dispostas em locais de alta visibilidade na paisagem danesa, como próximas a caminhos, rotas, pontes, cemitérios ou montes funerários.

⁷⁹ Samnordisk runtextdatabas. Institutionen för nordiska språk, Uppsala universitet. Disponível em: <http://kulturarvsdata.se/uu/srdb/6e1b2d0e-eadb-4ffd-8798-074f130ed686>.



Mapa 1 Mapa da Dinamarca na Era Viking.⁸⁰

Seguindo essas características e tipos de pedras rúnicas, realizei a contagem do *corpus* de monumentos daneses e alcancei o número de 259 exemplares, cotejando três diferentes catálogos, – nossas fontes primárias –, disponíveis online: o *Danmarks runeindskrifter*, hospedado pelo Museu Nacional da Dinamarca,⁸¹ o *Samnordisk runtextdatabas*, hospedado pela Universidade de Uppsala,⁸² e o *Runische Schriftlichkeit in den germanischen Sprachen*, pela Academia de Ciências de Göttingen.⁸³ O *corpus* distribui-se da seguinte forma nos territórios, que são, em acordo com o catálogo *Danmarks runeindskrifter*, divididos por onze

⁸⁰ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bletooth. In. BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 653.

⁸¹ <https://runer.ku.dk>.

⁸² [Runor](#).

⁸³ [RuneS](#).

regiões: 6 pedras em Schleswig-Holstein; 20 na porção sul da península da Jutlândia (din. *Syddanmark*; ing. *South Jutland*); 27 na parte norte (din. *Nordjylland*) e 61 pedras na parte central da Jutlândia (din. *Midtjylland*); 12 na ilha Fiônia (din. *Fyn*; ing. *Funen*); 7 nas ilhas Lolland-Falster; 17 na Zelândia (din. *Sjælland*; ing. *Zealand*); 60 em Escânia (sue. *Skåne*; ing. *Scania*); 8 na Blecíngia (sue./ing. *Blekinge*); 40 na ilha Boríngia (din./ing. *Bornholm*) e 1 exemplar em Halândia (sue./ing. *Halland*).⁸⁴ Ainda, por razões de limitação de escopo, optamos por excluir do *corpus* documental e dos cálculos a região da Blecíngia e a ilha Boríngia, pois essas não faziam parte dos territórios daneses durante a era viking.⁸⁵

Quanto à datação desses monumentos, grande parte das pedras rúnicas está associada ao período em que reinaram as cinco primeiras gerações da dinastia Jelling. Há 150 pedras que podem ser seguramente datadas entre os anos de 900⁸⁶ e 1020, ou seja, 71,09% do *corpus* documental, sendo que 127 dessas pedras podem ser seguramente datadas entre 970 e 1020, isto é, durante o final do reinado de Haraldr Gormsson, reinado de Sveinn Haraldsson, o curto reinado de Haraldr Svendsen (ou Haraldr II da Dinamarca) e os dois primeiros anos do reinado de Knútr o Grande (2^a, 3^a e 4^a gerações da dinastia Jelling). A grande maioria dos monumentos desse intervalo de tempo está na parte central da Jutlândia, com 61 exemplares, ou seja, próximos ao conglomerado de pedras rúnicas presente da parte centro-leste da península e relativamente próximos às pedras de Jelling (porção sul da Jutlândia). A segunda região com mais exemplares datados entre 900 e 1020 trata-se da região sueca de Escânia, onde encontram-se 60 pedras.⁸⁷ Esse fato pode possivelmente indicar uma influência danesa e dos governantes Jelling, que passaram a dominar indiretamente a Escânia a partir do reinado de Haraldr Gormsson, ainda que pudessem ter influência na região anteriormente.⁸⁸ É possível

⁸⁴ Quando os rúnólogos Lis Jacobsen e Erik Moltke realizaram a primeira catalogação completa das pedras rúnicas danesas, publicada em 1941-2 e de onde veio a representação e contagem sob o signo DR+, mantida ainda hoje, classificaram todas as pedras rúnicas encontradas nas porções territoriais de Escânia, Blecíngia e Halândia, na Suécia, como DR+, pois essas regiões eram, de forma geral, controladas pelos dinamarqueses entre meados do século X ao século XI. JACOBSEN, L.; MOLTKE, E.. **Danmarks runeindskrifter**. Copenhagen: København Ejnar Munksgaards, 1941-1942.

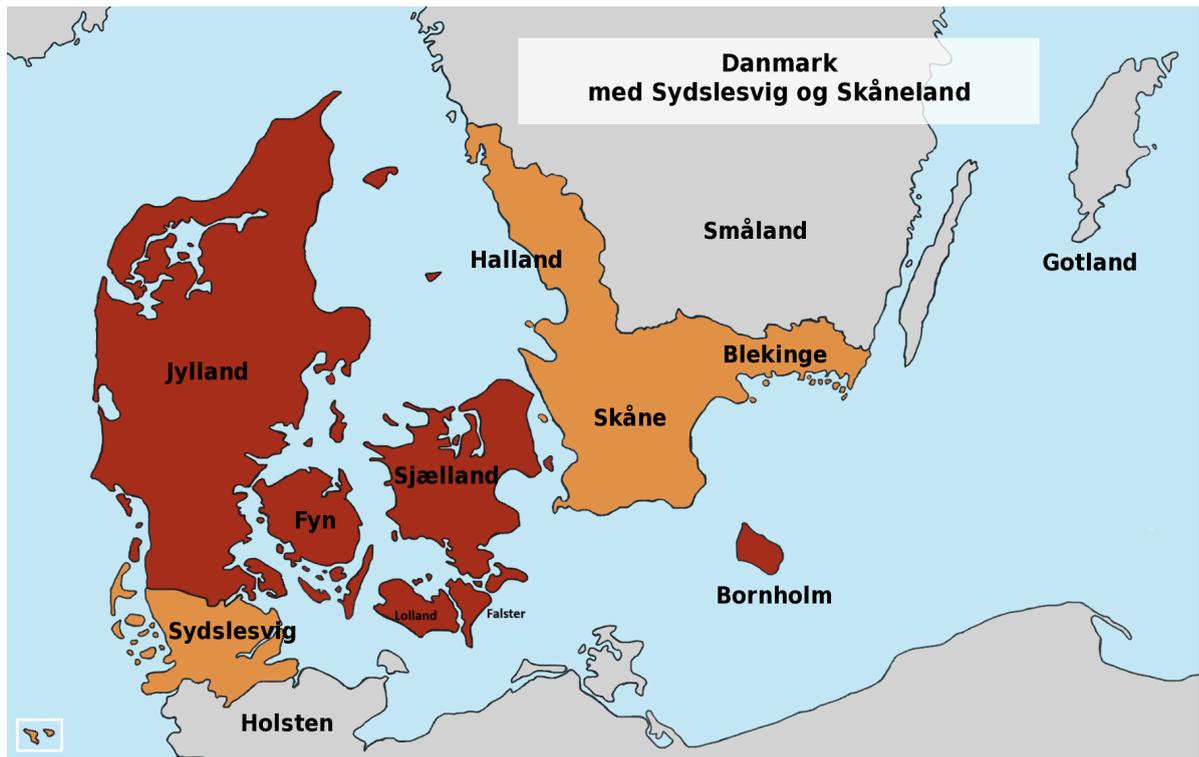
⁸⁵ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bluetooth. In. BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. Nova York: Routledge, 2008, p. 652.

⁸⁶ Como as datações tipológicas lidam com intervalos mais longos de tempo, precisamos reconhecer que Gormr, o primeiro monarca da dinastia Jelling, iniciou o reinado somente em c. 936, o que poderia alterar os números indicados, caso fosse possível uma datação precisa. Infelizmente, tratando-se de suportes de pedras, não é possível datação com radiocarbono, pois são materiais inorgânicos. Tampouco é possível recorrer à datação estratigráfica, dado que virtualmente todas as pedras rúnicas foram deslocadas de seus contextos originais. Dessa forma, resta a proposição de datações tipológicas, conforme diferentes aspectos linguísticos, artísticos ou espaciais dos monumentos.

⁸⁷ As outras pedras rúnicas datadas entre 900 e 1020 distribuem-se da seguinte forma: 10 no sul da Jutlândia,, 5 em Lolland-Falster, 4 na Zelândia, 2 em Schleswig-Holstein e 21 no norte da Jutlândia.

⁸⁸ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bluetooth. In. BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. Nova York: Routledge, 2008, p. 652.

perceber nas pedras rúnicas desse intervalo de tempo mais comemorações e/ou um aumento no número de homens com cargos ou títulos sociais e/ou militares⁸⁹ em comparação aos períodos anterior, com 33 pedras,⁹⁰ e posterior, com 28 exemplares,⁹¹ o que aponta para negociações de poder na paisagem, por meio desses monumentos. Como esses títulos relacionam-se (ou não) à afirmação do poder régio dos Jelling, será um ponto investigado na pesquisa.



Mapa 2 Mapa das regiões dinamarquesas e suecas mencionadas. O marrom representa províncias atualmente pertencentes a Dinamarca, enquanto o laranja representa províncias suecas ou alemã (Schleswig). © Creative Commons Attribution-Share Alike 4.0 International.⁹²

1. O poder na materialidade

Quanto à materialidade dos monumentos rúnicos, gostaríamos de destacar primeiramente que foram feitas em pedra com uma finalidade física e simbólica, cuja longa durabilidade do suporte aumentava sua eficácia performativa. Tendo sido concebida para ser

⁸⁹ Há 85 pedras com títulos ou posições sociais datadas entre 900 e 1020.

⁹⁰ Das quais apenas 4 possuem títulos, 3 na Fionia e 1 na Zelândia.

⁹¹ Dos quais somente 2 possuem títulos, localizados na Escânia.

⁹² Os nomes Lolland e Falster foram incluídos no mapa. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:DanmarkSydslesvigSkaaneland.png>.

um monumento eterno, “*le message véhiculé est en partie légitimé par le média lui-même*”.⁹³ Cabe apontar, inclusive, que essa consciência da própria materialidade pode ser percebida na construção da fórmula padrão de homenagem. Principalmente nas primeiras pedras erigidas, as inscrições tendiam a utilizar o termo *kuml*, isto é, “X erigiu esse(s) *monumento(s)* em memória de Y”. Porém, quando há a padronização da inscrição e maior difusão do costume, passaram a usar majoritariamente o termo *stein*, “erigiu essa *pedra*”.⁹⁴

Nesse sentido, indicamos um caso de pedra rúnica em que a relação entre a durabilidade da memória, veiculada no monumento, e a durabilidade do suporte lítico são expressados em sua inscrição de tal maneira, que conferem uma forma diferenciada de agência ao artefato. No exemplar DR 212, encontrado em Lolland-Falster, com 143 cm de altura e uma grande cruz processional esculpida na terceira face, que diz: “Áskell, filho de Súlki, mandou erigir essa pedra erigida em memória de si mesmo. *Sempre permanecerá, enquanto a pedra viver, este memento*, que Áskell produziu. Que Cristo e São Miguel ajudem sua alma. Tóki gravou as runas em memória de Þóra, sua madrasta, uma boa esposa.” (Grifo nosso).⁹⁵ Além disso, a pedra DR 212 também é singular por tratar-se do único caso no *corpus* em que consta uma inscrição em que patrocinador e homenageado são a mesma pessoa. Cabe indagar-nos porque Áskell, filho de Súlki, produziu a pedra ele mesmo – conforme indica a inscrição –, em memória de si mesmo. Não teria ele descendentes a quem o dever de produzir uma pedra memorial seria incumbido? Não confiaria ele que sua herança fosse ser assim despendida em sua homenagem? Estaria ele em declínio social e buscando afirmar parte do poder ou status que restava-lhe na paisagem? Sem dúvida ele seria um homem prestigiado, posto a complexidade de sua mensagem, que conta ainda com uma constatação de hereditariedade e com uma oração a Cristo e São Miguel. O que Áskell quis dizer com “Áskell produziu”, contudo não é certo. Talvez, mas não necessariamente, a grande cruz processional estampada no granito tenha sido de autoria de Tóki, quem gravou as runas também (discussão que trataremos mais adiante neste capítulo). Ou ainda, teria sido um trabalho cooperativo entre Áskell e Tóki, o gravador da segunda homenagem, também essa

⁹³ MORSEL, Joseph. Ce qu’écire veut dire au Moyen Âge... Observations préliminaires à une étude de la scripturalité médiévale. **Memini**. Travaux et documents de la Société des études médiévales du Québec, 2000, p. 8.

⁹⁴ “When written on rune stones *kuml* could refer to different material expressions. It could be the rune stone itself, other stones without inscriptions arranged in specific ways in close proximity to the rune stone, or indeed a burial mound.” DANIELSSON, Ing-Marie Back. More Theory for Mortuary Research of the Viking World. **European Journal of Archaeology**, n. 19, v. 3, 2016, p. 524.

⁹⁵ §A Áskell Súlka sonr lét reisa stein þenna ept sjalfan sik. Æ mun standa, með steinn lifir, vitrind sú, er vann Áskell. §B Krístr hjalpi sál hans ok sankta Mikjáll. §C Tóki risti rúnar eptir [Þ]óru, stjúp móður sína, konu góða. Runinskrift DR 212. **Samnordisk runtextdatabas**. Institutionen för nordiska språk, Uppsala universitet. Disponível em: <http://kulturarvsdata.se/uu/srdb/287c389a-ade3-4bde-b3d1-4a1dde6deaec>.

singular, afinal, trata-se do único caso no *corpus* de uma homenagem de um homem a sua madrasta, quem era *konu góða*, boa esposa.



Fig. 7, 8 e 9 Faces A, B e C da pedra rúnica DR 212 ou pedra de Tillitse. © Museu Nacional da Dinamarca.⁹⁶

A cultura material, e, em particular, os monumentos, podem funcionar como agentes mnemônicos para a memória coletiva de grupos sociais, especialmente se disposta na paisagem. As pedras rúnicas não representam, simplesmente, as relações sociais e de poder, mas elas as materializam no espaço.⁹⁷ Nas últimas três décadas, o foco na materialidade vem impactando nos estudos sobre as interações entre objetos e humanos, sobre as qualidades materiais dos artefatos e sobre os efeitos da materialidade nas pessoas e corpos. Em nível universal, a memória é fundamentalmente conectada às localidades físicas. Pesquisas neurocientíficas demonstraram essa conexão, uma vez que memórias e referências espaciais são gravadas como uma unidade só nos cérebros humanos: o que significa que ao apreendermos a localização de determinado lugar na paisagem, realizamos simultaneamente uma associação desse lugar com eventos específicos. Assim, as dimensões materiais da memória também incluem aspectos de espacialidades.⁹⁸

Considerações sobre tamanhos devem ser feitas para auxiliar na compreensão dos impactos na paisagem provocados pelas pedras rúnicas. A altura média de uma mulher danesa

⁹⁶ Disponível em: <https://runer.ku.dk/q.php?p=runer/genstande/genstand/209>.

⁹⁷ LUND, Julie. Rune Stones as Material Relations in Late Pagan and Early Christian South Scandinavia. *Danish Journal of Archaeology*, v. 9, 2020, p. 3.

⁹⁸ MOSER, May-Bryt; MOSER, Edvard. Distributed Encoding and Retrieval of Spatial Memory in the Hippocampus. *The Journal of Neuroscience*, n. 18, v. 18, p. 7535-7542, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1523/jneurosci.18-18-07535.1998>.

na era viking seria de, aproximadamente, 158 cm, enquanto a dos homens seria de c. 172 cm.⁹⁹ Já a altura média das pedras rúnicas danesas, segundo nossos cálculos, realizados por meio de informações presentes nos catálogos e excluindo as 33 pedras fragmentadas e outras 30 cujos registros de tamanho não constam, seria de c. 152 cm. De forma que podemos assumir que a maioria das pedras rúnicas estaria à altura do olhar de um transeunte a pé. Se alinharmos este fato ao de que a maioria do terreno dinamarquês está à altura do nível do mar, chegamos na ideia de que não seria de difícil visibilidade boa parte dos monumentos, uma vez que sempre eram colocados em locais de destaque na paisagem.

Como chamou à atenção Ozawa, aparentemente os daneses tinham preferência em manter o máximo possível da forma natural do bloco de pedra escolhido para a fabricação da pedra rúnica, diferentemente de outros monumentos funerários de mesmo suporte material gregos ou romanos, que eram cortados em forma linear ou geométrica.¹⁰⁰ O runólogo justifica tal preferência como ancorada em práticas religiosas e na sensibilidade estética dos daneses. Conquanto, achamos que a consciência do poder e do impacto do suporte, assim como, uma noção de integração – pela manutenção do aspecto natural de rocha – aliada à noção de destaque – pela raridade, custo e posicionamento estratégico – das pedras rúnicas na paisagem, sejam razões pertinentes para que os daneses e outros escandinavos tenham preferido esculpir suas homenagens funerárias dessa maneira.

Sobre a materialidade das pedras rúnicas, em suma, consideramos os tamanhos e efeitos do suporte lítico, como nos seus impactos na paisagem e na “auto-consciência” desses efeitos presente nesses monumentos memoriais, especialmente na inscrição formulaica com o uso de *kuml* [monumento(s)] e *steinn* (pedra), o que será melhor discutido no segundo capítulo. Todavia, antes de exemplificarmos esses casos, achamos necessário definir o que entendemos por monumentos memoriais, para melhor compreensão dos efeitos da materialidade.

No prefácio de seu livro *Making sense of monuments*, Michael Kolb apresenta a definição de monumento e seus três tipos. Para o autor, um monumento é uma mídia singular de cultura material, todas aquelas coisas que os humanos constroem, adquirem, utilizam, e compartilham durante suas vidas. Por outro lado, cultura material é definida como itens que

⁹⁹ Sellevold, B.J.; Lund Hansen, U.; Balslev Jørgensen, J.. **Iron Age man in Denmark**. Copenhagen: Det Kongelige Nordiske Oldskriftselskab, 1984, p. 175-181.

¹⁰⁰ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 58.

representam importantes sinais de cultura, que definem, descrevem, e comunicam significados sociais específicos e representações coletivas.¹⁰¹ Ele considera que há três tipos de monumentos: monumentos memoriais, monumentos de veneração e monumentos de marcação. As pedras rúnicas se encaixam no primeiro caso, com aspectos do terceiro tipo.

Para os monumentos memoriais, Kolb inicia a explicação analisando a origem da palavra monumento. Monumento vem das palavras em latim: *monumentum*, “um memorial”; e *monēre* ou *admonēre*, “relembrar, advertir ou aconselhar”. Nesse sentido, o mais literal (e talvez mais antigo) dos tipos de monumento são os monumentos memoriais, por exemplo as lápides e sepulcros aos mortos. Assim, ele refere-se às palavras de Horácio (*Carmen Saeculare* IV, 8), quem escreveu no século I: “Estátuas de mármore, gravadas com inscrições públicas, pelas quais a vida e a alma retornam após a morte para nobre líderes.”¹⁰² Ao encontro dessa citação, ele menciona que esse significado/tipo de monumento mudou pouco desde o século I, pois, como escreveu o clérigo e historiador Thomas Fuller, em 1648, na obra *Essays on tombs*: “Tombs are the clothes of the dead. A grave is but a plain suit, and a rich monument is one embroidered.”¹⁰³ Dessa forma, monumentos memoriais, como os marcadores funerários, servem de memoriais para os mortos exaltados, comemorações de suas realizações e vidas, preservando suas memórias e oferecendo um grau de imortalidade. Percebe-se, logo, como as pedras rúnicas, como monumentos que (co)memoram os mortos de camadas sociais privilegiadas e abastadas, encaixam bem com a definição de monumento memorial. Além disso, encontramos na *Heimskringla*, de Snorri Sturluson, escrita em c. 1220, uma referência às pedras rúnicas como pedras memoriais: “The first age is called the Age of Burning. At that time all dead people had to be burned and memorial stones raised for them, but after Freyr had been interred in a mound at Uppsalar, many rulers built mounds as well as memorial stones in memory of their kinsmen.”¹⁰⁴

O segundo tipo de monumento é o de veneração, que significa uma estrutura construída para venerar uma experiência social coletiva ou uma ideia.¹⁰⁵ Sobre este tipo de

¹⁰¹ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale.** Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvi.

¹⁰² *Incisa notis marmora publicis, per quae spiritus et vita redit bonis post mortem ducibus.* KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale.** Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvi.

¹⁰³ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale.** Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvi.

¹⁰⁴ STURLUSON, Snorri. **Heimskringla.** Volume I: The Beginnings to Óláfr Tryggvason. FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 3.

¹⁰⁵ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale.** Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvi-xvii.

monumento, ele escreveu:

Edifices of this type represent some of the most poignant and sophisticated accomplishments of human society. Contemporary examples include towering skyscrapers and expansive bridges, structures that showcase our modern technological capabilities. More impressive perhaps than modern monuments are humanity's ancient edifices; built from hard-carved stone, they possess a combination of archaic technological sophistication and a resilience to natural decay. The Egyptian pyramids, for example, are familiar to the youngest of school children because they remain the quintessential case study of power and wealth. The lofty trilithons of Stonehenge remain the enigmatic fusion of cosmology and landscape. And Machu Picchu offers an unparalleled glimpse into a richly codified social order of kings and nobles.¹⁰⁶

Por fim, para os monumentos de marcação, Kolb propõe o significado: um objeto usado para marcar ou manter uma fronteira ou posição. Monumentos desse tipo incluem as alterações humanas no meio ambiente natural, como pedras erigidas ou estátuas que servem para definir uma fronteira ou designar um limite. Cemitérios, palácios reais, a Grande Muralha da China, por exemplo, todos exemplificam monumentos de marcação. Essas marcações podem ser entre o natural e o social, os vivos e os mortos, ou o passado e o presente.¹⁰⁷ Sobre a relação entre os monumentos de marcação e os monumentos memoriais:

Similar to our previous definitions, marking monuments help **manage and regulate social interaction** because they are not easily altered or removed. However, they are polar opposites of the memorializing monuments. Instead of serving as **temporal anchors lodged in space**, marking monuments serve as **spatial references lodged in time**. Once established, a marker may, at some point, become outdated, a vestige of obsolete ideas and interactions, or they may in turn be used to produce and circulate new symbolic meanings.¹⁰⁸ (Grifo nosso).

Como estamos defendendo neste capítulo, as pedras rúnicas funcionam como marcos na paisagem, referências espaciais e materiais para as relações e mudanças sociais que ocorriam entre as elites danesas ao longo da era viking e início do período medieval, a saber a complexificação da estratificação das camadas sociais mais abastadas do reino, incluindo nessa acepção os guerreiros, o “exército”, que ao adquirirem títulos, revela-se uma “profissionalização” do grupo. Nesse caminho, defendemos que as pedras memoriais também

¹⁰⁶ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale**. Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvi-xvii.

¹⁰⁷ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale**. Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvii.

¹⁰⁸ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale**. Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xvii.

são pedras de marcação. Como dito na citação acima, esses monumentos de marcação são por vezes ressignificados, ao serem trasladados para outros locais. Isso se verifica nos deslocamentos de pedras rúnicas de seus locais originais para igrejas e cemitérios, uma vez que o costume de erguê-las estava decaindo – o que trataremos melhor na próxima seção deste capítulo.

Para finalizar a discussão sobre monumentos, gostaríamos de ressaltar como o estudo desses permite análises sobre estéticas humanas, formas de viver, valores sociais, e, especialmente, um fenômeno em particular: a monumental reprodução de hierarquias políticas.¹⁰⁹ A este processo dá-se o nome de monumentalidade, isto é, o uso cultural e político de monumentos públicos.¹¹⁰

A grande pedra rúnica de Jelling (DR 42) é considerada como responsável pelo início da transformação no costume, aquela que levou as pedras rúnicas à sua “popularização” entre as elites, nas décadas finais do século X. É um monumento único em muitas formas, mas considera-se que tem todos os aspectos basilares que viriam a caracterizar a tradição de erguer pedras no final da era viking.¹¹¹ Ela possui formato piramidal com três faces e impressionantes 243 cm de altura. Na primeira face do granito cinza-avermelhado, há quatro linhas do texto rúnico enquadradas com faixas, as quais têm extensões ornamentais folhosas, como gavinhas de videira, e incorporam no topo uma serpente, cuja cabeça já está bem desgastada. A inscrição continua na parte inferior dos dois outros lados abaixo das imagens (talvez, funcionando como formas de legendas), a iconografia da grande fera, na segunda face, e um Cristo crucificado sem a cruz, na terceira face. É o único caso de pedra rúnica danesa que possui praticamente toda sua superfície visível entalhada.

DR 42: §A haraltr : kunukr : baþ : kaurua ¶ kubl : þausi : aft : kurm faþur sin ¶ auk aft : þourui : muþur : sina : sa ¶ haraltr (:) ias : sor · uan · tanmaurk

§B ala · auk · nuruiak §C (·) auk t(a)ni (k)(a)(r)(þ)(i) kristno

NA: §A *Haraldr konungr bað gera kuml þessi ept Gorm, fǫður sinn, ok ept Þyrvé, móður sína, sá Haraldr er sér vann Danmǫrk*

¹⁰⁹ KOLB, Michael J. **Making sense of monuments: narratives of time, movement, and scale.** Oxon/Nova York: Routledge, 2020, p. xviii-xix.

¹¹⁰ DRINOT, Paulo. For whom the eye cries: memory, monumentality, and the ontologies of violence in Peru. **Journal of Latin American Cultural Studies:** Travesia, 18:1, 15-32, 2009. DOI: 10.1080/13569320902819745.

¹¹¹ GRÄSLUND, Anne-Sofie; LAGER, Linn. Runestones and the christian missions. In. BRINK, Stefan; PRICE, Neil. (Orgs.). **The Viking World.** Londres: Routledge, 2012, p. 629.

§B alla ok Norveg §C ok dani gerði kristna.

Trad: §A Rei Haraldr ordenou erguer esses monumentos em memória de Gormr, seu pai, e de Pýrvé, sua mãe; aquele Haraldr que ganhou para si a Dinamarca

§B toda e Noruega §C e fez os daneses cristãos.



Figs. 10, 11 e 12 Faces A, B e C da DR 42. © Museu Nacional da Dinamarca.¹¹² Ressaltamos como a iluminação escolhida e o fundo negro ampliam o destaque do monumento em voga quando comparado ao caso anterior, por exemplo. Essa intenção de destaque da pedra rúnica de Haraldr por parte do Museu da Dinamarca merece ser apontada.

Uma forma de diferenciar e de tornar uma pedra rúnica mais ostensiva e marcante na paisagem era acrescentando-lhe ornamentação. Além disso, pode-se pensar que no caso de transeuntes iletrados, seria possível eles reconhecerem ao menos parte do significado e o *status* da pedra rúnica, por meio dos símbolos e imagens nelas contidos, como cruzes, grandes feras e triquetras, por exemplo. Os graus de elaboração e dificuldade dos trabalhos do(s) escultor(es) rúnico(s), seja na inscrição, seja na ornamentação, seriam reconhecidos e colaboravam na atribuição de significado e prestígio dos monumentos. Esses tipos de esculturas em pedra não são criadas em meros momentos, mas levavam semanas, possivelmente meses para serem concluídas, por um ou mais artistas. Estudos da micro-topografia das incisões e técnicas de entalhe, via scanneamentos 3D de alta resolução, complementados com métodos matemáticos e estatísticos, foram realizados pela arqueóloga Laila Kitzler Åhfeldt, a fim de explorar a cooperação e mobilidade dos gravadores de runas. Ela concluiu que as pedras rúnicas eram esculpidas em uma sucessão de etapas demoradas, em

¹¹² Projeto Jelling. Disponível em: [Jellingstenen - Harald Blåtands runesten - Jellingprojektet](#).

alguns casos com colaboração de artistas locais e também de outras localidades¹¹³:

The mobility and collaboration of rune carvers, as **members of households with special skills**, such as literacy, artistic talent and stone-carving skills, may reflect relationships between families, households and other **power spheres**. The opportunities available for rune carvers, as well as their inclination to travel and to carve monuments in new regions, would probably have been influenced by the power relationships and alliances of the respective families. Runestones have often been interpreted in relation to landowning, royal power, and political influence, which in turn is related to martial aspects of society, and war campaigns. However, the raising of monumental runestones required more time than an army on the move could provide, which means that they were probably created and raised between conflicts, partly because the carvers would have needed protection while working. Hence, it is unlikely that runestones were carved and raised during acute stages of conflict, since conditions would have to be reasonably stable for such time-consuming tasks. [...] It is possible that rune carvers arrived in the wake of instances of intra-Scandinavian political strife, as a part of such post-war activities. Contrary to stages of acute conflict, the monuments indicate a need to maintain amicable relationships and **stable alliances**. Thus, the carvers may have helped to specify, define, and confirm new alliances and pacts of friendship. [Grifo nosso]¹¹⁴

Provavelmente, conforme análises realizadas por Åhfeldt, um escultor de runas era o responsável pela gravação da inscrição, enquanto outro(s) era(m) pela ornamentação das pedras. O trabalho em times para fabricação das pedras rúnicas parece ocorrer especialmente em contextos rurais.¹¹⁵ Atualmente as imagens são acromáticas, mas sabe-se que as pedras eram pintadas em cores vibrantes, principalmente em vermelho e preto.¹¹⁶ As ornamentações podem ser divididas em duas categorias. A primeira são ornamentações que foram dispostas ao redor ou conectadas ao texto rúnico: os motivos espirais; as serpentes; elementos da flora; triquetras; fitas e acoplamentos. O segundo são imagens maiores, independentes do layout da inscrição: os motivos iconográficos de cruzes cristãs; navios; imagens de fauna, figurações e *bowl pits* ou “cavidades de tigela”.¹¹⁷

A grande pedra rúnica patrocinada pelo rei Haraldr Gormsson possui duas imagens, envoltas em ampla discussão e possibilidades interpretativas, especialmente no caso da iconografia na segunda face da pedra. Tradicionalmente chamada de grande fera, esse motivo iconográfico inspirou muitas imagens semelhantes em outras pedras. Apenas nos territórios

¹¹³ ÅHFELDT, Laila Kitzler. Rune Carvers in Military Campaigns. In. IVERSEN, Frode; KJESRUD, Karoline (Eds.) **Viking Wars**. Oslo: Norwegian Archaeological Society, 2021, p. 207-10.

¹¹⁴ ÅHFELDT, Laila Kitzler. Rune Carvers in Military Campaigns. In. IVERSEN, Frode; KJESRUD, Karoline (Eds.) **Viking Wars**. Oslo: Norwegian Archaeological Society, 2021, p. 225.

¹¹⁵ ÅHFELDT, Laila Kitzler. Carving Technique and Runic Literacy. In. ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 96-7.

¹¹⁶ DANIELSSON, Ing-Marie Back. Walking Down Memory Lane: Rune-Stones as Mnemonic Agents in the Landscapes of Late Viking-Age Scandinavia. In. WILLIAMS, Howard, et. al. (Eds.) **Early medieval stone monuments: Materiality, biography, landscape**. Woodbridge: Boydell Press, 2015, p. 76-7.

¹¹⁷ As “cavidades de tigela” são cavidades circulares em baixo-relevo talhadas nas pedras, em alguns casos, chegando a formar buracos que transpassam-nas. Ocorrem em 8 pedras danesas.

daneses há outras 5 representações: uma na Fionia (DR 187) e 4 na Escânia (DR 271, DR 280, DR 285 e DR 344). Também há grandes feras em outras pedras rúnicas fora da Dinamarca, por exemplo, no caso emblemático da E 2, em Londres. Acredito que essas representações provavelmente comunicavam que aquele núcleo familiar responsável pela pedra seria aliado à dinastia Jelling.¹¹⁸



Fig. 13 Pedra rúnica E 2. © Wikicommons.

O historiador da arte James Graham-Campbell propôs a seguinte definição da grande fera, da DR 42:

The ‘Great Beast’ in profile is the defining animal motif for the Mammen style¹¹⁹. On the Jelling stone, its lion-like characteristics are manifest in its large body, with semi-naturalistic proportions, mane, tail and clawed feet. It is, however, a ‘lion’ re-imagined with fleshy foliate appendages to tongue, mane and tail – the latter rising

¹¹⁸ Cabe mencionar brevemente aqui, que alguns conceitos empregados no método de história da arte conectada. Em decorrência da recusa ao uso da noção de influência artística ou cultural, assim como, da conclusão de medievalistas que os objetos não são frutos de entidades monolíticas ou que estão exclusivamente presos às artificiais categorias taxonômicas modernas e contemporâneas, novos conceitos e abordagens foram propostos para as análises da circulação e “hibridização” de artefatos entre sociedades e culturas distintas. Compreender os deslocamentos e metaformoses de objetos, modelos, artífices e formas de representações artísticas, de forma contextualizada e sem preconceitos ou taxações, é essencial àqueles estudiosos que seguem o método da história conectada. Dessa forma, ocorria possíveis trocas e traduções de imagens e noções cristãs “europeias” na Escandinávia da era viking e período medieval. Aliás, chamou nossa atenção a possibilidade da iconografia da grande fera ser uma tradução danesa da cultura visual mediterrânica compartilhada. Cf. TATSCH, F. G. Mobilidades, conexões, novos contornos. A circulação de artefatos em marfim nos séculos X - XIII. **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-33, 2020. Disponível em: [Mobilidades, conexões, novos contornos. A circulação de artefatos em marfim nos séculos X - XIII | Revista de História](https://www.jstor.org/stable/23924282); WALKER, Alicia. Globalism. **Studies in Iconography. Special issue - Medieval Art History Today – Critical Terms**. Michigan: Board of Trustees of Western Michigan University through its Medieval Institute Publications and Trustees of Princeton University, n. 33, 2012, p. 183-196. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23924282>.

¹¹⁹ O estilo artístico *Mammen* derivou do estilo *Jelling* e seguiu a tendência de representação de animais e aves, mas agora com corpos completos e com ressignificação da ornamentação vegetal. Não há mais a busca pela simetria, mas pela movimentação. Nota-se trocas e aproximações com a arte europeia nos animais e plantas semi-naturalistas. Surgiu em meados do século X, florescendo até c.1000. ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 184.

up to terminate in an elaborate bud. Even the looping body of the snake, with its triangular head seen from above, sprouts a tendril where it encircles the tail of the 'Great-beast'. Such features as the profile depiction, lip lapped, spiral joints and double contouring of the body all relate the Mammen-style 'GREAT'beast' to the S-shaped 'ribbon-animals' of the Jelling style. The plainness of the body itself is almost certainly misleading to modern eyes, for the whole monument will presumably have been painted, particularly given the low relief of the carving.¹²⁰

Na terceira face da pedra encontramos a imagem de um Cristo crucificado sem a cruz, envolto em tecidos ou ramos de folhagem, na qual a maioria dos pesquisadores identifica a iconografia do Cristo Triunfante.¹²¹

2. O poder na espacialidade

É difícil reconhecer exatamente em que locais foram erguidas as pedras rúnicas danesas, dado que virtualmente todas foram movidas e reaproveitadas em construções de edificações posteriormente, em especial na de igrejas. Isso faz com que a maioria das pedras tenha sido reencontrada e/ou permaneça associada à igrejas e seus cemitérios, o que pode induzir os pesquisadores a enquadrá-las em contextos cristãos que não necessariamente correspondem ao local de deposição original do monumento ou à mensagem intencionada inicialmente pelos patrocinadores, – ainda que esses traslados possivelmente tenham sido autorizados pelo núcleo familiar responsável pelo monumento rúnico. Muitas delas estão expostas atualmente nas mesmas igrejas em que foram descobertas, outras foram transpostas para museus e praças públicas. Atualmente, 85 pedras rúnicas estão expostas em igrejas, enquanto 67 estão em museus, 4 em parques, 6 em castelos, 3 em propriedades privadas, 4 em jardins, 3 encontram-se próximas a estradas, 1 em cidade, somente 8 *in situ*, outras 29 foram perdidas.

A pedra DR DKMJy102, por exemplo, nos revela uma das formas desse reuso de pedras rúnicas, pois permanece ainda integrada ao edifício da paróquia Mygind, reutilizada na construção como pedra de entrada sob a porta norte, atualmente murada. O local escolhido para realocação desse monumento parece-nos prestigioso, posto que quando alguém entrasse pela porta provavelmente o olharia – porém, ser uma “pedra de entrada” custou-lhe danos irreparáveis a sua inscrição, quase completamente apagada, que permanece indecifrada. Essas ressignificações na espacialidade das pedras rúnicas impactam, sem dúvida, o entendimento

¹²⁰ GRAHAM-CAMPBELL, James. **Viking Art**. Londres: Thames & Hudson, 2013, p. 98-9.

¹²¹ RICH, Catherine. Do the Christian elements of the monument complex at Jelling complement or subvert the earlier pagan ones? **York Medieval Yearbook**. York, n. 2, 2003, p. 10.

das funções exercidas e atribuídas a esses monumentos ao longo do tempo pelas sociedades escandinavas. Também significou tanto uma sobrevivência desses objetos, posto que re-contextualizados e reintegrados nas “tarefagens”¹²² e relações sociais, enquanto, ao mesmo tempo, causou fragmentações, desgastes e danos irreparáveis nas pedras rúnicas, ou seja, uma via de mão-dupla, que propicia e complexifica as análises desses artefatos memoriais, e também prejudicou a leitura e interpretação desses.



Figs. 14 e 15 DR DKMJy102, sob a entrada da porta norte da paróquia Myging, Jutlândia Central. © Museu Nacional da Dinamarca.¹²³

De qualquer forma, Birgir Sawyer apontou que essa reutilização das pedras não seria necessariamente por falta de materiais de construção e afirma que foram assim usadas por razões simbólicas, mesmo que as opiniões sobre qual sejam essas razões divirjam.¹²⁴ Se o propósito foi estabelecer uma continuidade espacial, isto é, manter as pedras rúnicas em

¹²² “[Tim] Ingold cria o neologismo “tarefagem” (taskscape), distinto do conceito de “trabalho”, categoria da economia e que o antropólogo considera quantitativa e homogênea. “Tarefa” estaria ligada aos diferentes atos de viver, sentir, perceber e se deslocar no mundo, todos esses atos situados, qualitativos e heterogêneos, produzidos por diversos agentes em relação (e em) resposta a atos e processos de outros agentes e da paisagem. ‘Paisagem’ e ‘tarefagem’ emergem das mesmas correntes de atividades, sendo, portanto, inacabadas e em perpétua construção.” BAILÃO, André. 2016. "Paisagem - Tim Ingold". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: [Paisagem - Tim Ingold | Enciclopédia de Antropologia](#).

¹²³ Disponível em: <https://runer.ku.dk/q.php?p=runer/genstande/genstand/1017>.

¹²⁴ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 14-15.

contexto similar ou em proximidade ao local originalmente escolhido pelos patrocinadores, ou se seria uma maneira de homenagear os primeiros convertidos e suas colaborações ao processo de cristianização, ou ainda, a promoção de uma “conversão” a posteriori daqueles antepassados mencionados no monumento por seus descendentes, é difícil dizer com certeza. Para a rúnologa sueca, é mais significativo atentar-nos que as pedras (re)utilizadas dessa maneira permaneceram intactas, em alguns casos, ou relativamente pouco danificadas, pois eram integradas às construções de forma que suas inscrições pudessem ser vistas e lidas, por vezes protegidas das intempéries.¹²⁵

Como mencionado anteriormente, os grandes blocos de pedra usados pelos daneses para fabricação das pedras rúnicas parecem ter sido importados de outras localidades, já que não havia pedreiras que os fornecessem na Dinamarca. Nesse sentido, acreditamos que possivelmente, no caso danês, essa razão material também justifique o reuso na construção de igrejas, sem excluir as razões simbólicas que Sawyer defendeu. Cabe lembrar que nem todas as pedras sobreviveram dessa forma, mas foram soterradas ou esquecidas na paisagem, até que o interesse de estudar esses monumentos incentivou suas redescobertas. Como expôs a rúnologa, há evidências que mostram o grande esforço e distâncias enfrentados para transportar e realocar essas pedras, como no caso da pedra rúnica encontrada no leito do lago Kjelstrup, em 1978, que foi assim perdida enquanto era transportada em um trenó de madeira pela superfície congelada do lago, que cedeu. O destino seria provavelmente a igreja de Kjelstrup a 1,5 km de distância do lago. O local de onde esse monumento saiu originalmente não pode ser reconhecido, todavia.¹²⁶

Nesse ínterim, Sawyer defendeu que o padrão de distribuição espacial das pedras nos territórios escandinavos, grosso modo, não sofreu grandes alterações em relação aos locais originais dos séculos X e XI.¹²⁷ Isso a levou a classificar as pedras rúnicas danesas em três categorias de localidades, que podem ser vistas na tabela a seguir, organizada por Minoru Ozawa¹²⁸: lugares privados, lugares públicos e lugares sagrados. Essa é uma consideração importante, pois, caso contrário, pode-se alegar que devido aos traslados das pedras rúnicas esses monumentos não poderiam ser estudados segundo uma análise arqueológica da paisagem e que considerações sobre suas espacialidades não seriam frutíferas. Contudo,

¹²⁵ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 14-15.

¹²⁶ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 14-15.

¹²⁷ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 15.

¹²⁸ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2. **HERSETEC**. n. 2, v. 1, 2008, p. 80.

estudos recentes neste sentido, inclusive aplicando tecnologias de geolocalização e análises estatísticas do material rúnico,¹²⁹ vêm contribuindo para maior entendimento do fenômeno de pedras rúnicas, suas funções, impactos e formas de distribuição e propagação pelos territórios. Contudo, tais estudos ainda são raros quando se trata do *corpus* rúnico danês (e também do norueguês), provavelmente pela sua significação numérica muito inferior ao *corpus* sueco.

Type of find spot	Number in DR
Private space	
1. countryside	36
2. field or meadow	78, 218, 264, 269, 277, 279, 282, 288, 289, 317, 323, 325
3. farm / messuage	4, 53, 65, 81, 115, 116, 118, 160, 221, 230, 258, 260, 262, 265, 276, 293, 337
Public space	
4. dump	–
5. river, lake or sea	2, 66, 82, 84, 85, 86, N2, 120, 135, 217, 291, 363, 411
6. bridge	58, 120, 202, 213, 258, 268, 298
7. roadside	2, 3, 26, 40, 82, 117, 124, 217, 268, 321
Sacred space	
8. ancient grave	1, 3, 30, 69, 77, 106, 107?, 114, 118, 121, 122, 135, 143, 149?, 188, 190, 202, 209, 213, 219, 259, 260, 280, 288, 329, 330, 331, 334, 335, 411
9. thing-place	–
10. church, churchyard or vicarage	6, 26, 29, 34, 37, 41, 42, 44, 55, 56, 62, 63, 65, 67, 68, N1, 79, 80, 83, 87, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, N3, 108, 109, 110, 114, N4, N5, 122, 123, 125, 127, N6, 129, N7, 130, 131, 132, 133, 134, 138, 144, 145, 150, 154, 155, 161, 189, 192, 201, 212, 220, 216, 219, 221?, 228, 229, 237, 238, 239, N8, 259, 270, 271, 272, 278, 281, 287, 294, 339, 295, 296, 297, 314, 316, 318, 324, 328, 338, 343, 344, 345, N9, 354, 356, 365

Based on B. Sawyer, *The Viking-Age Rune-Stones*. Oxford 2000, pp. 200–205.

Tabela 1 Tabela com os tipos de locais onde foram encontradas as pedras rúnicas, baseada em Birgit Sawyer, 2000.¹³⁰

Notamos que grande parte foi erigida em “locais privados”, especialmente em fazendas, o que a priori vai ao encontro da ideia que esses monumentos eram patrocinados pelas elites. A terra era o bem de maior valor na Escandinávia da era viking e período medieval e há importantes estudos sobre a relação entre as transformações no poder político e a posse e distribuição de assentamentos rurais entre os magnatas com terras.¹³¹ Logo, é seguro

¹²⁹ Cf., por exemplo: SILJEDAHL, Carl-Olof. **Monuments in the Landscape: A spatial analysis of rune stones in Västergötland during the Late Viking Age and early Medieval period**. Master’s Thesis in Archaeology. Department of Archaeology & Ancient History, Lund University, 2015; NORBURG, Gabriel. **The Spatial Order of the Scanian Runestones: Analysing Runestone Clustering and Pathways through GIS**. Lund Archaeological Review, v. 20, p. 21–37, 2014; LJUNGQVISTA, Fredrik Charpentier; SEIM, Andrea. **The spatiotemporal distribution of Late Viking Age Swedish runestones: A reflection of the Christianisation process and its speed**. Journal of Archaeological Science: Reports, n. 21, p. 849–861, 2018.

¹³⁰ OZAWA, Minoru. **Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2**. **HERSETEC**. n. 2, v. 1, 2008, p. 80.

¹³¹ Sobre os *landed magnates* e a relação com as disputas políticas e a centralidade do poder régio, vide: HOLST, Kähler Mads. **Warrior aristocracy and village community: Two fundamental forms of social organization in the Late Iron Age and Viking Age**. In. STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.).

afirmar que provavelmente todos os patrocinadores de pedras rúnicas possuíam terras, ainda que reconheçamos diferentes status e graus de posse, especialmente via títulos e posições sociais nas pedras rúnicas.¹³²

Todavia, gostaríamos de chamar atenção à dificuldade em definir o que era um local público ou privado naquele período e onde terminaria um e começaria o outro. Ainda que atualmente os avanços arqueológicos e usos de técnicas variadas, por exemplo, do radar de penetração no solo (GPR)¹³³, da prospecção com arqueologia aérea¹³⁴ ou de análises micromorfológicas¹³⁵, possibilitem cada vez mais o conhecimento da distribuição das terras agricultáveis e dos assentamentos rurais e urbanos na Dinamarca da era viking.

Em outras palavras, não usaremos uma categorização semelhante para analisar o fenômeno de pedras rúnicas. Pois, mesmo caso essas pedras estivessem em locais cuja posse era limitada a um certo núcleo familiar, seria do interesse desse que ela fosse disposta em um ponto no qual pudesse ser mais claramente visível na paisagem, para ser então, observada pelo maior número possível de pessoas, como em um ponto com alta circulação ou levemente elevado do relevo.¹³⁶ De fato, muitas pedras rúnicas foram encontradas próximas a pontes e estradas: como estruturas fundamentais que ampliam a comunicação, são também marcas do processo de conexão de territórios e de administração política. Ademais, colaboraram consequentemente, para ampliação do trabalho missionário.¹³⁷ Iremos retomar os casos de

Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark. Aarhus: Aarhus University Press, 2014; IVERSEN, Frode. Royal villas in Northern Europe. In. QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio. **The archaeology of early medieval villages in Europe.** Bilbao: Reti Medievali, 2009, p. 99-112; SKRE, Dagfinn. Rulership and Ruler's Sites in 1st-10th-century Scandinavia. In SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avalsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/9783110421110>. p. 193-244.

¹³² SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia.** Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 92.

¹³³ SALMON, Yossi. The application of ground-penetrating radar (GPR) at Stavnsager, Denmark: Prospects and contributions. In STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.). **Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark.** Aarhus: Aarhus University Press, 2014; IVERSEN, Frode. Royal villas in Northern Europe, p. 253-268.

¹³⁴ VINTER, Michael; MAURITSEN, Esben Schlosser. Aerial archaeological survey of central places and other settlements: An evaluation of possibilities and limitations. In STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.). **Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark.** Aarhus: Aarhus University Press, 2014; IVERSEN, Frode. Royal villas in Northern Europe, p. 269-280.

¹³⁵ MIKKELSEN, Peter Hambro; SMEKALOVA, Tatiana. Central places from a scientific perspective: From geophysics to micro-morphology. In STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.). **Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark.** Aarhus: Aarhus University Press, 2014; IVERSEN, Frode. Royal villas in Northern Europe, p. 281-288.

¹³⁶ Além disso, areditamos que uma categorização tão rígida não seria favorável, pois haveria algumas pedras rúnicas que ainda precisam (e poderiam) ser melhor contextualizadas e teriam sua localidade classificada de diferentes formas. Por exemplo, no caso das pedras rúnicas em Jelling, DR41 e DR42, foram erigidas em uma propriedade considerada como particular régia e onde foi construído uma igreja, que também é considerada por alguns estudiosos como uma *thing-place*.

¹³⁷ SAWYER, Birgit. Viking-age rune-stones as a crisis symptom. **Norwegian Archaeological Review**, n. 2, v. 24, p. 97-112, 1991.

inscrições que mencionam pontes no segundo capítulo.

A seguir, irei levantar algumas questões relevantes para análise da espacialidade das pedras danesas, assim como, buscarei indicar como a arqueologia da paisagem (especialmente partindo de definições e métodos propostos por Tim Ingold) poderá contribuir nesta pesquisa.

As pedras rúnicas aglomeram-se em torno de locais centrais,¹³⁸ nome dado a sítios arqueológicos ligados à execução de poder, trocas e produções comerciais, rotas de comunicação e atividades religiosas, com graus e combinações diferentes desses quesitos.¹³⁹ Não por acaso podemos observar nos mapas a seguir, o primeiro retirado de artigo de Dagfinn Skre e os dois demais produzidos por nós, via o catálogo *Runische Schriftlichkeit in den germanischen Sprachen*, que o complexo residencial régio de Jelling está relativamente próximo ao maior aglomerado de pedras rúnicas. Logo, é necessário indagar qual seria a influência ou impacto das pedras rúnicas do complexo de Jelling (no condado de Vejle, cf. mapas abaixo) para as demais pedras erigidas na porção centro-leste da península. Uma vez que as pedras rúnicas são homenagens de consumo conspicuo das elites escandinavas, tidas como demonstrações de prestígio, ostentação de poder de um núcleo familiar e, também, como meios possíveis para demonstração de alianças (ou de rechaços) ao poder régio de Jelling em ascensão (assim como, à nova religião cristã, incentivada por Haraldr e seus sucessores), reconhecer as pedras rúnicas danesas como mecanismos de negociações de poder entre as elites por *locus* social e por poder político torna-se imperativo.

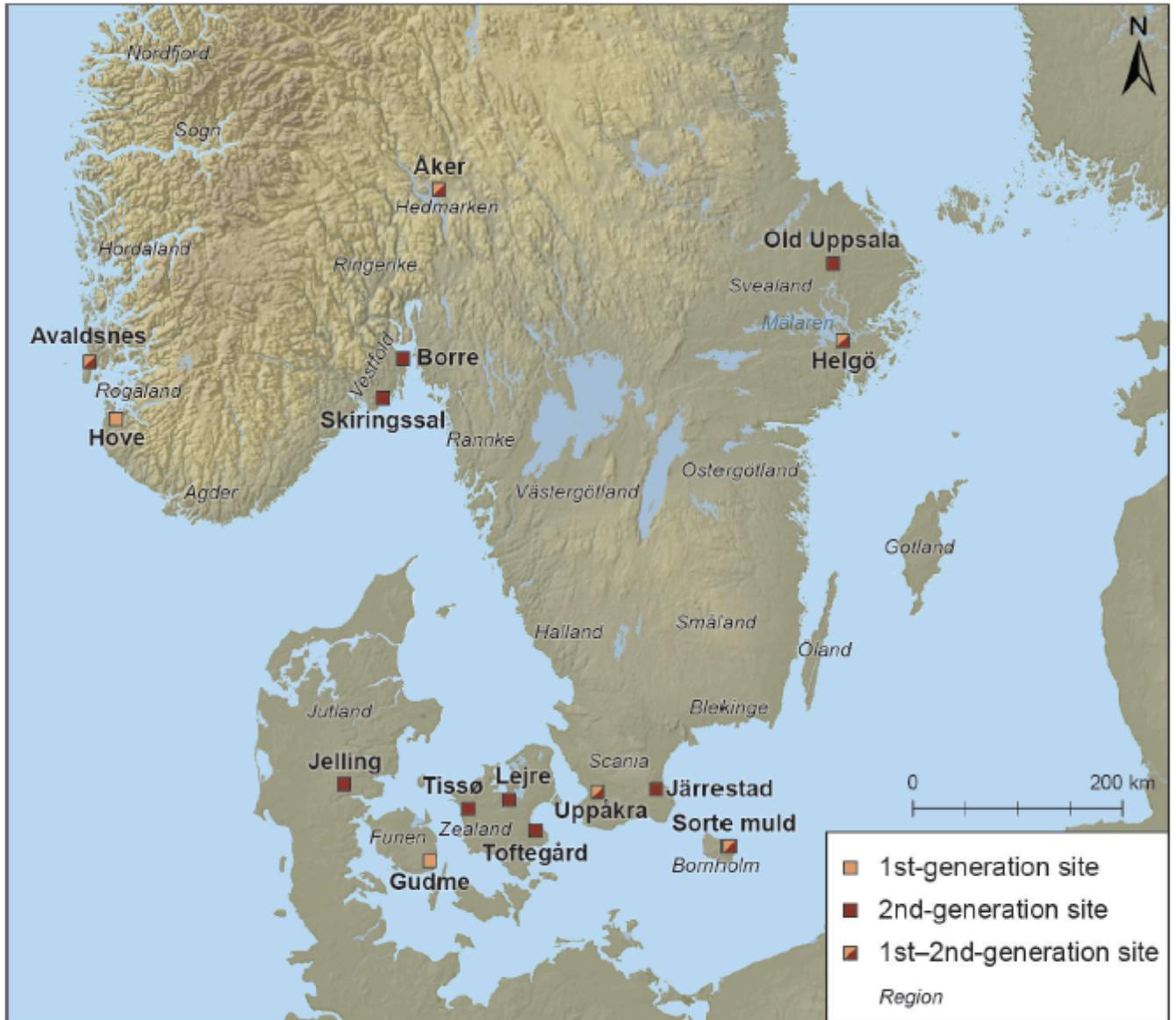
O impacto na paisagem dessa grande quantidade de pedras rúnicas, em especial no conglomerado no Centro-leste da Jutlândia, merece ser aprofundado. A parte dinamarquesa da península possui 29.775 km², ou seja, tem pouco mais que a área do segundo menor estado brasileiro, o estado de Alagoas, que mede 27.843 km². Se comparada à Noruega e à Suécia, a Jutlândia, maior porção de terra do reino danês, mostra-se pequena, com 375 km de extensão de Skagen, no extremo norte, ao rio Eider, no extremo sul, em fronteira com a Alemanha. Enquanto aquela primeira mede 1800 km de extensão e a segunda, 1600 km.¹⁴⁰ Porém, se tomamos por referência as pedras rúnicas que se localizam mais ao sul (DR DKSJy77) e mais ao norte (DR 164†) da porção norte da península, elas distam cerca de 250 km, em linha reta. Um transeunte, sem dúvida, viria uma ou mais pedras rúnicas corriqueiramente, conforme

¹³⁸ IMER, Lisbeth M.. The Danish runestones – when and where?. **Danish Journal of Archaeology**, Copenhagen, v. 3, n. 2, 2014, p. 167.

¹³⁹ Sobre o conceito de local central e sua discussão no contexto escandinavo, vide: NIELSEN, Karen Hoiland. Key issues concerning ‘central places’. In. STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.). **Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark**. Aarhus: Aarhus University Press, 2014.

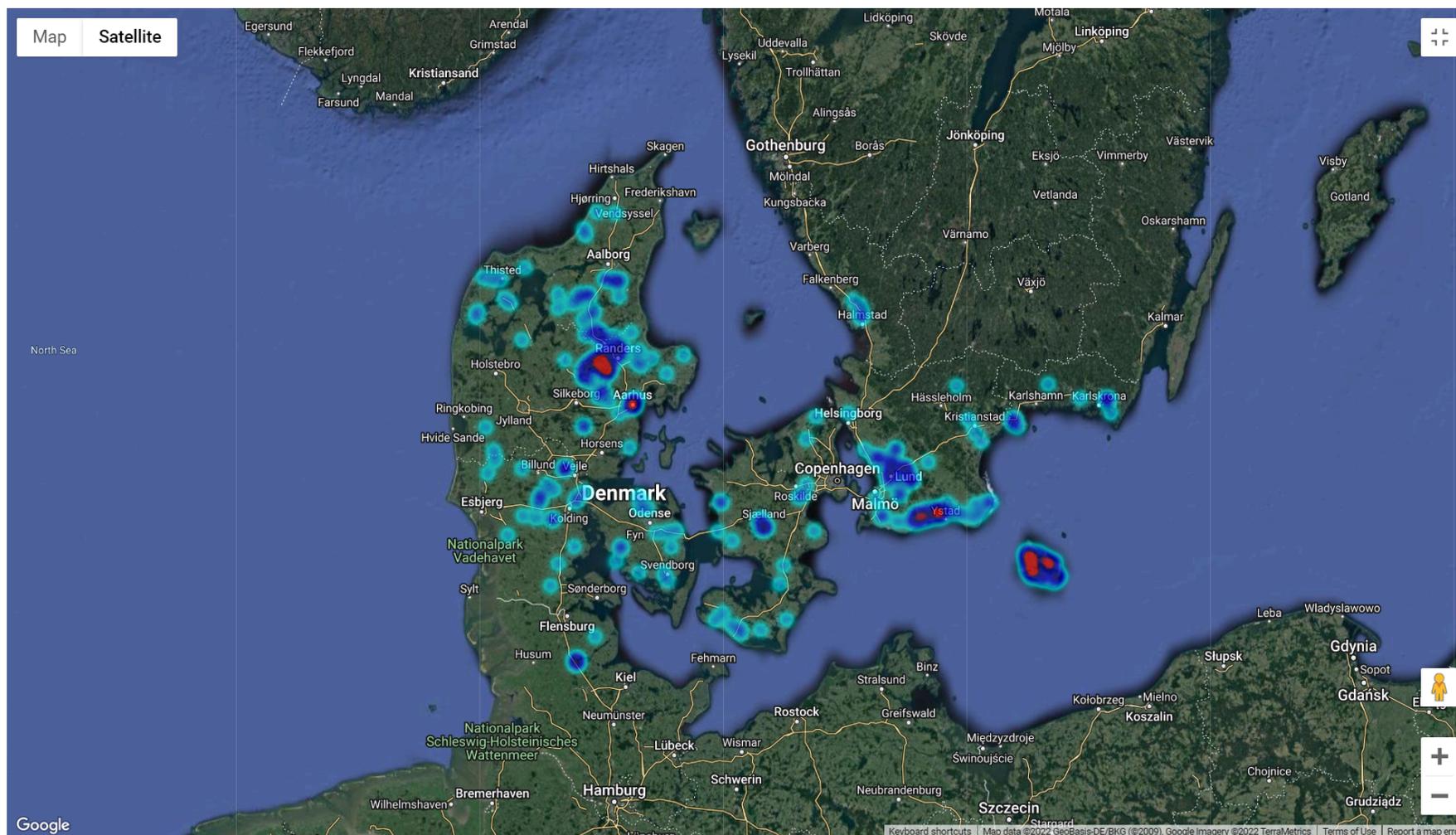
¹⁴⁰ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 30.

caminhava pela paisagem em seu dia-a-dia.

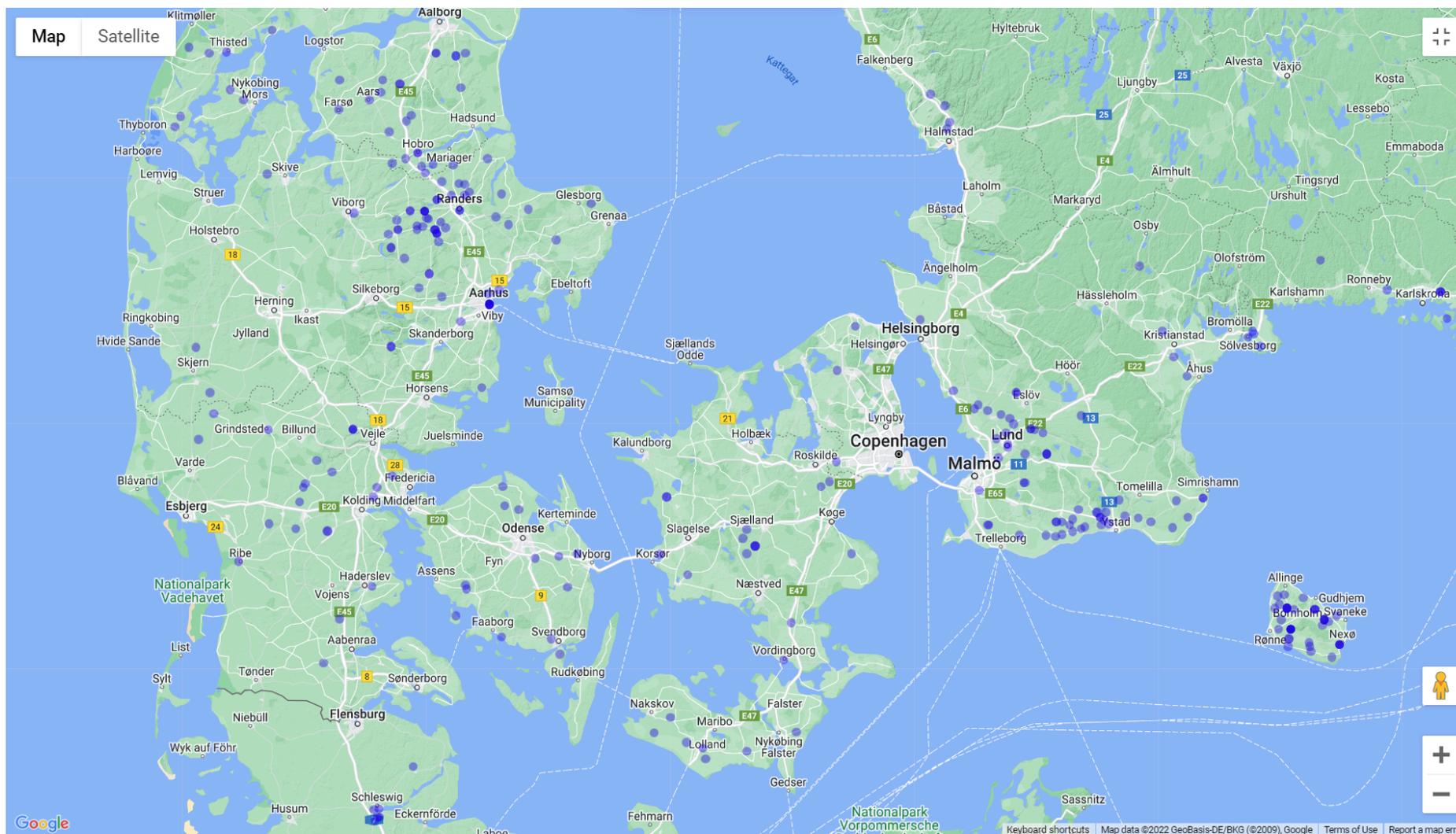


Mapa 3 Prováveis sítios de governantes na Escandinávia entre os séculos II e X. Aqueles da primeira geração estabeleceram-se nos séculos III e IV, e aqueles da segunda geração no século VI. Muitos outros sítios poderiam ser incluídos, mas aqueles que aparecem no mapa parecem ser os mais proeminentes. Embora muitos locais certamente ainda não tenham sido descobertos, o mapa sugere as partes da Escandinávia nas quais é provável que sejam mais numerosos. © I.T. Bøckman.¹⁴¹

¹⁴¹ SKRE, Dagfinn. Scandinavian kingship AD 500-1000. *Neue Studien zur Sachsenforschung*, 2022, p. 114.



Mapa 4 Mapa de calor representando a concentração de pedras rúnicas danesas. Vermelho indica um maior conglomerado, em oposição aos tons de azul. © Google Maps via *Runische Schriftlichkeit in den germanischen Sprachen*.



Mapa 5 Mapa indicando a localização atual de cada pedra rúnica danesa (por vezes, dois ou mais pontos sobrepõem-se, nos casos em que há mais de uma pedra rúnica extremamente próximas, como no caso das pedras DR 41 e DR 42, em Jelling). A opacidade do azul em cada ponto aumenta conforme a datação

dos monumentos (do mais antigo ao mais recente). © Google Maps via *Runische Schriftlichkeit in den germanischen Sprachen*.

Além disso, diferentemente dos outros países escandinavos, a Dinamarca é formada majoritariamente de terrenos planos, com altitude média pouco acima do nível do mar.¹⁴² Isso permite maior facilidade de apreender visualmente as pedras rúnicas na paisagem danesa, seja como objetos isolados entre si ou conjuntamente, nos locais em que havia conjuntos-monumento ou aglomerações, o que conferia-lhes, portanto, maior impacto e domínio espacial. A altitude é um dado importante de ser levado em conta ao pensarmos também sobre o impacto visual do tamanho das pedras rúnicas, cuja maioria tinha mais de 150 cm de altura.

Quanto à espacialidade das pedras rúnicas, vamos ao encontro do defendido pelo runólogo japonês Minoru Ozawa. Ele afirmou que os monumentos rúnicos criam uma paisagem política, pois funcionavam como forma de expressão ou sinais políticos dos magnatas donos de terra, no cenário de crescente competição e negociação por poder e influência que ocorria entre as elites danesas do século X.¹⁴³ Neste ponto, encontramos ressonância com o dito por C. Crumley: “Because thoughts are acted out on landscapes, the history of a landscape can be seen as ‘congealed politics’: the physical outcome of the struggle over resources and ideas.”¹⁴⁴

Esse cenário de negociações por poder que era ampliado pela própria competitividade entre os monumentos rúnicos, posto que o valor, prestígio, poder e dominação na paisagem, de cada pedra eram determinados por meio da comparação e relação com todas as demais pedras; por exemplo, fica evidente aos transeuntes que um monumento-conjunto ou que pedras com ornamentações são mais prestigiosas que pedras mais simples, de inscrições curtas ou menores tamanhos. A esse respeito, escreveu Minoru Ozawa:

It should be clear by now that the making of a monument was very important for the landed magnates; in addition, the creation of a monument was an act of conspicuous consumption. A monument, even if it stands by itself, attracts the attention of many viewers, but it is even more significant if the monument stands next to another and

¹⁴² OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2. **HERSETEC**. n. 2, v. 1, 2008, p. 79.

¹⁴³ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2. **HERSETEC**. n. 2, v. 1, 2008, p. 80-5.

¹⁴⁴ CRUMLEY, Carole. New Paths into the Anthropocene: Applying Historical Ecologies to the Human Future. In. ISENDAHL, Christian; STUMP, Daryl (Eds.). **The Oxford Handbook of Historical Ecology and Applied Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 2.

can be compared to it.¹⁴⁵

O rei Haraldr colocou sua pedra rúnica justamente no centro do complexo real de Jelling, onde permanece ainda hoje, jamais movida, “coroando” o complexo monumental em sua posição original (vide planta do sítio arqueológico e réplica, abaixo), como foi confirmado pela análise estratigráfica.¹⁴⁶ Logo, podemos perceber na espacialidade dessa pedra o valor atribuído a esse monumento e a sua mensagem pelo seu patrocinador, em cuja intenção de torná-lo o marco focal em Jelling parecia querer decretar a primazia do poder régio no cenário de negociações de poder e alianças entre as elites do reino. Afinal, ele demonstrou na própria localidade física da pedra rúnica quem deveria ser a referência de autoridade na Dinamarca, aquele que a “ganhou toda para si”.

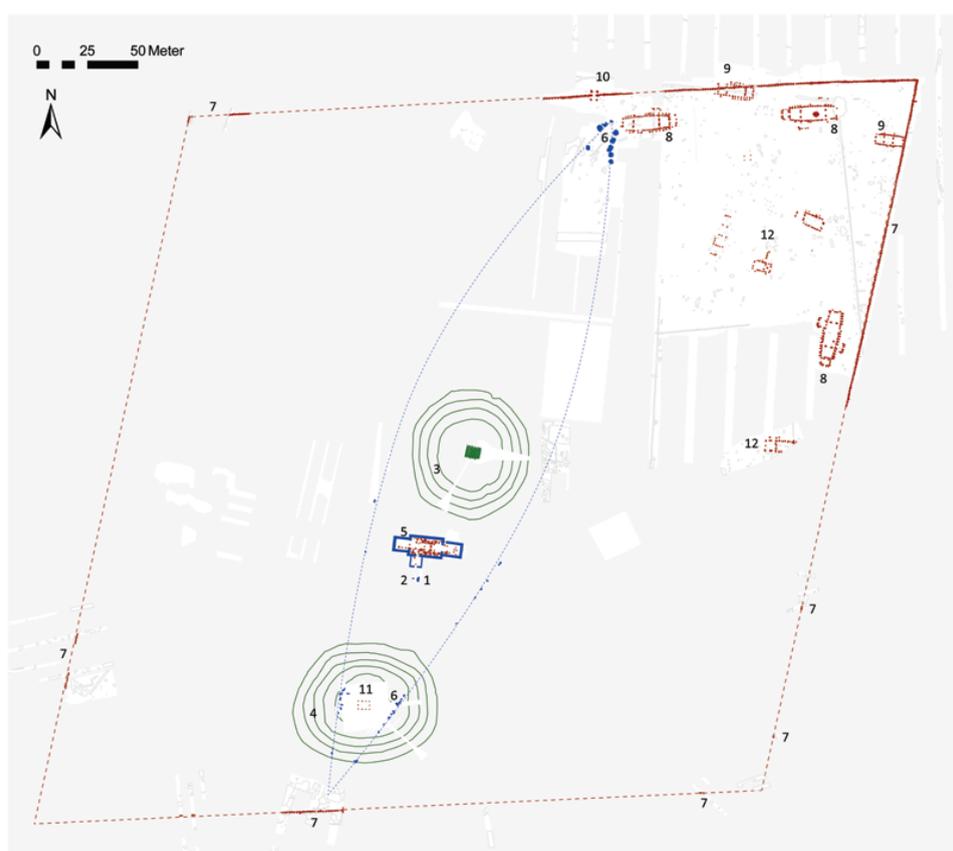


Fig. 15 Componentes arqueologicamente reconhecidos no complexo de Jelling até 2010.¹⁴⁷

¹⁴⁵ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2. *HERSETEC*. n. 2, v. 1, 2008, p. 82.

¹⁴⁶ HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN, A.. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. *Præhistorische Zeitschrift*, Berlin, v. 87, n. 2, 2013, p. 281.

¹⁴⁷ HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN, A.. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. *Præhistorische Zeitschrift*, Berlin, v. 87, n. 2, 2013, p. 478.

Legenda: [1] Pedra rúnica do rei Haraldr; [2] Pedra rúnica do rei Gormr (não está na posição original); [3] Monte Norte ou Monte de Þyrvé, com câmara funerária; [4] Monte Sul ou Monte de Gormr; [5] Igreja do final do século XI ou início do XII, com construções em madeira abaixo e câmara funerária datada de meado do século X; [6] Estelas de pedra em formação naviforme (que deslocaram-se levemente); [7] Paliçada; [8] Construções estilo Trelleborg; [9] Construção estilo era viking; [10] Porta de entrada; [11] Vestígios de aparente campanário do século XII; [12] Construções do século XIII ou posteriores.



Fig. 16 Reconstituição gráfica do complexo de Jelling no século X. © Gert Gram e Peter Jensen.¹⁴⁸

2.1. Considerações sobre as temporalidades das pedras rúnicas: aproximações com a arqueologia da paisagem¹⁴⁹

As pedras rúnicas constituem elemento essencial na paisagem danesa e, como tal, convergem três temporalidades. Remetem ao passado, pois homenageiam e comemoram pessoas falecidas, às quais os patrocinadores buscavam associar-se por seu prestígio e *locus* social. Remetem ao presente, pois são afirmações aos contemporâneos do poder e posição social dos nomeados no monumento, e, além disso, inserem-se nas negociações políticas entre as elites escandinavas, ao demonstrarem, por exemplo, associação ou dissociação ao poder régio da nova dinastia, que estava se firmando, ou à nova religião cristã em ascensão, promovida pelos próprios reis de Jelling. Também remetem ao futuro, como marcos

¹⁴⁸ STEFANSDOTTIR, Agnes; MALUCK, Matthias (Eds.). **Viking Age Sites in Northern Europe: A transnational serial nomination to UNESCO's World Heritage List**, 2014. (Publicação online). p. 144.

¹⁴⁹ Para evolução desse campo na arqueologia e do conceito "paisagem", cf. DAVID, Bruno; THOMAS, Julian. **Landscape Archaeology: Introduction**. In. DAVID, Bruno; THOMAS, Julian (Eds.). **Handbook of landscape archaeology**. Nova York: Routledge, 2016, p. 27-43; UCKO, Peter J.; LAYTON, Robert. **Introduction: gazing on the landscape and encountering the Environment**. In. UCKO, Peter J.; LAYTON, Robert (Eds.). **The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape**. Nova York: Rotledge, 2005, 1-20.

permanentes na paisagem, asseguram o prestígio social do núcleo familiar responsável pelo monumento e garantem uma documentação de seu poder e ancestralidade, que poderia ser usado posteriormente como referência em disputas sucessórias por direitos, títulos e heranças. Os membros da dinastia Jelling usaram-se dos monumentos rúnicos para marcarem na paisagem seu poder e prestígio, e, ao que indica as conclusões dessa pesquisa, impactaram no costume de erguer pedras memoriais ao inserirem elementos novos ou particulares e imprimirem individualidades em cada uma de suas pedras.

Ingold iniciou seu artigo *The Temporality of Landscape* recusando as perspectivas naturalistas e culturalistas de tratar o espaço e a paisagem, empregadas comumente até então, por geógrafos, antropólogos e arqueólogos. Ele propôs, logo, uma nova perspectiva, a qual ele chamou de *dwelling perspective*: “according to which the landscape is constituted as an *enduring record* of – and testimony to – the lives and works of past generations who have dwelt within it, and in so doing, have left there something of themselves.” (Grifo nosso).¹⁵⁰ Já podemos notar que sua definição vai ao encontro do que veio a ser a ecologia histórica, no sentido de tomar a paisagem como um documento histórico, detentora e propagadora de narrativas, pois esta última corrente de pensamento oferece conceitos e métodos práticos para estudos de relações entre humanos e ambientes no passado ou projetando-se ao futuro, como definiu Carole Crumley.¹⁵¹

Como a paisagem está grávida ou gesta o passado, segundo palavras de Ingold,¹⁵² apreendê-la aciona-nos diferentes graus de nossa memória. Trata-se de um ato de rememoração, mas não no simples sentido de invocar uma imagem interna em nossa mentes, re-constituindo uma imagem mental dos aspectos geográfico-espaciais, mas sim num sentido ativo de leitura, reconhecimento e (re)colocação da paisagem e também, de nós mesmos, assim como de gerações passadas, e de suas (e nossas) atividades no espaço, as chamadas, por Ingold, de “tarefagens”¹⁵³ – *taskscape* – e, assim, torna-se evidente aos nossos sentidos tanto os movimentos atuais, como os passados e os futuros, que uma paisagem carrega e demonstra.¹⁵⁴

¹⁵⁰ INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, n. 25, v. 2, 1993, p. 152. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>.

¹⁵¹ CRUMLEY, Carole. New Paths into the Anthropocene: Applying Historical Ecologies to the Human Future. In: ISENDAHL, Christian; STUMP, Daryl (Eds.). **The Oxford Handbook of Historical Ecology and Applied Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 1.

¹⁵² INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, n. 25, v. 2, 1993, p. 153.

¹⁵³ A tradução do conceito *taskscape* para “tarefagens” segue conformidade ao verbete: BAILÃO, André. 2016. "Paisagem - Tim Ingold". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: [Paisagem - Tim Ingold | Enciclopédia de Antropologia](#).

¹⁵⁴ INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, n. 25, v. 2, 1993, p. 152-3.

O antropólogo assim relacionou seu conceito de “tarefagens” à paisagem e às suas temporalidades, o que podemos ler tendo-se em mente as pedras rúnicas:

Reaching out into the taskscape, I perceive, at this moment, a particular vista of past and future; but it is a vista that is available from this moment and no other. As such, it constitutes my present, conferring upon it a unique character. Thus the present is not marked off from a past that it has replaced or a future that will, in turn, replace it; it rather **gathers the past and future into itself**, like refractions in a crystal ball. And just as in the landscape, we can move from place to place without crossing any boundary, since the vista that constitutes the identity of a place changes even as we move, so likewise can we move from one present to another without having to break through any chronological barrier that might be supposed to separate each present from the next in line. Indeed the features that Durkheim identified as serving this segmenting function - **rites, feasts and ceremonies** - are themselves as **integral to the taskscape** as are boundary markers such as walls or fences to the landscape. (Grifo nosso).¹⁵⁵

Como expusemos anteriormente, as pedras rúnicas serviriam de marcos de caminho, seja quando estivessem ao lado de estradas e rotas, seja quando marcavam divisas entre terras de magnatas, seja como indicativo para os missionários de que ali onde passavam moravam cristãos, seja como marcadores identitários e de relações de poder e prestígio sociais, assim como de posses, títulos ou direitos. Além disso, como nota-se na citação acima, as cerimônias e rituais públicos de deposição desses monumentos na paisagem, e que eram invocados quando um transeunte os vissem ou lessem, são tão integrantes da paisagem quanto as próprias pedras.

Em todas as suas características, formas e localizações, lembrando também que o valor de uma pedra rúnica era dado/percebido em comparação com todas as demais pedras e os elementos da paisagem, podemos enxergar diferentes aspectos da “tarefagem” do período de vigência do costume de erguer pedras: seja desde as próprias atividades vikings e outras atividades sócio-econômicas, as disputas políticas e territoriais entre as elites, os avanços linguísticos, o aumento e dispêndio de recursos e demonstração de poder dos núcleos familiares, a expansão das redes de comunicação e alianças, o avanço do cristianismo na Escandinávia, as relações de gênero, os topônimos, as relações familiares e de transmissão de bens etc. Ou seja, “the landscape as a whole must likewise be understood as the taskscape in its embodied form: a pattern of activities 'collapsed' into an array of features.”¹⁵⁶

Há uma relação dicotômica formadora e “interativista” entre a humanidade e a paisagem. Aliás, avançando nesta discussão, um ponto criticável é justamente pensamentos que partem de uma divisão categórica entre objetos naturais e objetos fabricados, quase como se eles não se interferissem mutuamente através dos tempos. Sobre este ponto, disse Ingold:

¹⁵⁵ INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, n. 25, v. 2, 1993, p. 159.

¹⁵⁶ INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, n. 25, v. 2, 1993, p. 162.

[...] the process [of incorporation of the taskscape into the landscape] is not one whereby cultural design is imposed upon a naturally given substrate, as though the movement issued from the form and was completed in its concrete realization in the material. **For the forms of the landscape arise alongside those of the taskscape, within the same current of activity.** [...] Since, moreover, the activities that comprise the taskscape are unending, the landscape is never complete: neither 'built' nor 'unbuilt', it is perpetually under construction. This is why the conventional dichotomy between natural and artificial (or 'man-made') components of the landscape is so problematic. Virtually by definition, an artefact is an object shaped to a pre-conceived image that motivated its construction, and it is 'finished' at the point when it is brought into conformity with this image. What happens to it beyond that point is supposed to belong to the phase of use rather than manufacture, to dwelling rather than building. But the forms of the landscape are not pre-prepared for people to live in - not by nature nor by human hands - for it is in the very process of dwelling that these forms are constituted. (Grifo nosso).¹⁵⁷

Para finalizar, afirmo que as pedras rúnicas são expressões de poder na paisagem, ou, nas palavras de Minoru Ozawa, criam uma paisagem política. Esses monumentos memoriais são edificações que incorporam processos históricos, enraizadas no contexto das “tarefagens” humanas em seus espaços, carregadas de temporalidade e inter-relacionadas aos seres vivos, suas atividades e modificações, que ocorrem também pelos fenômenos da natureza. E como as pedras são parte integral da paisagem, carregam em si o passado, mas incorporam também o presente e projetam-se no futuro, interagem e colaboram para a humanidade recolher significados do mundo conforme nele habitam.

¹⁵⁷ INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, n. 25, v. 2, 1993, p. 162.

Capítulo II - O poder na inscrição

O grau de letramento na sociedade danesa durante o período do fenômeno de pedras rúnicas não será amplamente discutido.¹⁵⁸ De qualquer forma, cabe mencionar, que concordamos com Jesch e Spurkland, (a última responsável por cunhar o termo *runacy*, em paralelo a *literacy*)¹⁵⁹, que ao menos entre as elites escandinavas havia grau razoável de letramento em runas e, conseqüentemente, de reconhecimento do valor memorial prestigiado da palavra escrita. Dessa forma, as pedras rúnicas e inscrições em outros objetos são um tipo primário de cultura letrada na Escandinávia, “concrete as well as verbal, and this is reinforced by the monumentality and decoration of the rune stones”.¹⁶⁰ Cabe mencionar que o grau de “alfabetização” em runas na Escandinávia da era viking e medieval é tema muito discutido. Ao passo que pesquisadores mais recentes defendem que elites e mesmo camadas populares da população (vide apontamentos na Introdução) eram capazes de ler o *futhark*, outros mais tradicionais, como Stefan Brink¹⁶¹, consideram o alfabeto rúnico como limitado a um estágio transicional ao letramento propriamente dito, àquele posterior com uso do alfabeto latino, logo, seriam poucos os capazes de realizarem a leitura de inscrições.

Há um aspecto da fórmula de comemoração nas inscrições que é fundamental levar em consideração para o entendimento das funções das pedras rúnicas e do que buscavam comunicar. A proeminência dada na inscrição aos patrocinadores as tornam um tipo único de monumento memorial aos mortos diferente da maioria das pedras tumulares antigas e medievais, que normalmente só nomeiam o falecido.¹⁶² Além disso, uma característica comum nas pedras é a preocupação em definir adequadamente nas inscrições o tipo de relacionamento entre patrocinador(es) e homenageado(s), em sua maioria ligados por relações familiares, e que apresenta variações regionais tanto nos graus dos relacionamentos, quanto no número de patrocinadores e de homenageados, o que trataremos adiante:

The stone not only commemorated the deceased, but it **materialised the social**

¹⁵⁸ Para tanto, cf. Introdução e Parte I da obra: ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012.

¹⁵⁹ SPURKLAND, Terje. Literacy and ‘Runacy’ in Medieval Scandinavia. In. ADAMS, Jonathan; HOLMAN, Katherine. **Scandinavia and Europe 800–1350: Contact, Conflict, and Coexistence**. Turnhout: Brepols, 2004.

¹⁶⁰ JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 9-12.

¹⁶¹ BRINK, Stefan. Verba Volant, Scripta Manent? Aspects of Early Scandinavian Oral Society. In. HERMANN, Pernille (Ed.). **Literacy in Medieval and Early Modern Scandinavian Culture**. Odense: University Press of Southern Denmark, 2005, p. 77-135.

¹⁶² SAWYER, Birgit. Viking-age rune-stones as a crisis symptom. **Norwegian Archaeological Review**, n. 2, v. 24, 1991, p. 106.

relation between the commemorated and the raiser of the stone, leaving a **lasting impact on the landscape**. Long after the body of the deceased has decayed the memory of the relationship between the deceased and the raiser of the stone is still preserved today as an enduring, material stone body. [...] The act of raising rune stones was a means of creating or transforming the place, providing it with references to specific families, genealogies and norms. (Grifo nosso.)¹⁶³

A fórmula padrão “‘X’ erigiu esta(e)(s) pedra/monumento(s) em memória de ‘Y’” está presente virtualmente em todo *corpus* de pedras rúnicas danesas estudadas. Excluindo-se às 16 pedras indecifráveis (ou em que constam apenas as letras do *futhark* – DR Til2) do cálculo e os 17 casos em que constam apenas nomes próprios ou nomes acompanhados de um verbo, encontra-se que em 84,3% das pedras consta a inscrição tradicional de homenagem. O restante das pedras geralmente é datada dos séculos VIII e IX, antes do estabelecimento do padrão na inscrição comemorativa e contém mensagens bem curtas, com somente um nome próprio - 11 casos -, ou com um nome próprio acompanhado de outras palavras, como *stein*, “pedra”; *kuml*, “monumento(s)”; *ligir hir*, “deita aqui”, *graf*, “gravou” ou *risti*, “erigiu” - 6 casos -. Ou seja, há 17 pedras rúnicas nesse primeiro momento de expressão do fenômeno. Isso indica que o período de surgimento das pedras rúnicas (séculos VIII e IX) foi relativamente curto, com poucos exemplares, e rapidamente estabeleceu-se a “padronização” do costume de erigir monumentos seguindo a fórmula padrão. Fato esse que aponta que as camadas sociais responsáveis por encomendar pedras memoriais, e, especialmente os gravadores de runas, estavam cientes dos efeitos comparativos que inscrições semelhantes representavam, definido-se, assim, como algo prestigioso, ademais, que deveriam ser, de fato, os estratos mais altos das sociedades escandinavas, posto que a palavra escrita permanecia, em sua maioria, um privilégio desse estrato.

Uma forma de distinguir e louvar um homenageado nas inscrições rúnicas era acrescentando-se a indicação de qual título ou posição social a pessoa desempenhava na comunidade. Sabemos de muitos nomes de cargos administrativos e militares por meio dessas indicações, ainda que, por vezes, não consigamos identificar exatamente as funções que exerciam. Títulos eram comunicados nas pedras rúnicas como forma de diferenciação de status e forma de elevar à memória dos nomeados e, também, relacionam-se às intenções e ambições políticas dos patrocinadores, que por meio das pedras se vinculavam ao prestígio do falecido e exibiam, conseqüentemente, sua própria posição social. As posições sociais representadas nas inscrições serão tratadas em detalhes no último capítulo.

Neste capítulo iremos ressaltar diferentes aspectos das inscrições rúnicas, os quais os

¹⁶³ LUND, Julie. Rune Stones as Material Relations in Late Pagan and Early Christian South Scandinavia. *Danish Journal of Archaeology*, v. 9, 2020, p 12-3.

patrocinadores (e runógrafos) encontraram para diferenciar suas pedras e torná-las mais prestigiosas, tornando-as mais eficazes em comunicar e (co)memorar o poder de seus núcleos familiares.

O primeiro aspecto tratado neste capítulo diz respeito aos diferentes usos da inscrição memorial padrão, que se por um lado apresenta certa rigidez, por outro lado encontram-se muitas pequenas variações, as quais merecem ser destacadas e analisadas. Talvez a mais importante delas seja a ocorrência do “verbo *láta* + verbo no infinitivo”, que conferia uma forma de agência superior do patrocinador sobre o monumento memorial.

O segundo ponto trata-se das variações nos graus de relacionamento entre patrocinador e comemorado. Iremos ressaltar alguns casos excepcionais, ao passo que indicamos os dados encontrados. Cabe adiantar que a maioria das pessoas eram ligadas consanguineamente, mas há exemplares importantes que lidam com pessoas associadas em alianças político-militares. Esses casos são fundamentais para análise desta dissertação, que lida com expressões de poder por meio das pedras rúnicas. Despender recursos para marcar na paisagem uma associação desse tipo sem dúvida aponta para o alto grau social dos patrocinadores. Além disso, indica a necessidade de manter-se vinculado ao prestígio do falecido comemorado, ou mesmo a vontade de buscar novas alianças, uma vez que a posição ocupada pelo homenageado tornou-se vaga, por exemplo, no caso de um capitão de navio ou de um membro de uma *félag* ou uma *lið*, e ao mostrar-se na paisagem ser um homem ou mulher.

O terceiro objetivo será definir as relações de gênero presentes nas pedras rúnicas. Em quais situações mulheres eram patrocinadoras desses monumentos? Quais suas ambições? Existem menções a mulheres em posições de comando ou com títulos sociais de destaque? Para tanto, analisaremos o *corpus* rúnico, destacando alguns casos especiais.

Por fim, abordaremos diferentes tipos de acréscimos às mensagens, a fim de evidenciarmos algumas formas que os escandinavos, em especial, os daneses encontraram para aumentar o prestígio e a eficácia dos monumentos. Inscrições mais complexas, nas quais constam declarações explícitas de linhagem ou ancestralidade, indicam a clara vontade dos patrocinadores de mostrarem-se associados diretamente ou indiretamente a determinado núcleo familiar. Mensagens que incluem algum detalhe sobre a circunstância de morte dos homenageados representam uma maneira de elevar o prestígio do falecido, e consequentemente, o do próprio patrocinador. Declarações de herança ou de posse são

auto-evidentes e indicam o grande poder dos nomeados nas inscrições, ao mesmo tempo que garantem direitos de transferência de patrimônios, ao cinzelar-se uma “documentação” desses. A inclusão de orações, sejam pagãs ou cristãs, e maldições conferem um caráter sagrado às pedras memoriais, além de evidenciarem qual culto o núcleo familiar estava vinculado. No caso das orações cristãs pela alma do falecido, poderiam ter ainda outros efeitos, os quais iremos discutir. Por fim, abordaremos a “assinatura” dos monumentos, que denotam o poder dos seus responsáveis por mostrarem-se vinculados a determinado(s) escultor(es) de runas, podendo estes serem, inclusive, “empregados particulares” de determinado núcleo familiar.

1. A fórmula de inscrição memorial e o verbo *láta*

A primeira característica fundamental das pedras rúnicas é sua inscrição formulaica “X erigiu esta pedra em memória de Y”, sendo “X” o(a)(s) patrocinador(a)(es) e “Y” o(a)(s) homenageado(a)(s). Um monumento funerário atípico, pois nomeia previamente o patrocinador da obra, e não o ente falecido.

Chamar atenção para esse aspecto da fórmula de comemoração é fundamental para o entendimento das funções das pedras rúnicas e do que buscavam comunicar. A proeminência dada na inscrição aos patrocinadores as tornam um tipo único de monumento memorial aos mortos, diferente da maioria das pedras tumulares antigas e medievais, que normalmente só nomeiam o falecido.¹⁶⁴ Além disso, uma característica comum nas pedras é a preocupação em definir adequadamente nas inscrições o tipo de relacionamento entre “X” e “Y”, que apresenta variações regionais tanto nos graus dos relacionamentos, quanto no número de patrocinadores e de homenageados, o que apresentaremos na seção seguinte.

Até a década de 950 (próximo ao momento em que ocorreu a conversão ao cristianismo¹⁶⁵ do rei Haraldr Gormsson e a exibição de seus feitos na DR 42), considera-se que há uma fase de transição entre a tendência de pedras com mensagens mais curtas e a expansão do costume com a fórmula padrão de homenagem. Nesse período estabeleceu-se o protagonismo do patrocinador do monumento na mensagem de inscrição rúnica, ao contrário de mensagens que mencionam somente um nome do período anterior a 900. Mas ao invés do uso do padrão *reisti stein*, “erigiu esta pedra”, referiam-se ao objeto como “monumento”, ou

¹⁶⁴ SAWYER, Birgit. Viking-age rune-stones as a crisis symptom. *Norwegian Archaeological Review*, n. 2, v. 24, 1991, p. 106.

¹⁶⁵ Sobre o processo de conversão ao cristianismo, vide: BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus’ c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

seja, *X gerði kuml þessi ept Y*, “X fez este(s) monumento(s) em memória de Y”.

O termo *kuml* é uma palavra polissêmica e refere-se a diferentes entidades materiais, segundo definição de Ing-Marie Back Danielsson, como pedras rúnicas, outras pedras erigidas, e/ou um túmulo.¹⁶⁶ A respeito das pedras rúnicas com *kuml*, ela disse:

These stones are of special interest, not least from a semiotically theorized perspective, since the same word, *kuml*, the sign, could refer to different material phenomena. *Kuml* could refer to, or stand for, the rune-stone that carried the *kuml* inscription, and *kuml* could also refer to other uninscribed stones standing in the vicinity of the rune-stone, but also to a mound, or grave, as in the abode of the dead. When different material phenomena share the same name, it is implied that they were perceived as instances of the same quality.¹⁶⁷

Há 22 pedras rúnicas que enquadram-se nesse período transicional, o que representa 10,42% do *corpus* documental. Um aspecto importante que consta em uma parte das pedras e surge já nesse período, é o acréscimo do verbo *láta* à fórmula de homenagem, que confere uma forma diferente de agência e poder do patrocinador sobre o monumento, como no caso da DR 36: ... *lét kuml þessi gera, Harald ... fǫður ...*, i. e., “**mandou fazer** o monumento, Haraldr¹⁶⁸ ... pai...”. *Lét* vem do verbo *láta*¹⁶⁹, que possui diferentes significados, como: deixar, desistir, omitir, soltar. Contudo, quando acompanhado de um segundo verbo no infinitivo, o primeiro verbo passa a significar “deixar”, “causar” ou “fazer com que”. Portanto, no caso das inscrições rúnicas que possuem a construção “verbo *láta* + verbo no infinitivo”, há o sentido de “mandou erguer/fazer a pedra”, “fez com que a pedra erguida/feita” ou “deixou a pedra ser erguida/feita”.

Depreende-se, logo, que com o uso dessa construção, o patrocinador do monumento ansiava colocar-se em uma posição de comando, de comendador da pedra a um runógrafo. Ao contrário da forma usual de homenagem que dá a entender que o próprio patrocinador

¹⁶⁶ DANIELSSON, Ing-Marie Back. The Social Qualia Of *Kuml*: An Exploration of the Iconicity of Rune-Stones with *Kuml* Inscriptions from the Scandinavian Late Viking Age. *Current Swedish Archaeology*, Uppsala, v. 23, 2015, p. 157.

¹⁶⁷ DANIELSSON, Ing-Marie Back. The Social Qualia Of *Kuml*: An Exploration of the Iconicity of Rune-Stones with *Kuml* Inscriptions from the Scandinavian Late Viking Age. *Current Swedish Archaeology*, Uppsala, v. 23, 2015, p. 158

¹⁶⁸ Alguns runólogos levantam a possibilidade do Haraldr mencionado nesta pedra rúnica tratar-se do rei Haraldr Gormsson. A datação da pedra possibilita a hipótese, mas não há elementos suficientes para sua comprovação. Cf. SJy 3: Sønder Vilstrup stone. runer.ku.dk. Universidade de Copenhagen. Disponível em: <https://runer.ku.dk/q.php?p=runer/genstande/genstand/34>.

¹⁶⁹ Todas as traduções e análises seguem conformidade com o dicionário online, hospedado pela Universidade de Copenhagen, Ordbog over det norrøne prosasprog (ONP), com enfoque no Dicionário Fritznors. O dicionário funciona da seguinte forma: as palavras têm artigos em que constam seus casos no *corpus* de prosas em língua nórdica. As traduções de cada palavra são apresentadas e coletadas de uma *database* de dicionários, que constam ao final da página de cada artigo. Entre os dicionários oferecidos, optamos pelas traduções do Dicionário Fritznors, com eventuais cotejos com o Dicionário Cleasby & Vigfússon. A partir daqui, iremos nos abster de referir cada tradução feita no processo de construção desta dissertação. Cf. Ordbog over det norrøne prosasprog. Institut for Nordiske Studier og Sprogvidenskab (NorS). Universidade de Copenhagen.. Disponível em: <https://onp.ku.dk/onp/onp.php>.

erigiu a pedra, mesmo que ele não tenha de fato levantado a pedra sozinho ou sequer gravado a mensagem.¹⁷⁰ Acreditamos, nesse sentido, que as pedras rúnicas com presença do “*láta*” representam uma forma mais prestigiosa, que conferiria um grau de agência superior ao patrocinador. Podemos especular que essa grafia diferente da homenagem possa ter surgido também como uma forma de indicar que aquele núcleo familiar tinha sob seus auspícios um escultor de pedras rúnicas próprio, o que denotaria ainda maior poderio¹⁷¹ e nível de riquezas do patrocinador.

Há 3 pedras rúnicas com “*láta*” acompanhado do infinitivo *gera* + o termo *kuml*, a DR 36, do sul da Jutlândia, a DR 55 da Jutlândia central, e a DR 293†¹⁷², perdida na Escânia. A DR 36 foi supracitada e trata-se de uma pedra fragmentada e de inscrição incompleta. Datada entre 970 e 1020, atualmente encontra-se em propriedade privada, um granito de 188 cm. A DR 55 é uma pedra excepcional, pois é o único caso de homenagem de mulher para mulher, além disso, a patrocinadora foi a rainha Tófa, uma das esposas de Haraldr Gormsson. Analisaremos em detalhes essa pedra na seção de relações de gênero, cuja inscrição diz: “Tofá mandou fazer o monumento, filha de Mistivoj, esposa de Haraldr o Bom, filho de Gormr, em memória de sua mãe.”¹⁷³ Por fim, a DR 293†, datada entre 970 e 1020, que foi encontrada na Escânia mas foi perdida. Sua inscrição é bem complexa e diz: “Ketiley mandou fazer este monumento em memória de ... *þegn* completamente (ou perfeitamente) bom, quem a possuía.”¹⁷⁴ Além do uso da construção com *láta*, Ketiley expressou o prestígio de seu marido ao indicar qual título ele possuía – *þegn* –, acompanhado de uma gradação de *boni homines* ou *góðir menn – algóðan* –, e ainda, ao concluir dizendo que ele a possuía, ou seja, era seu marido.

Contudo, ressaltamos que há também um caso único no qual o patrocinador usou uma construção semelhante, mas que enfatizou ainda mais a relação de poder e status social elevado dos nomeados. Ocorre justamente na DR 42, a grande pedra rúnica de Jelling, erigida pelo rei Haraldr Gormsson. Jamais copiada em outras pedras rúnicas danesas, possivelmente impactou a pedra U 4, na região de Uplândia (sue. Uppland). Uma evidência direta da necessidade de enunciação de seu poderio foi a escolha do monarca por utilizar *bað gera kuml*, ou seja, dizer que ele “ordenou” ou “comandou os monumentos serem feitos”. Essa ênfase premedita pelo rei também chama atenção para todas as obras monumentais que erigiu

¹⁷⁰ JESCH, Judith. Reading the Jelling Inscription. In. GAMMELTOFT, Peder (Ed.). **Beretning fra enogtredivte tværfaglige vikingesymposium**. Højbjerg: Forlaget Wormianum, 2013, p. 10-11.

¹⁷¹ Por poderio entendemos: grande poder; direito ou poder de ordenar, de agir, de se fazer obedecer; autoridade, domínio.

¹⁷² O símbolo † indica que a pedra rúnica desapareceu, foi destruída ou perdida.

¹⁷³ “*Tófa lét gera kuml, Mistivis dóttir, ept móður sína, kona Haralds hins Góða, Gorms sonar.*”

¹⁷⁴ “*Ketiley lét gera kuml þessi epti[r] ... þegn algóðan, þann er hana átti.*”

no complexo de Jelling, posto que *kuml* admite singular ou plural, a saber, o monte funerário sul¹⁷⁵, a paliçada¹⁷⁶ e a igreja¹⁷⁷. No centro, coroando o complexo régio, erigiu a DR 42.

Também há presença de “láta” nas inscrições rúnicas do período vigente da fórmula de homenagem padrão tradicional, com o uso de *stein*, que ocorreu em 7 pedras rúnicas do total de 127 em que constam a fórmula “X *reisti/setti*¹⁷⁸ *stein þenna eptir* Y”. Ou seja, somando-se aos 3 exemplares apresentados acima, o “láta” ocorre em 5,61% dos casos de inscrição formulaica.

Anunciar em pedras rúnicas que ergueu-se uma ponte é importante evidência à defesa de que as pedras colaboraram para ampliação das redes de alianças entre elites, afinal conectam o custoso feito a uma família prestigiada e, literalmente, criaram um caminho para que outras pessoas pudessem cruzar e buscar aliar-se a ela. Nos territórios daneses aqui estudados encontram-se 5 pedras rúnicas com menções que alguém ergueu uma ponte em memória de outrem, revelando que além de erguerem pedras, erguiam-se também pontes, naturalmente mais caras, como uma forma de homenagem funerária.¹⁷⁹ Pode-se sugerir que esses feitos estariam reservados àquelas famílias que não precisavam aumentar seu prestígio social ou serem notadas socialmente por meio das pedras rúnicas, mas ainda assim gostariam de demonstrar seu poderio na paisagem danesa de uma forma ostensiva.

¹⁷⁵ O monte Sul ou monte de Gormr trata-se de um cenotáfio que mede 70 metros de diâmetro e 11 metros de altura e foi erigido em duas fases. A análise dendrocronológica data sua construção após 963, mais provavelmente em 970, com a fase de conclusão indefinida HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN, A. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. *Præhistorische Zeitschrift*. Berlin, v. 87, n. 2, 2013, p. 480).

¹⁷⁶ Paliçada com quatro faces de 360 metros, em forma rômica, que define uma área de 12,5 hectares – a maior paliçada construída na Escandinávia da era viking. A geometria impressionante do complexo de Jelling é frequentemente ressaltada e, tendo em mente as cinco fortalezas circulares erigidas por Haraldr, notamos o gosto do rei por estruturas geométricas. O cruzamento das paralelas da paliçada de Jelling forma quatro triângulos pitagóricos. PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: a national Icon between Legend and Fact. In VON CARNAP-BORNHEIM, Claus (Ed.). **Quo vadis? Status and Future Perspectives of Long-Term Excavations in Europe**. Hamburgo: Wachholtz Verlag Murmann Publishers, 2014b, p. 249.

¹⁷⁷ Igreja estilo romanesco em pedra: datada do final do século XI ou início do XII, a igreja em pedra sobrepõe vestígios de três estruturas anteriores, em madeira, de meados do século X, e abriga uma câmara funerária datada do estrato mais antigo. PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: a national Icon between Legend and Fact. In VON CARNAP-BORNHEIM, Claus (Ed.). **Quo vadis? Status and Future Perspectives of Long-Term Excavations in Europe**. Hamburgo: Wachholtz Verlag Murmann Publishers, 2014b, p. 257. Nela foi encontrada a ossada de um homem de meia idade, 173 cm de altura, que aparenta ter sido re-enterrado na câmara, pois entre os ossos desarticulados se encontram fragmentos de filamentos de linha em ouro. Acredita-se que esse homem poderia ser Gormr, ali re-inumado por Haraldr para associar o pai ao cristianismo. PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. In FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in Runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006b, p. 302-3.

¹⁷⁸ Há 91 pedras rúnicas danesas que usam o verbo *reisa*, “erigir”, e 39 casos do verbo *setja*, “colocar”. O verbo *standa*, “estar”, também é usado em 2 pedras na Fíónia (DR 189† e DR 192).

¹⁷⁹ Também há menções a erguer-se montes (funerários) – duas pedras rúnicas da parte sul da Jutlândia, DR 29 e DR 34, ambas dedicadas a uma mesma mulher. Há também um caso de monumento, patrocinado por uma mulher, que consta que ela ergueu a pedra, o monte e o navio (referindo-se a um conjunto de pedras em formação naviforme), a DR 230. Trataremos desses exemplares na seção de relações de gênero.

A pedra DR 210†, datada entre 1050 e 1300, localizava-se na Fíónia, mas foi perdida no incêndio de Copenhague de 1728. É mencionada pela primeira vez no relatório do padre da paróquia de Otterup, em 1623, como um fragmento encontrado em Lunde ou Otterup próximo a uma ponte de pedra, segundo o *Danmarks runeindskrifte*. Continha, segundo tal registro, a possível inscrição “*brú eptir*”, “ponte para”. Devido à runologia da época de seu descobrimento, admite-se cautela ao tomar essa tradução como verdadeira, pois é questionável.

Há três pedras com menções à ponte na Zelândia, o que revela que lá a prática de erguer pedras que mencionam pontes era mais comum, possivelmente devido às condições naturais. A DR 238, datada entre 1000 e 1050, é ornamentada com uma cruz isósceles simples no início da inscrição, que diz: “Sassurr ergueu a pedra e fez a ponte”.¹⁸⁰ Na pedra DR 235, data entre 1000 e 1050, consta a inscrição: “Deus ... tome conta da alma de-bret, ele fez as pedras ... Eðvin(?) ponte(?)”.¹⁸¹ A DR 229 (1025-1100) está fragmentada e possui uma mensagem mais longa: “Sylfa ergueu ... Spalkløsa em memória de Sǫssurr, (seu) pai [e] fez a ponte em memória de Þorgisl, seu irmão. Sempre permanecerá ... este memento, o qual Sylfa/ele mesmo produziu.”¹⁸² Seria possível que o Sassurr da DR 238 fosse o mesmo Sǫssurr da DR 229, com o nome grafado ligeiramente diferente? Isso indicaria um costume do núcleo familiar desse homem em erguer pontes, essa cara e prestigiosa forma de homenagem. A conjectura é possível, afinal ambas foram encontradas no condado de Soro.

¹⁸⁰ *Sassurr reisti stein en gerði brú.*

¹⁸¹ *Guð ... fyriré ...brets sál, hann gerði steina ... Eðvin(?) brú(?).*

¹⁸² §A *Sylfa reist[i] ... Spalkleysu eptir Sǫssur, fǫður [ok] [ge]rði brú þessa eptir Þorgisl, bróður sinn. §B Æ mun ... vitring þessi, er vann Syl[fa]/sjal[fr].*



Fig. 17 Pedra rúnica DR 238. © Museu Nacional da Dinamarca.

Por fim, há também uma pedra na Escânia com menção à ponte. A DR 269 (970-1020) é ornamentada com um cruz recruzada e possui a inscrição “Þorkell, filho de Þórðr, fez esta ponte em memória de Vragi [ou Rangí], seu irmão.”¹⁸³ Note que há também uma declaração de linhagem ou ancestralidade na inscrição.

2. Graus de relacionamento

Uma característica importante das pedras rúnicas é a preocupação em definir corretamente o grau de relacionamento social que conectava patrocinador e homenageado, o que ocorre em 137 pedras danesas do *corpus*, em 69,89% das inscrições decifráveis¹⁸⁴ ou 64,92% do *corpus* total. Eram majoritariamente ligados por relações de parentesco, com 108 casos¹⁸⁵ ou 82,42% do *corpus* com a definição do grau de relacionamento entre os nomeados.

O grau de parentesco mais comum nas homenagens é o entre irmãos do gênero masculino,¹⁸⁶ que ocorre em 34 pedras rúnicas (24,81% do *corpus* com definição de

¹⁸³ *Þorkell gerði, Þórðar sonr, brú þessi ept Vraga/Ranga, bróður sinn.*

¹⁸⁴ Lembrando que há 15 pedras indecifráveis.

¹⁸⁵ Há três casos de dupla-homenagens em que aliados foram comemorados juntamente com a comemoração de filho para com o pai: DR NOR1998;5 (sul da Jutlândia), DR 149 (norte da Jutlândia) e DR 318 (Escânia). Esses exemplares não entraram nesta conta, portanto, pois uma das homenagens é de relacionamento de aliança, o que nos levou a considerá-los nessa última categoria.

¹⁸⁶ Irmão(s) para irmão(s).

relacionamento); seguido de homenagens de um filho (homem) para seu pai, em 17 casos (12,4%); há 10 pedras em que uma viúva homenageou ao marido (7,29%); 6 homenagens de irmão + filho para um irmão + pai (3,8%); 6 casos em que um pai erigiu um monumento em memória de um filho (3,8%); 4 homenagens de uma mãe a um filho (homem) (2,54%) e outras 4 de esposo para esposa (2,54%).¹⁸⁷

Restam 27 pedras rúnicas erigidas em homenagens a parentes. Gostaríamos de apresentar quatro pedras rúnicas que mostram graus de parentesco mais distantes, no exemplar em que consta uma relação entre os primos, e casos de parentescos sem consanguinidade. A existência desses atesta a importância dada para especificação precisa dos graus de parentesco em pedras rúnicas, o que nos mostra que iam além de uma forma de homenagem funerária prestigiosa, mas relacionam-se diretamente às funções de associação à notoriedade do ente querido falecido e conseqüentemente, a de criarem um canal de comunicação que possibilitasse a ampliação das alianças do núcleo familiar.

A DR 97 contém o único caso de homenagem de uma tia para um sobrinho nas regiões danesas, e foi encontrada na Jutlândia central. Além disso, é um dos poucos exemplares de inscrição com uma clara e direta demonstração de afeto, que serve também para justificar a homenagem, que diz: “Þyrvé, esposa de Végautr, mandou erigir essa pedra em memória de Þorbjörn, filho de Sibba, filho de sua irmã, quem ela se importava mais do que se fosse seu querido filho.”¹⁸⁸ O distante grau de parentesco entre patrocinadora e homenageado foi suplantado pelo tipo de relacionamento mãe e filho desenvolvido entre eles, explicitado na pedra. Þyrvé, que associou-se ao nome do esposo, tinha o primo Þorbjörn, quem ela associou ao nome do pai Sibba, como a um próprio e amado filho. Isso nos leva a questionar: teria ela outros filhos ou a morte do primo teria deixado seu núcleo familiar sem um herdeiro? É uma possibilidade, pois explicaria a ostensiva homenagem (note também o uso do “láta”) e a preocupação em enunciar sua relação com o esposo e quem era o pai do falecido comemorado, demonstrando uma disrupção social além do lado emocional. Se temos em mente a ideia de que as pedras poderiam abrir possibilidades para novas alianças, demonstrar que aquela família não tinha a quem passar seus bens após o falecimento de Végautr e Þyrvé poderia chamar atenção de outros parentes ou mesmo, de outros homens livres, que quisessem aliar-se a eles, servirem-lhes e conseguir ganhos materiais ou status

¹⁸⁷ Em 39 exemplares há relações do tipo: pai/mãe/filho(s) para pai/mãe/filho, ou seja, em 28,46% do *corpus* com definição de relacionamento.

¹⁸⁸ Þyrvé, Végauts kona, lét reisa stein þenna eptir Þorbjörn, son Sibbu, systling sinn, er hon hugði betr en svásem syni.

social, aceitando-se que eram membros bem abastados na sociedade danesa por despender recursos para homenagear dessa maneira a Þorbjörn.

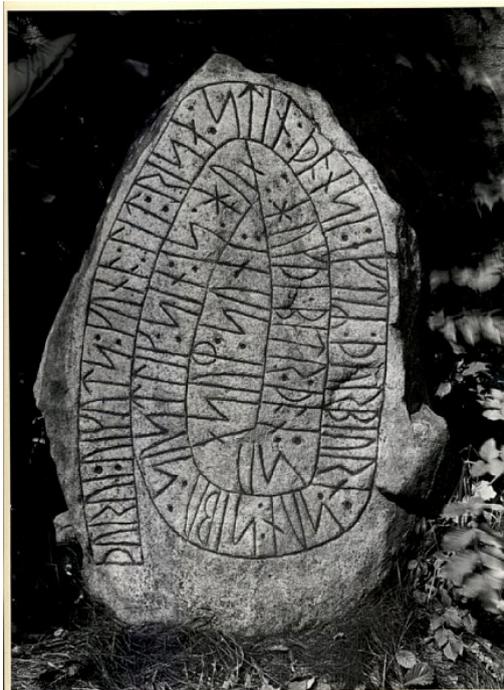


Fig. 18 Pedra rúnica DR 97. © Museu Nacional da Dinamarca.

As pedras rúnicas DR 69 e DR 289 homenageiam a um *mágr*¹⁸⁹, isto é, ao sogro, genro ou cunhado do patrocinador, que pode ser traduzido como parente-por-casamento. Como o termo possibilita as três traduções, não sabemos ao certo qual o tipo de relacionamento entre os nomeados. A DR 69 foi encontrada na Jutlândia central, possui a ornamentação de uma cruz entrecortada e a inscrição “Þjóðkell erigiú esta pedra em memória de Tófi, seu *mág* (parente-por-casamento).”¹⁹⁰ Não temos elementos suficientes para afirmar uma razão explícita para a homenagem de Þjóðkell, mas no caso da pedra DR 289 podemos dizer que teria sido graças à necessidade de exibição e associação ao título do falecido: “Fraði (ou Freði) erigiú esta pedra em memória de Ólafr, seu *mágr* (parente-por-casamento), um *drengr* muito bom.”¹⁹¹ O *drengr* era um guerreiro¹⁹², provavelmente um cargo militar membro do exército régio e atribuído pelo monarca. Há muitos *drengir* em pedras rúnicas, como veremos melhor na seção destinada à discussão desse tema, sendo inclusive apontado como

¹⁸⁹ *Brother-; father- or son-in-law.*

¹⁹⁰ *Þjóðkell reisti stein þenna eptir Tófa, mág sinn.*

¹⁹¹ *Fraði/Freði reisti stein þenna eptir Ólaf, mág sinn, dreng harða góðan.*

¹⁹² Os catálogos usualmente traduzem *drengr* como homem valente. Não faremos o mesmo pois julgamos prejudicar a noção da ocupação em um cargo militar específico e generalizar e ocultar esse título, fundamental para compreensão do sentido e função da pedra rúnica em questão e do fenômeno em geral, como exploraremos melhor no capítulo III, destinado à análise da presença de títulos nas inscrições.

um dos títulos (e naturalmente a necessidade de associar-se a ele) que influenciou na difusão do costume de erguer pedras rúnicas, juntamente com o título *Þegn* (JESCH, 2001: 229-231).

A última pedra que gostaríamos de apresentar é a DR 212, um caso singular de inscrição, pois além da homenagem de um enteado à madrasta, como dito acima, contém a única homenagem de alguém a si mesmo dos territórios daneses. Encontrada em Lolland-Falster, com uma grande cruz processional desenhada na terceira face, a pedra diz: “Áskell, filho de Súlki, mandou erguer essa pedra erigida em memória de si mesmo. Sempre permanecerá, enquanto a pedra viver, esta lembrança, que Áskell produziu. Que Cristo e São Miguel ajudem sua alma. Tóki gravou as runas em memória de Þóra, sua madrasta, uma boa esposa.”¹⁹³ Como podemos ver, trata-se de uma complexa inscrição, com presença de aliteração e composta de duas homenagens. A primeira é do patrocinador a si mesmo, cujo protagonismo na pedra é reforçado por três aspectos: pelo uso do “*láta*”; na segunda frase, ao dizer que foi ele quem a produziu; e na oração a Cristo e São Miguel pela sua alma, que aparece antes da segunda homenagem, logo não se estende o pedido à alma de Þóra. Isso fez-se necessário pois há a segunda homenagem, do escultor de runas a sua madrasta, elogiada como boa esposa. Podemos deduzir que Haskell não seria parente de Tóki ou de Þóra, pois quando há mais de um patrocinador do monumento ambos os nomes aparecem juntos no início da inscrição e não cuidadosamente diferenciados e distanciados, vide que a segunda homenagem foi disposta nas “margens” da terceira face, apequenada pela grande cruz.

É preciso ressaltar que há 28 pedras rúnicas danesas com mais de um patrocinador (20,43% do *corpus* com denominação de relacionamento) e outras 19 pedras com mais de um homenageado (13,86%). Especialmente no caso das pedras com mais de um patrocinador, poderíamos afirmar serem homenagens de membros menos abastados das elites? É difícil ter certeza, pois pode-se supor tanto que precisaram unir recursos para conseguirem patrocinar o monumento, como que foi uma forma de destacar a figura do falecido como alguém muito querido e respeitado naquela comunidade ou núcleo familiar.

Por fim, mencionamos as 29 pedras rúnicas que foram erigidas por pessoas ligadas por algum tipo de aliança social além da familiar. Em pelo menos 14 delas, as pessoas estavam ligadas em *félag*, isto é, uma relação de companheirismo ou de sociedade, cujos membros se deviam obrigações mútuas. A *félag* poderia consistir de homens que possuíam

¹⁹³ §A *Áskell Súlka sonr lét reisa stein þenna ept sjalfan sik. Æ mun standa, með steinn lifir, vitrind sú, er vann Áskell. §B Krístr hjalpi sál hans ok sankta Mikjáll. §C Tóki risti rúnar eptir [Þ]óru, stjúp móður sína, konu góða.*

juntos um navio, uma aliança para saques ou comércio ou um grupo de guerreiros unidos sob autoridade de um chefe.¹⁹⁴ Chama atenção que 9 pedras de *felági* estavam na região sueca de Escânia, podendo indicar uma necessidade desse tipo de associação para com daneses, uma vez que estes exerciam dominação indireta sobre aqueles. Retomaremos as pedras de *fêlag* no próximo capítulo.

3. Relações de gênero

Há clara diferenciação de gêneros nas pedras rúnicas, que apresentam pequena presença de patrocinadoras e de homenageadas, o que sinaliza, contudo, que a explicação do costume de erguer pedras rúnicas como sintoma apenas da mudança religiosa é insuficiente para justificar o fenômeno de pedras rúnicas como um todo. O número de opulentas inumações de mulheres membros da elite durante a idade do ferro tardia é bem mais alto que o número de homenageadas em pedras rúnicas. Ademais, essa diferenciação não encontra correspondência nem mesmo com o número de lápides cristãs das primeiras igrejas, que aliás, demoraram algumas décadas após o ápice de produção das pedras para serem construídas, ou seja, os cemitérios devidamente consagrados eram muito poucos.¹⁹⁵ Nesse sentido, as pedras rúnicas poderiam então representar uma forma de consagração daquela localidade, enterramento ou ainda, núcleo familiar ao cristianismo.¹⁹⁶

Se aceito que as pedras rúnicas consagravam ao núcleo familiar, então torna-se compreensível que as pedras, uma das formas de homenagem funerária mais ostensiva e prestigiosa entre as elites, estariam reservadas majoritariamente aos membros homens das linhagens. Homens tinham maiores possibilidades de adquirirem fama e, naturalmente, eram aqueles que em situações normais dentro daquelas sociedades encabeçavam o núcleo familiar e quem herdava a maioria dos bens, os títulos e direitos e deveres sociais associados. Nesse ínterim, as mulheres entrariam na fórmula das inscrições rúnicas quando havia, por meio das pedras, necessidade de publicizar associação a suas linhagens e/ou de reclamar diretamente suas heranças, direitos ou identidades, como no caso da DR 41 de Gormr para Þyrvé, por exemplo, cujo epíteto “Melhoramento/Remédio da Dinamarca” traz a provável primeira

¹⁹⁴ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 60-61.

¹⁹⁵ A completa organização diocesana da Dinamarca ocorreu por volta de 1060, ou seja, 112 anos após a incumbência dos três primeiros bispos à Aarhus, Ribe e Hedeby (ainda que, provavelmente, eles nunca pisaram na Dinamarca) e 95 anos após o batismo de Haraldr Gormson, o primeiro monarca danês batizado enquanto entronado. Seguida pela organização da Noruega, em c. 1060-1070 e finalmente da Suécia, entre 1070 e 1090. SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 21.

¹⁹⁶ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 20-22.

menção autóctone do nome do reino. Quando patrocinadoras, seriam mulheres que possuíam algum grau de independência para gestão de recursos próprios e que estariam em alguma posição de destaque político-social ou mesmo, que sustentavam o próprio núcleo familiar após o falecimento do marido. De qualquer forma, as pedras rúnicas possuem, sem dúvida, uma relação com o processo de conversão ao cristianismo, sendo inclusive uma das explicações apontadas por pesquisadores para a difusão do costume e para suas diferenciações regionais.¹⁹⁷

Se compararmos as porcentagens de pedras rúnicas com presença feminina do *corpus* de toda Escandinávia ao *corpus* de pedras danesas da presente pesquisa, notamos que o último apresenta números inferiores ao primeiro. Há 39 pedras rúnicas que mencionam mulheres, ou 18,48% do *corpus* (19,89% do *corpus* decifrado), enquanto que em toda a Escandinávia ocorre em 33% das pedras.¹⁹⁸ Também encontramos discrepância se compararmos as porcentagens de casos de mulheres na posição de patrocinadoras das pedras: enquanto ocorre em somente 11,37% nos territórios daneses estudados (24 exemplares, dos quais 4,¹⁹⁹ são patrocinadoras ao lado de homens), contra com 27% na Escandinávia. Contudo, ao contrário do que poderia se esperar, o número de homenagens a mulheres em pedras danesas é quase equivalente àquele das pedras escandinavas, 6,9% – 19 casos – contra 7%.²⁰⁰

O caso da pedra rúnica DR 55, erigida por Tofá, segunda esposa do rei Haraldr Gormsson, em homenagem a sua mãe, é o único caso danês que conta com uma mulher patrocinadora e com uma mulher homenageada. Esse exemplar representa 0,47% das pedras danesas estudadas, face à 0,4% de pedras escandinavas com homenagem de mulher para mulher.²⁰¹

A rainha tinha origem eslava-obodrita, ou seja, uma etnia que não possuía o costume de erigir pedras rúnicas. Talvez isso explique o “erro” de não incluir o nome da homenageada. Além disso, é seguro afirmar que a homenageada, sua mãe, não foi enterrada

¹⁹⁷ KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland? The Evidence of Local Rune Carvers and Their Work. In: ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly Christian European North**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 31-32.

¹⁹⁸ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 36.

¹⁹⁹ Apenas quatro casos em que mulheres patrocinam monumentos em conjunto com homens contra os 20 em que patrocinam sozinhas mostra que no caso danês a maioria das mulheres patrocinadores tinham gestão individual dos bens que empregaram nas construções.

²⁰⁰ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 36 e p. 168.

²⁰¹ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 40.

na Escandinávia ou que sequer conviveu diretamente com as elites escandinavas, leitoras da pedra e difusoras deste tipo de homenagem funerária. Afinal, a mãe nem mesmo tem seu nome mencionado – algo único, se tratando do “Y” da inscrição. Logo, não se trataria de reivindicar diretamente ao prestígio ou parte da herança da falecida, mas sim, daqueles a quem ela preocupou-se em nomear.

DR 55) **tufa ' lrt ' kaurua ' kubl ¶ mistiuis ' tutir ' uft ' muþur ¶ sina ' ¶ kuna ¶ harats ' hins ' kuþa ' kurms ¶ sunar**

NA: *Tófa lét gera kuml, Mistivis dóttiR, ept móður sína, kona Haralds hins Góða, Gorms sonaR*

Trad: Tofá mandou fazer o(s) monumento(s), filha de Mistivoj, esposa de Haraldr o Bom, filho de Gormr, em memória de sua mãe.

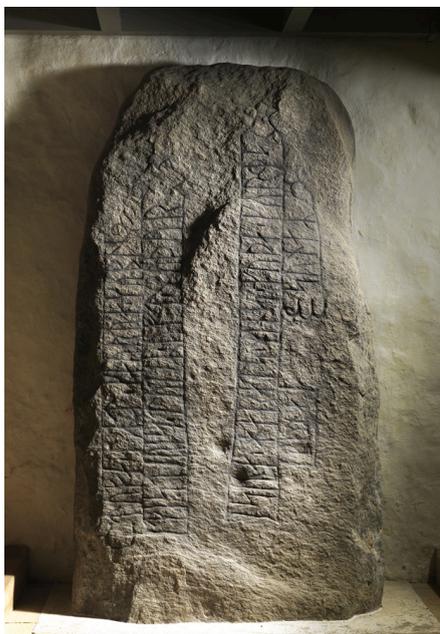


Fig. 19 DR 55. © Museu Nacional da Dinamarca.

A rainha Tofá, segunda esposa do rei Haraldr Gormsson (cujas primeiras esposas foram Gunhild e a terceira, Gyrid Olafsdottir, filha de um chefe sueco chamado Olaf), escreveu em uma enorme pedra de granito, com 245 cm de altura, datada entre 950 e 1000: “Tofá mandou fazer esses(s) monumento(s), filha de Mistivoj, esposa de Haraldr o Bom, filho de Gormr, em memória de sua mãe.” Além do uso mais prestigioso da construção da fórmula memorial com “*láta*”, já tratado anteriormente, há três pontos na inscrição que chamam à atenção. Primeiro, a declaração de sua paternidade, Mistivoj, rei dos eslavos abodritas: o que mostra o casamento de Haraldr com uma mulher estrangeira e sua aliança com Mistivoj. Segundo, a

ausência do nome de sua mãe, algo peculiar se tratando de uma homenagem em pedra rúnica, o único caso danês. Por fim, o uso do epíteto “o Bom” para se referir ao seu esposo.

Aliás, o fato da rainha Tófa ser estrangeira representa um ponto-chave na nova configuração da centralidade do poder régio na Dinamarca dos Jelling, conforme teoria de Andres Siegfried Dobat. Segundo o arqueólogo, forças externas e aparatos estrangeiros parecem ser conscientemente incorporados pela iniciativa dos agentes do processo de formação da centralidade do poder político danês. Esses agentes principais – os monarcas da dinastia Jelling – obtiveram óbvio sucesso na vinculação de entidades externas a si mesmos, por meio de relacionamentos interdependentes.²⁰² A DR 55, nesse sentido, foi fundamental na formulação de seus estudos, sobre a qual disse:

Although the runestone from Sønder Vissing appears of marginal interest at first sight, it opens up a central aspect of the problem. Testifying to a personal and political alliance between the Jelling family and a Slavonic ruler, it indicates that the prime agent of state formation consciously dissociated himself from the nobility of his realm. Instead of entering a personal alliance with one of the representatives of the indigenous nobility through marriage policy, he bypassed the existing power structures and simultaneously established a potential source of power in the form of an external social community. [...] Such exogamic marriages would have prevented the leading representatives of the state apparatus from becoming integrated into their social surroundings. Along the lines of the theoretical argument, the ‘import’ of foreign women thus not only emerges as **securing the efficiency of the central administration**; it would also have enduringly restrained the establishment of social alliances between representatives of state administration and traditional power structures and hence the growth of alternative power networks within the state. (DOBAT, 2009 : 94 - Grifo nosso)

Por outro lado, aqueles que são devidamente nomeados na pedra, a quem a rainha Tofá dá evidência de estar filiada, são seu “pai, Mistvoj” – rei dos obodritas – e seu esposo, “Haraldr o bom, filho de Gormr”. Por que, então, Tofá despendeu o montante de recursos necessários à homenagem ostensiva à mãe, se dessa não ganharia o prestígio ou alguma herança? Em outras palavras, que contexto, além da posse de bens, a teria motivado? Se temos em mente que o rei Haraldr se casou depois com Gyrid Olafsdottir, posso supor que a rainha estivesse usando das tradicionais pedras rúnicas para marcar na paisagem seu parentesco ao pai, ainda entronado, e seu relacionamento e homenagem ao *bom* rei Haraldr, que viria a se divorciar dela. Ao mostrar-se aliada a esses homens por meio da inscrição dedicada à mãe, ela poderia estar reivindicando ou salvaguardando uma posição social de destaque e privilégio entre as elites escandinavas, ou mesmo recorrendo a outros possíveis aliados ou marido, uma vez que em breve não seria mais a rainha “em função”.

²⁰² DOBAT, Andres Siegfried. The State and the Strangers: The Role of External Forces in a Process of State Formation in Viking-Age South Scandinavia (c. AD 900–1050). In. BRINK, Stefan et al. (Eds.). **Viking and Medieval Scandinavia** 5. Turnhout: Brepols, 2009, p. 93.

Nesse sentido, parece-me que o falecimento da mãe foi um subterfúgio para a autoafirmação de sua própria posição social na paisagem e inserção nas negociações de poder entre as elites escandinavas, por via do tradicional costume de erigir pedras rúnicas. E, ainda, uma forma de associar-se, homenagear e exaltar o poder do esposo Haraldr, cuja linhagem dinástica foi explicitada, ao acrescentar “filho de Gormr”, ou seja, ela colaborou para reafirmar a centralidade do poder dos Jelling.

Gostaríamos de apresentar três importantes casos de pedras rúnicas relacionadas à mulheres da região norte da Jutlândia, a DR 134, em homenagem à Ásboð, e as DR 26 e 29, ambas em homenagem à uma mulher chamada Þyrvé. Essas mulheres são apresentadas com o título *dróttning*, isto é, como a senhora, “patroa” ou preceptora do núcleo familiar, que também aceita as traduções rainha ou “mulher da família real”.

A pedra rúnica DR 134 (900-1020) possui ornamentações de *bowl pits* na parte de trás, as cavidades circulares esculpidas nas pedras, e diz: “Qzurr *landhirðir*, filho de Køgir (?), esculpiu essas runas em memória de [sua] *dróttning* Ásboð (ou Ásmóð).”²⁰³ Ela contém a homenagem do viúvo Qzurr, quem apresentou-se como *landhirðir*,²⁰⁴ título que demonstra ser um magnata com terras, traduzido como ‘*Estate-steward*’ nos catálogos, i. e., administrador de propriedade, possivelmente concedidas pelo poder régio. Logo, podemos imaginar que Ásboð era uma mulher muito abastada, senhora que colaborou na administração de uma grande propriedade de terras: pois quando os homens saíam em expedições, eram suas esposas que tomavam conta do núcleo familiar e suas obrigações.²⁰⁵

²⁰³ *Qzurr landhirðir, Køgis(?) sonr, reist rúnar þessar at Ás[b]oð/Ás[m]jóð dróttning.*

²⁰⁴ Formada pela junção das palavras *land*, “terra”, e *hirðir*, “pastor”.

²⁰⁵ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 62-63.



Figs. 20 e 21 Faces A e B na pedra rúnica DR 134. © Museu Nacional da Dinamarca.

Þyrvé também foi uma mulher dos mais altos extratos da sociedade danesa, pois é homenageada com duas pedras rúnicas e foi enterrada em um monte funerário. A DR 26 (900-1000) é um granito avermelhado ornamentado com *bowl pits* e com um pequeno martelo ou cruz, e diz: “Tófi, da linhagem de Hrafn, cortou essas runas em memória de Þyrvé, sua *dróttning*.”²⁰⁶ Talvez seu viúvo ou algum aliado, Tófi, que preocupou-se em declarar sua linhagem, também erigiu outra pedra rúnica, juntamente com dois outros homens, comemorando à Þyrvé e marcando seu sepultamento. Na DR 29 (900-950), ele inscreveu: “Tófi, da linhagem de Hrafn, e Fundinn e Gnypli, esses três fizeram o monte de Þyrvé.”²⁰⁷ Somente membros da elite com grande capacidade de mobilização de recursos podiam patrocinar enterramentos em suntuosos montes funerários, cujo efeito de marco na paisagem é inegável.²⁰⁸ A mulher em questão foi, portanto, honrada de forma bastante ostensiva, seu falecimento provavelmente causou forte impacto na comunidade em que viveu, como é possível deduzir pelo próprio impacto que representou na paisagem.

²⁰⁶ §A Hrafnunga-Tófi hjó rúnar þessar ept §B Þyrvé, dróttning sína.

²⁰⁷ Hrafnunga-Tófi ok Fundinn ok Gnypli þeir þrír gerðu Þyrvéar haug.

²⁰⁸ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 17.



Fig. 22 Pedra rúnica DR 26. © Museu Nacional da Dinamarca.

4. Acréscimos à inscrição

Foi possível perceber ao longo do texto que algumas pedras rúnicas possuíam inscrições mais longas, que nos comunicam mais características e detalhes a respeito dos nomeados, seus loci sociais e ambições políticas. A seguir apresentaremos a distribuição regional desses acréscimos e elementos distintivos das pedras rúnicas danesas, nas categorias declaração de ancestralidade; circunstância ou local de falecimento; elogio; declaração de posse; oração ou prece e maldição; e “assinatura”.

4.1 Declaração de ancestralidade ou linhagem

Há 40 pedras rúnicas com declarações de ancestralidade ou linhagem, ou seja, 18,95%

do *corpus*, cuja maioria está na parte central da Jutlândia, onde encontram-se 18 casos.²⁰⁹ Na porção sul da península há 1 pedra;²¹⁰ na Fíónia 1 pedra;²¹¹ e também 1 caso em Schleswig-Holstein,²¹² em Lolland-Falster 3 casos;²¹³ 3 exemplares no norte da Jutlândia;²¹⁴ também 3 na Zelândia²¹⁵ e 10 pedras na Escânia.²¹⁶ Mas o que queremos dizer com declarações de ancestralidade ou linhagem? Referimo-nos desde os mais simples patronímicos²¹⁷ (e matronímicos, em raras exceções) até claras inscrições em que consta o nome de uma linhagem.

Indicar na pedra rúnica que patrocinador ou homenageado fazia parte de uma linhagem reconhecida e prestigiada ou associar-se a um ancestral famoso era uma forma clara e eficiente de mostrar legitimidade em sua posição e ainda elevar seu status social. Nos territórios daneses o caso mais emblemático trata-se das pedras DR 26,²¹⁸ DR 29²¹⁹ e DR 34²²⁰, pois todas mencionam a “linhagem de Hrafn” (*Hrafnunga*), ao lado do nome Tófi, patrocinador dos três monumentos, quem se lembrou de sempre indicar sua linhagem nas inscrições. Outro caso importante diz respeito a uma mulher que traçou sua ancestralidade ao pai e ao avô, quando usualmente se referiam somente até a paternidade. A pedra DR EM85;306 diz: “Þorgunnr, filha de Þorgautr, filho de Þjóðulfr, colocou esta pedra em memória de Bósi, §B seu marido, um *tíðenda mann* (“homem das notícias”, i.e., arauto) (?) <Muar>... filha.”²²¹

²⁰⁹ DR 53; DR 65; DR 58; DR 55; DR 97; DR 91; DR 81; DR 90; DR 121; DR 120; DR 124; DR 110; DR 62; DR 108; DR 58; DR AUD1995,279; DR AUD1996,274 e DR EM85,306.

²¹⁰ DR 29.

²¹¹ DR 202.

²¹² DR 4.

²¹³ DR 212; DR 219 e DR 218.

²¹⁴ DR145; DR 134 e DR 135.

²¹⁵ DR 237, DR 250 e DR 230.

²¹⁶ DR 277, DR 279, DR 282, DR 283, DR 294, DR 314, DR 345, DR 295, DR 269, DR 333.

²¹⁷ O costume de usar-se patronímicos e matronímicos era a regra para as sociedades da era viking e permaneceu em voga até o século XIX na Dinamarca, sendo ainda bastante comum nos territórios escandinavos. Esse sistema de identificação gradualmente foi substituído pela criação de sobrenomes entre 1828-1904 entre os dinamarqueses. Cf. **Patronymic Last Names. Norway DNA Norgesprosjektet**. Disponível em: <https://www.norwaydna.no/gedcoms-and-genealogy/norwegian-names-en/patronymic-last-names/>.

²¹⁸ §A *Hrafnunga-Tófi hjó rúnar þessar ept §B Þyrvé, dróttning sína.*

²¹⁹ *Hrafnunga-Tófi ok Fundinn ok Gnýpli þeir þrír gerðu Þyrvéar haug.*

²²⁰ *[Hra]fnunga-Tófi gerði haug.*

²²¹ §A *Þorgunnr, Þorgauts dóttir, Þjóðulfs sonar, setti stein þenna eptir Bósa, §B ver sinn, tíðenda mann, <muar> ... dóttur.*



Fig. 23 Pedra rúnica DR EM85;306. © Museu Nacional da Dinamarca.

4.2 Circunstância ou local de falecimento

Outro aspecto diferencial entre as pedras rúnicas são acréscimos mencionando a circunstância ou o local de falecimento do homenageado na pedra, geralmente morto em batalha ou em expedição viking, o que agrega prestígio ao monumento e representa uma forma especial de homenagem, uma vez que o corpo do mencionado provavelmente não foi enterrado em terra natal – restando a opção de comemoração na paisagem por meio das pedras memoriais. Pode-se conhecer muitos topônimos da era viking pela análise dessas inscrições rúnicas, alguns inclusive, permanecem com localidade desconhecida. Geralmente remetem a locais na própria Escandinávia, em especial na Suécia, ou à Inglaterra. Somam 21 pedras com esse tipo de acréscimo, ou seja, 9,95% do *corpus*. Há 3 casos em Schleswig-Holstein;²²² 3 no norte da Jutlândia;²²³ 2 em Lolland-Falster;²²⁴ 1 no sul da Jutlândia;²²⁵ 5 na Jutlândia central;²²⁶ e 7 na Escânia.²²⁷

Há dois casos especiais que foram incluídos nessa categorização que dizem respeito ao local de enterramento, pois menciona-se que o homenageado “deita no monte”: a DR 143,

²²² DR 1, DR 3 e DR 6.

²²³ DR 143; DR 154 e DR EM85,312.

²²⁴ DR 216 e DR 220.

²²⁵ DR 37.

²²⁶ DR 108; DR 117; DR 62; DR 63 e DR 62.

²²⁷ DR 259; DR 266; DR 279; DR 295; DR334; DR 337 e DR 298.

do norte da Jutlândia, e a DR 298, da Escânia. É importante chamar à atenção desses casos, pois as mensagens e monumentos rúnicos confirmam como este tipo de sepultamento era reservado às camadas mais abastadas das sociedades escandinavas, uma vez que em ambos os casos são inscrições complexas, com menção de títulos e gradações de *boni homines*.

A DR 143, com 243 cm de altura, foi encontrada originalmente sobre um monte funerário, em Fjellerad Mark, Dinamarca, mas hoje está na varanda da igreja Gunderup, e é datada entre 900 e 960. Diz: “Tóki erigiu estas pedras e fez estes monumentos em memória de Api/Ebbi, seu *mágr* (parente homem-por-casamento, i. e., sogro, genro, cunhado, padrasto ou irmão adotivo), um bom *þegn* e Tófa, sua mãe. Ambos se deitam neste monte. Api/Ebbi concedeu a Tóki sua riqueza depois de si mesmo”.²²⁸ Como pode-se ver, é uma inscrição complexa, com presença de título mais gradação de *boni homines*, menção a construção de monte funerário e uma declaração de transferência de riquezas. É possível assumir que Api era padrasto de Tóki, e esse, não deixando descendentes consanguíneos, passa sua riqueza ao enteado. Dessa forma, Tóki vê-se na necessidade de erigir suntuosos enterramentos e homenagens a mãe e ao padrasto, para salvaguardar que tal transferência de posses fosse afirmada e legitimada na paisagem e se tornasse incontestável.



Fig. 24 Pedra rúnica DR 143. © Museu Nacional da Dinamarca.

A DR 298 (970-1020) foi encontrada no distrito de Torna e atualmente está no Museu

²²⁸ *§A Tóki reisti steina þessa ok gerði kuml þessi ept Apa/Ebba, mág sinn, þegn góðan, ok §B Tófu, móður sína. Þau liggja bæði í þeim haugi. Api/Ebbi unni Tóka fjár síns ept sik.*

Kulturen, com 114 cm de altura, sua inscrição incompleta diz: “Þorgeirr ergueu esta pedra em memória de Steinkel, seu pai, um bom *bóndi*, quem deita no ... monte.”²²⁹ Assim como a DR 143, há menção a título e gradação de *boni homines*.

4.3. Elogio

Acréscimos de elogios seguiam, também, a mesma lógica que acrescentar circunstâncias de falecimento. Porém, são geralmente inscrições mais longas ou detalhadas, com intenção mais evidente de elevar a fama, prestígio e memória do homenageado na pedra rúnica. Ocorrem em 10 pedras danesas, 5,83% do *corpus*, sendo 5 encontradas na Jutlândia,²³⁰ 2 em Lolland-Falster²³¹ e 4 na Escânia.²³²

Para exemplificar o uso de elogios mobilizamos uma das mais longas inscrições rúnicas danesas, a pedra DR 217, de Lolland-Falster, que possui também ornamentação com dois espirais. A viúva Þyrvé não poupou elogios ao caráter heróico, resoluto e marcial do esposo, descrito como inigualável entre todos homens nórdicos: “Þyrvé mandou fazer essa pedra ... Krókr, seu esposo, e ele era [então] (?) o mais resoluto de todos suecos-finais/divididos (?) e daneses do sul. Tormento comeu até (?) / ele / o herói, o melhor dos nórdicos. Ele foi [lá/então] (?) o fim/jugo dos suecos-finais/divididos(?)”²³³ Nota-se como há a divisão entre daneses do sul e, conseqüentemente, daneses do norte. Essa pedra, que data entre 970 e 1020 e contém ainda uma ornamentação espiralada no topo das faixas rúnicas, poderia corroborar a ideia de que foi sob a dinastia Jelling que a união territorial em um único reino entre todos os daneses ocorreu.

²²⁹ *Þorgeirr reisti stein þenn[a] at Steinkel, fǫður sinn, góðan bónda, er lengi/liggr í/ .../haug[i].*

²³⁰ DR46 (SJ), DR 42 (SJ), DR 56 (JC), DR 68 (JC), DR 81 (JC).

²³¹ DR 216, DR 217.

²³² DR 279, DR 291, DR 295 e DR 330.

²³³ *§A Þyrvé gat gervan stein þenna ... Krók, §B ver sinn, en hann var [þá](?) allra drjú[gastr](?) §C sundrsvía ok suǫrdana. Kvǫl át/at ha[l]/ha[nn], af norðrmonnum sem §D beztr. Hann var [þá](?) sundrsvía [l]ok/ok.*



Fig. 25 Pedra rúnica DR 217. © Museu Nacional da Dinamarca.

4.4 Declaração de posse

Ainda que ocorra somente em 4 pedras rúnicas, inscrições com declarações de posse ou transferência de bens são claras evidências de como esses monumentos poderiam comunicar interesses políticos e formações de alianças entre as elites danesas.

A pedra rúnica DR 143 já foi tratada anteriormente e diz: “§A Tóki erigiu estas pedras e fez estes monumentos em memória de Api/Ebbi, seu *mágr*, um bom *þegn* e §B Tófa, sua mãe. Ambos se deitam neste monte. Api/Ebbi concedeu a Tóki sua **riqueza** depois de si mesmo”.²³⁴ Neste caso, o acréscimo especificando que Api escolheu Tóki como seu herdeiro possivelmente serviu para legitimar uma posição passível de ser contestada, pois como vimos anteriormente, o *mágr* não era um parente consanguíneo.

A pedra DR 264, da Escânia, foi ornamentada com uma cruz latina entrecortada e a imagem de um cervo, cuja inscrição diz: “§A Þórðr cortou essas runas ... §B Folkvé / Fullugi possui Haugbýr ...”.²³⁵ Onde exatamente ficava o local que o homenageado na pedra possuía, não sabemos dizer. De qualquer forma, se uma grande fazenda, vila, *chiefdom* ou, até mesmo, um pequeno reino, Folkvé sem dúvida era um homem muito abastado.

²³⁴ §A Tóki reisti steina þessa ok gerði kuml þessi ept Apa/Ebba, mág sinn, þegn góðan, ok §B Tófu, móður sína. Þau liggja bæði í þeim haugi. Api/Ebbi unni Tóka fjár síns ept sik.

²³⁵ §A Þórðr hjó rúnar þessar §B Folkvé/Fullugi á Haug[bý] ...



Fig. 26 Pedra rúnica DR 264. © Museu Nacional da Dinamarca.

O mesmo acontece na pedra DR 280, também na Escânia, na qual menciona-se que o homenageado possuía um território não-identificado. A pedra foi ornamentada com um espiral e um animal, possivelmente uma grande fera, e diz: “Káulfr (?) / Kalfr (?) E Autir, eles colocaram esta pedra em memória de Tumi, seu irmão, que era dono de Guðissnapi.”²³⁶



Fig. 27 Pedra rúnica DR 280. © Museu Nacional da Dinamarca.

²³⁶ *Káulfr/Kalfr ok Autir þeir settu stein þenna eptir Tuma, bróður sinn, er átti Guðissnapi.*

Por fim, temos na DR 335 um caso de declaração de posse conjunta de um navio, ou seja, de dois homens unidos em *félag*. Trata-se de uma das pedras do monumento de Västtra Strö, ou seja, um conjunto monumental extremamente prestigioso. O catálogo menciona haver a iconografia da máscara humana na face B da pedra, que como pode ser visto na figura, já está bastante desgastada. A inscrição rúnica diz: “Faðir mandou cortar esta pedra em memória de Björn, que possuía um navio com ele.”²³⁷



Fig. 27 e 28 Pedra rúnica DR 335, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca.

A declaração de posse da pedra rúnica escaniana DR 293 gera dúvidas, pois apesar de usar o termo “dono”, provavelmente está se referindo à situação de esposa, na qual a viúva disse: “Ketiley mandou fazer esses monumentos em memória de ... um *þegn* muito bom, que a possuía (ou seja, era seu marido)”. Essa construção só ocorre nesta inscrição, que possui ainda ornamentação com um lírio, mas que dificilmente remeteria a um cenário no qual a esposa seria uma pessoa escravizada, o que justificaria a escolha do texto. Como indica o próprio catálogo, ela estaria se referindo ao cônjuge e ao casamento. Para contrapor, gostaríamos de mencionar a pedra DR 58, na qual possivelmente há um caso de homem liberto da escravidão pelo seu senhor e que ascendeu socialmente, ao ponto de ser capaz de comissionar um monumento em sua homenagem. Ornamentada com uma cruz pátea, o monumento diz: “Tóki o Artesão ergueu a pedra em memória do filho de Þorgísl Guðmundr, que lhe deu ouro (?) e

²³⁷ *Faðir lét höggva stein þenna eptir Björn, er skip átti með honum.*

liberdade.”²³⁸

4.5 Oração ou prece e maldição

O tipo de acréscimo mais comum nas pedras rúnicas danesas depois de declarações de linhagem são orações cristãs, preces ou maldições pagãs, com um total de 24 casos, sendo 12 orações cristãs, 5,68% do *corpus*, e 12 preces ou maldições pagãs, 5,68%. Ao contrário de algumas ornamentações que representam temas hibridizados, em transição do paganismo ou cristianismo, as orações parecem denotar para um contexto religioso cristão ou pagão. Os casos de orações cristãs, que também comumente aparecem associados a imagem de uma cruz, seguem a chamada fórmula da alma, isto é, pedidos a Deus, a Cristo, à mãe de Deus ou a São Miguel para que intercedam pela alma da pessoa homenageada.²³⁹ Há 1 pedra rúnica com oração em Schleswig-Holstein (mas de interpretação duvidosa, devido à fragmentação a inscrição foi severamente danificada);²⁴⁰ 1 no sul da Jutlândia;²⁴¹ 1 pedra no norte da Jutlândia;²⁴² 2 na parte central da península;²⁴³ 1 em Lolland-Falster;²⁴⁴ 1 da Zelândia;²⁴⁵ 4 na Escânia;²⁴⁶ e 1 caso na Halândia.²⁴⁷

É necessário tecer alguns comentários a respeito do processo de conversão ao cristianismo na Dinamarca. A ligação estabelecida entre poder e cristianismo pelos escandinavos seria um dos motivos para conversão dos chefes:

Just as resourceful chieftains impressed their followers the more strongly by inviting them to drink their mead – or, even better, imported wine – from wondrously beautiful glass vessels, they would awe them with the rituals and customs of an exotic religion that was embraced by some of the most powerful people in Europe.²⁴⁸

Outra razão para adoção do cristianismo seria a necessidade de estruturas militares e administrativas fortemente organizadas para os nascentes reinos. Assim, os reis poderiam

²³⁸ *Tóki Smiðr reisti stein ept Þorgísl Guðmundar son, er honum gaf gull(?) ok frelsi.*

²³⁹ É interessante apontar que há 19 pedras rúnicas com a fórmula da alma na Boríngia, o que se deve a cronologia das pedras na ilha ser posterior ao processo de conversão: DR 370, DR 371, DR 378, DR 379, DR 380, DR 383, DR 384, DR 389, DR 390, DR 391, DR 392, DR 395, DR 398, DR 399, DR 402, DR 404, DR 408 e DR DKBh69. Sendo 6 dessas pedras orações a Deus, 5 a Cristo, 4 a Deus e a Mãe de Deus, e 4 a São Miguel e outro.

²⁴⁰ DR 6, lê-se: “§A ... lét reisa stein e[ptir] §B [d]auðr ok Guðmundr þeir r[istu] §C rún]ar. Á Englandi í Skíu [h]vilisk. Kr[istr](?)”. O que aparece entre colchetes representa interpretações dos runólogos, segundo catálogos.

²⁴¹ DR 46 (a Deus).

²⁴² DR 147 (a Deus).

²⁴³ DR 91, DR 96 (a Deus).

²⁴⁴ DR 212 (a Cristo e São Miguel).

²⁴⁵ DR 235 (a Deus).

²⁴⁶ DR 259, DR 337, DR 345 (a Deus), e DR 347 (a Cristo, filho de Maria).

²⁴⁷ DR 352 (a Cristo).

²⁴⁸ WINROTH, Anders. **The Age of the Vikings**. Princeton: Princeton University Press, 2014. p. 141.

receber ajuda de clérigos nas construções de seus aparatos administrativos mais centralizados.²⁴⁹ O governo baseado em relações de confiança e alianças firmadas diretamente do início da era viking não era mais suficiente para manutenção de um reino organizado aos moldes cristãos, ainda que ambos os sistemas de governança existiram em paralelo até, pelo menos, o fim da era. As noções cristãs de bom governo – enfatizando a obrigação real de preservar a paz e justiça dentro do reino e de proteger e apoiar a Igreja²⁵⁰ –, e a organização hierárquica eclesiástica seriam gradualmente usadas pelos reis escandinavos.²⁵¹

São utilizados os conceitos de conversão e de cristianização propostos por Anders Winroth. O autor utiliza o termo cristianização para se referir ao lento processo de infiltração de ideias e práticas cristãs na Escandinávia, geralmente melhor percebido com as evidências arqueológicas por seus efeitos na cultura material ao longo do tempo e devido à escassez de fontes escritas autóctones contemporâneas sobre o tema.²⁵² Esse fenômeno começou logo que o Império Romano adotou o cristianismo como religião oficial e continuou ainda após o estabelecimento oficial da Igreja no território escandinavo. Já o termo conversão é utilizado para se referir à conversão institucional, àquela da elite política, geralmente documentado em fontes escritas cristãs, como na *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. Momento no qual os reis e chefes destruíram templos pagãos, construíram igrejas, dioceses se estabeleceram e introduziu-se a ideia de realeza cristã. A data oficial para início da conversão é a década de 830, quando as atividades missionárias do arcebispo de Hamburgo, Ansgário, levaram à construção das primeiras igrejas em Birka e Hedeby. O término seria quando bispos coroaram pela primeira vez reis escandinavos; na Noruega em 1163-4, na Dinamarca em 1170 e em 1210 na Suécia.²⁵³

Haraldr Gormsson foi o primeiro rei danês entronado convertido²⁵⁴ e tornou o cristianismo a religião oficial da Dinamarca, como pode ser visto na sua pedra rúnica em Jelling. Widukindo de Corvey nos fornece um relato quase contemporâneo da conversão do

²⁴⁹ GELTING, Michael H. The Kingdom of Denmark. In BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 110.

²⁵⁰ GELTING, Michael H. The Kingdom of Denmark. In BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 88.

²⁵¹ WINROTH, Anders. **The Age of the Vikings**. Princeton: Princeton University Press, 2014. pp. 142-143.

²⁵² Nesse sentido, as pedras rúnicas são caras evidências para o processo de cristianização e também, de conversão. Como o principal *corpus* de objetos com inscrições da era viking, esse material não deve ser ignorado ao tratar-se sobre esses temas.

²⁵³ WINROTH, Anders. **The Conversion of Scandinavia: Vikings, Merchants, and Missionaries in the Remaking of Northern Europe**. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 103-104.

²⁵⁴ WINROTH, Anders. **The Conversion of Scandinavia: Vikings, Merchants, and Missionaries in the Remaking of Northern Europe**. New Haven: Yale University Press, 2014, p. 112.

reino, na sua *Res gesta Saxonicae*, de 968. A conversão de Harald ocorreu em c.965.²⁵⁵ O monarca teria se convencido da superioridade de Cristo ao testemunhar um padre de nome Poppo enfrentar uma provação de fé, via ordálio, ao segurar ferro em brasa sem se queimar.²⁵⁶ Mas, para além das condições religiosas específicas do batismo de Harald e suas crenças particulares, também entendemos sua conversão como uma política de precaução contra as pressões de invasão de seus territórios, justificadas pela cristianização, e resposta aos conflitos com a Germânia Otoniana nas décadas de 960-70.²⁵⁷

E foram os conflitos entre grupos de escandinavos com os reinos cristãos, consequência principalmente da expansão da ocupação viking, que levaram a gestão de um projeto de cristianização da Escandinávia, iniciado no reinado de Luís, o Piedoso. O imperador carolíngio conferiu à Arquidiocese de Hamburgo, fundada em 831 e localizada na recém-cristianizada Saxônia, o dever institucional de converter os pagãos nórdicos à fé e de sustentar trabalhos missionários nos territórios bárbaros.

Como exatamente o exercício do poder real foi afetado com a conversão de Harald é difícil dizer. As bases materiais de riqueza do rei não foram necessariamente transformadas com o gradual estabelecimento de um corpo eclesiástico.²⁵⁸ No nível ideológico, entretanto, podemos analisar os reinados de Gormr e Harald e as fontes arqueológicas e textuais, em busca de alterações e indícios da autoridade do poder monárquico e de saber qual a influência do processo de conversão religiosa nas transformações políticas danesas do período. Em Jelling, centro político do reino, podemos ver que se tornou necessário a construção de uma igreja²⁵⁹ e um grande Cristo estampa uma das faces da pedra rúnica maior; além disso, Adam de Bremen viria a reivindicar para Dente Azul o status de santo na *Gesta*.²⁶⁰

²⁵⁵ Haraldr adotou o cristianismo no máximo nesse ano, quando o sacro-imperador romano-germânico Otto I (936-973) emitiu uma carta renunciando o direito imperial sobre às dioceses na Dinamarca, logo reconhecendo que o reino tinha um governante cristão. Isso, contudo, não significou o fim dos conflitos militares entre os monarcas. LUND, Niels. *The Danish Empire and the End of the Viking Age*. In. SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 165.

²⁵⁶ Widukind of Corvey. **The Deeds of the Saxons**. BACHRACH, Bernard S.; BACHRACH, David S. (Trads.). Washington: Catholic University of America Press, 2014. III, 65, p. 139-140.

²⁵⁷ GELTING, Michael H. *The Kingdom of Denmark*. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 80-81.

²⁵⁸ GELTING, Michael H. *The Kingdom of Denmark*. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 87-88.

²⁵⁹ A importância da igreja de Jelling é ressaltada quando considerada em relação às poucas evidências arqueológicas de igrejas construídas no século após a conversão de Harald Dente Azul, o que também levanta o problema de onde a maioria dos cultos cristãos ocorriam nesse período. GELTING, Michael H. *The Kingdom of Denmark*. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. pp. 86.

²⁶⁰ Adam de Bremen considerou Haraldr Gormsson como um santo mártir em sua obra: “*At ille noster Haroldus, qui populo Danorum christianitatem primus indixit, qui totum septentrionem ecclesiis et praedicatoribus*

As expressões pagãs são geralmente maldições àqueles que ousarem danificar o monumento ou preces para que as pedras rúnicas permaneçam em pé para sempre, ou ainda, orações a deidade Þórr (2 casos). Ocorre em 11 pedras: 1 caso no sul da Jutlândia;²⁶¹ 1 caso no norte da Jutlândia;²⁶² 5 na porção central da península;²⁶³ 1 em Lolland-Falster;²⁶⁴ 1 na Zelândia;²⁶⁵ 1 na Escânia;²⁶⁶ e 1 na Fiônia.²⁶⁷

Como exemplo de oração e maldição trago a DR 209, a famosa pedra de Glavendrup, uma das mais longas inscrições dinamarquesas, datada entre 900 e 950 e com 188 cm de altura, que permanece *in situ*, demonstrando a eficácia da sua advertência na complexa inscrição: “Ragnhildr erigiu esta pedra em memória de Alli o Pálido, *goði* [chefe local/chefe do templo] do santuário, honrado *þegn* [guerreiro a serviço do rei/chefe] da *lið* [tripulação/comitiva/exército]. Os filhos de Alli fizeram este monumento em memória do seu pai, e a sua esposa em memória do seu marido. E Sóti esculpiu estas runas em memória do seu *dróttin* [senhor/mestre/chefe do núcleo familiar]. Þórr consagre estas runas. Um *ræta* [vilão/proscrito/bruxo] seja ele quem danificar(?) esta pedra ou arrastá-la (para ficar de pé) em memória de outro.”²⁶⁸ Primeiramente tem-se a oração a divindade Þórr, pedindo que ele “*vígi þessar rúnar*”. A associação deste com a consagração de runas parece contrariar a mitologia presente nas Eddas, nas quais Óðinn é o principal ser associada à descoberta e uso das runas. Como evidenciado nas pedras, também Þórr estava relacionado com o “poder das runas”. O termo *ræta* tem significado incerto, mas a maioria dos pesquisadores concorda que possui sentido extremamente pejorativo, e aparece ainda em outras pedras rúnicas com maldições, como na DR 230²⁶⁹. Algumas traduções possíveis são: vilão, proscrito, bruxo, malfeitor, vândalo.²⁷⁰ Essa maldição na DR 209 é importante pois aponta para o costume de roubar-se pedras rúnicas para serem refeitas e reerguidas em memória de outrem, algo que deveria

replevit, ille, inquam, innocens vulneratus et pro Christo expulsus, martyrii palma, ut spero, non carebit.” ADAM BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. SCHMEIDLER, Bernhard (Ed.). **MGH** *Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi*, SS rer. Germ. 2. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1917. II, 26, p. 88.

²⁶¹ DR 40.

²⁶² DR 131.

²⁶³ DR 81; DR 83;; DR 110; DR 119; DR AUD1996;274.

²⁶⁴ DR 220.

²⁶⁵ DR 230.

²⁶⁶ DR 338.

²⁶⁷ DR 209.

²⁶⁸ *§A Ragnhildr setti stein þenna ept Alla Sølva, goða véa, liðs heiðverðan þegn. §B Alla synir gerðu kuml þessi ept fǫður sinn ok hans kona ept ver sinn. En Sóti reist rúnar þessar ept dróttin sinn. Þórr vígi þessar rúnar. §C At ræta(?) sá verði er stein þenna elti(?) eða ept annan dragi.*

²⁶⁹ *§A Ragnhildr, systir Ulfs, setti stein þenna ok gerði haug þenna ept, ok skeið þessa, Gunnulf, ver sinn, glǫmulan mann, son Nerfis. Fáir verða nú fæddir þeim betri. §B Sá verði at ræta(?) er elti(?) stein þenna §C eða heðan dragi.*

²⁷⁰ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 128.

ocorrer com certa frequência, justificando a inserção da advertência e maldição contra aqueles que quisessem surrupiar este monumento. Os custos elevadíssimos para promover uma pedra rúnica explica porque alguém poderia considerar o roubo de estelas como solução para redução de despesas com essa dispendiosa forma de homenagem.



Fig. 29 Pedra rúnica DR 209, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca

4.6 “Assinatura” da inscrição

Não resta dúvida quanto à valorização do ofício como escultor rúnico durante a era viking, trabalho especializado fundamental para as formas de expressão de poder das elites:

Dos diferentes especialistas conectados com os salões escandinavos, os artistas das rochas parecem ter alcançado um status diferenciado entre as lideranças da Europa Setentrional, pois eles viviam às expensas da aristocracia e tinham consciência da singularidade de seus labores, tal como os poetas, ferreiros, escultores e carpinteiros de navios e tecelões pareciam

ter.²⁷¹

Alguns runógrafos poderiam servir a um núcleo familiar específico, enquanto outros perambulavam pela Escandinávia oferecendo seus serviços.²⁷² Cabe lembrar que todo o trabalho de preparação das pedras rúnicas, desde a mineração até o transporte e deposição na paisagem exigia alto dispêndio de recursos do patrocinador.²⁷³ Além disso, é difícil imaginar que seriam silenciosamente erigidas no local escolhido, sendo provavelmente acompanhadas de cerimônias ou rituais públicos celebrando a ocasião.²⁷⁴ Dessa forma, confirma-se que esses monumentos memoriais eram um privilégio das elites. Ainda assim, não encontram-se nos territórios daneses muitas pedras rúnicas “assinadas”, somente 17 exemplares ou 8,05% do *corpus*.

Como vimos no primeiro capítulo, um ou mais runógrafos poderiam trabalhar em uma mesma pedra, cada um responsável por uma tarefa específica ou todos compartilhando tarefas. Além disso, admite-se que havia amadores e “profissionais”, “mestres” e “aprendizes”, e possivelmente haveria “escolas” ou “oficinas”.²⁷⁵ Nesse sentido, há a possibilidade de que uma pedra rúnica “assinada”, na verdade, carregava o nome do responsável por comandar um grupo de escultores, isto é, seria o “mestre” de uma “escola” ou “oficina” de gravadores em pedra. Sobre as pedras “assinadas”, diz Källström:

In inscriptions from the early Viking Age most carvers are hardly recorded more than once, and it is therefore not so easy to say something about their status or what other duties they might have fulfilled. In the late Viking Age the carver signatures are more numerous, which makes it possible to say a little more. At the same time, the signatures show a very uneven geographical distribution. They are hardly visible in the inscriptions from southern Scandinavia, but numerous in the provinces around Lake Mälaren, especially in Uppland. This is partly due to the rise of a group of extremely productive rune carvers in the latter area. Some of the most renowned are probably

²⁷¹ BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 4-5.

²⁷² OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 59.

²⁷³ (THOMPSON, 1975: 92). Apud BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 155.

²⁷⁴ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, p. 43-62, 2007.

²⁷⁵ BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 157-159.

Åsmund Kåresson, Fot, Balle and Öpir.²⁷⁶

De Schleswig-Holstein conhecemos o nome de um escultor (ou “oficina”), Gormr, responsável pela DR 4. A maior concentração de assinaturas ocorre na porção central da Jutlândia, com 6 pedras: Þóra esculpiu a DR 85, a única escultora danesa, revelando que também mulheres poderiam raramente esculpir runas; Tveggi Hein [Tveggi Pedra de amolar] a DR 98; Þórðr a DR 99. Os três outros casos são de “assinaturas” incertas: A DR AUD1996;274 por Tófi Smiðr [Tófi Artesão]; a DR 103 por Búi; e a DR 105 por Villi. Na Fíónia há 3 pedras: Ávarr “assina” ambas DR 190 e DR 192; e Sóti a DR 209. Na Zelândia, também 3 possíveis casos: a DR 229, “assinada” por Sylfa; a DR 239 possivelmente por dois responsáveis, Gunni e Armundr; e a DR 235 informa que um homem de nome terminado em -bret (inscrição incompleta) fez as pedras, provável indício de seu ofício. Há 2 exemplares “assinados” no sul da Jutlândia: a DR 48 por ...-kell (inscrição incompleta) e a DR NOR1988;5 por Gullfinnr. Um homem chamado Tóki assinou a pedra rúnica DR 212 em Lolland-Falster. Por fim, um caso no norte da Jutlândia, na DR 126†, cujo nome permanecerá ilegível, já que a pedra foi perdida.

Para exemplificar, trazemos a DR 99, com 140 cm de altura e datada entre 970 e 1020, sua inscrição diz: “Gyða erigiú a pedra em memória de Þorþjorn, seu *bóndi*, extremamente bom *þegn*. E Þórðr erigiú estas runas.”²⁷⁷

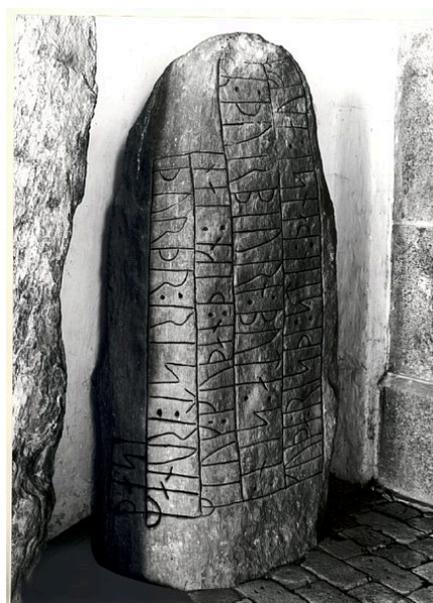


Fig. 30 Pedra rúnica DR 99. © Museu Nacional da Dinamarca

²⁷⁶ KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland? The Evidence of Local Rune Carvers and Their Work. In ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly Christian European North**. Turnhout: Brepols, 2012, p. 33.

²⁷⁷ *Gyða reisti stein þenna eptir Þorþjorn, bónda sinn, mjök góðan þegn. En Þórðr reist rúnar þessar.*

Capítulo III – O Poder nas posições sociais

Introdução

Uma forma de distinguir e louvar um homenageado nas inscrições rúnicas era acrescentando-se a indicação de qual título ou posição social ele desempenhava na comunidade ou para um rei ou chefe. Sabemos de muitos nomes de cargos administrativos e militares por meio dessas indicações, ainda que por vezes não consigamos identificar exatamente as funções que exerciam. Títulos eram comunicados nas pedras rúnicas como forma de diferenciação de status e forma de elevar à memória dos homenageados e, também, relacionam-se às intenções e ambições dos patrocinadores, que por meio das pedras, se vinculavam ao prestígio do falecido. Essas menções indicam ainda a complexificação da estratificação social ao longo da era viking, assim como uma “profissionalização” dos exércitos régios, perceptíveis no número e quantidade de títulos atribuídos a homens nos monumentos rúnicos.

Há 103 menções de posições sociais em inscrições, contidas em somente 85 pedras rúnicas, pois algumas nomeiam mais de um título, ou seja, em 40,28% do *corpus* há menção a títulos. As variações regionais são notáveis: a maioria está na porção central da Jutlândia, com 25 pedras e 29 títulos (11,84% do *corpus* rúnico ou 29,41% das pedras com títulos), perdendo somente para a região de Escânia, com 36 títulos em 32 exemplares (15,16% do total ou 37,64% do *corpus* com títulos). O alto número de pedras com indicações de posições sociais na Escânia poderia indicar para as alianças ou rechaços a influência danesa nesta região.

Aliás, segundo os cálculos de Birgit Sawyer, os territórios daneses contam com 37,5% das pedras rúnicas com títulos de toda a Escandinávia, lembrando da proporção de 259 pedras danesas para cerca de 3000 na Escandinávia. Esses números indicariam que na Dinamarca o costume de erigir pedras tinha caráter mais aristocrático, e somente lá, há reis ou rainhas patrocinadores de pedras: seis casos no total, sendo quatro delas erigidas por membros da dinastia Jelling.²⁷⁸

²⁷⁸ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia.** Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 99-100.

TÍTULO	PEDRAS RÚNICAS (DR +)
goði	DR 192, DR 209, DR 190
lið	DR 209, DR 216
þegn	DR 209, DR 213, DR 86, DR 98, DR 99, DR 106, DR 121, DR 123, DR AUD1995;279, DR 115, DR 143, DR 129, DR 130, DR 294, DR 293, DR 343, DR 277, DR 278
dróttin	DR 209, DR 81, DR 131, DR 295,
þular	DR 248
viking	DR 216, DR 334, DR 330
skipari	DR 218, DR 82, DR 275
heimþegi	DR 1, DR 3, DR 155, DR 154, DR 296, DR 297
stýrimaðr	DR 1
drengr	DR 1, DR 44, DR 77, DR 78, DR 94, DR 62, DR 68, DR 127, DR 288, DR 289, DR 339, DR 345, DR 262, DR 295, DR 330, DR 276, DR 268
konungr	DR 3, DR 4, DR 41, DR 42, DR 66
dróttining	DR 26, DR 134
smiðr	DR AUD1996;274, DR 91, DR 108, DR 58
maðr	DR 90
tíðenda	DR EM85;306
félag	DR 1, DR 125, DR 66, DR 68, DR 127, DR 321, DR 339, DR 279, DR 262, DR 318, DR 329, DR 316, DR 330, DR 270
landhirðir	DR 107, DR 134
lagsmann	DR 62, DR 133, DR 314
búmaðr	DR 291
bóndi	DR 338, DR 298
bryti	DR 40, DR 83
svein	DR 344

Tabela 2 Tabela que identifica as menções de títulos ou posições sociais no *corpus*.

Neste capítulo iremos tratar dos diferentes títulos e posições sociais mencionados nas pedras rúnicas danesas, o que aponta para complexificação da estratificação social ao longo do período entre os séculos VIII e XIII. Além disso, abordaremos a questão dos *boni homines*, isto é, quando os títulos vêm acompanhados de gradação do adjetivo “bom” (e. g. bom, muito bom, primeiro), como uma forma de distinção social e provável qualificação da qualidade para governar dos homenageados. Buscaremos, por fim, relacionar a datação das pedras memoriais com o período de reinado da dinastia Jelling. Mas antes de abordarmos os títulos ou posições sociais, consideramos necessário tecer algumas considerações a respeito da ascensão ao trono e relações sociais ao longo da era viking.

Peter Sawyer chama atenção para as atividades comerciais vikings como o fator chave para explicar as transformações ao longo de toda a era, que consequentemente, teriam acarretado o aumento da pirataria e expedições de saque e, ainda, a ascensão do poder dos reis. Produtos como âmbar, pedras de amolar, presas de morsa, penas de patos eider, e especialmente, as peles de animais, eram extremamente valorizados na Europa à época. O historiador teoriza que esses produtos poderiam, por sua vez, serem tributos em espécie devidos aos reis daneses pelos povos saamis²⁷⁹ e bálticos, os quais habitavam regiões mais à

²⁷⁹ Saami são povos autóctones das regiões árticas ao Norte da Noruega, Suécia, Finlândia e da península russa de Kola. PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 2015, p. 309-311.

Norte, produtoras de peles de maior qualidade.²⁸⁰

Outro ponto indicado por P. Sawyer é que aqueles que eram incapazes de resistir à submissão ao poder danês em ascensão ou não o desejavam, poderiam escolher o exílio, que era atrativo durante a era viking, pois havia oportunidade de se ganhar fama e riquezas participando ou, até mesmo, liderando expedições.²⁸¹ Entretanto, para P. Sawyer, a maioria daqueles que lideraram incursões vikings provavelmente seriam membros da família real danesa, segundo atesta fontes escritas latinas.²⁸²

O poder dos reis daneses nos séculos X e XI era baseado em uma rede de alianças com aristocracias locais, cujo poder, por sua vez, se basearia em alianças com outros homens livres.²⁸³ O rei era responsável pela organização militar do reino, controlando uma grande força bélica, com a qual teria recursos para proteger, controlar e taxar rotas e regiões. Sendo esses recursos usados também para as atividades vikings de raides, pirataria e ocupação.²⁸⁴

Em adição às rendas de cidades e de trocas comerciais, de direitos alfandegários cobrados nas passagens de mercadorias, de tributações pagas por povos submetidos a alianças, de cunhagem de moedas²⁸⁵ e também de ocasionais negociações independentes, extorsões e saques, Else Roesdahl aponta como principal base econômica da coroa a propriedade de terras e os retornos rendidos, especialmente se o rei tivesse grandes posses privadas.²⁸⁶ Como já vimos no primeiro capítulo, a agricultura era a principal atividade econômica na Escandinávia da era viking, ainda que a redistribuição de riquezas obtidas nas incursões e com as tributações foi, para P. Sawyer, o principal resultado econômico das incursões vikings.

Foi através dessas redes de alianças e da disposição de enorme poder bélico e recursos que Gormr o Velho e Haraldr Dente Azul teriam firmado a centralidade e autoridade de seus

²⁸⁰ SAWYER, Peter. The Age of the vikings and before. In. SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 3-7.

²⁸¹ SAWYER, Peter. The Age of the vikings and before. In. SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 1997, p. 8.

²⁸² SAWYER, Peter. The effects of Viking activity on Scandinavian society. In. Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.). **Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale**. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989, p. 39-41.

²⁸³ Homens livres se aliavam a governantes que retribuíssem generosamente com presentes sua lealdade, comumente advindos da distribuição de butins de saques vikings. WINROTH, Anders. **The Age of the Vikings**. Princeton: Princeton University Press, 2014, p. 136.

²⁸⁴ GELTING, Michael H. The Kingdom of Denmark. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 76-77.

²⁸⁵ A cunhagem sistemática de moedas na Dinamarca, sob controle régio, inicia-se com o Haraldr Dente Azul. ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 119.

²⁸⁶ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 75.

governos na Dinamarca e, também, promovido a unificação entre daneses do sul e daneses do norte e expandido suas fronteiras à Noruega e à Suécia. Nesses últimos territórios, seus domínios seriam indiretos. Uma vez conquistados, deveriam pagar tributos aos reis daneses, que influenciavam o governo das elites locais.

Ainda há muito a ser revelado sobre as condições políticas danesas, a extensão do poder régio na era viking e como ambos foram afetados pela cristianização. Desde pelo menos o final do século VIII, havia monarquias consolidadas, ainda que instáveis e de extensões geográficas limitadas nos territórios daneses, cujos governantes eram chamados *konungr* em suas terras e *reges*²⁸⁷ em fontes francas e saxãs contemporâneas.²⁸⁸

Antes de continuarmos tratando da construção do poder dos reis daneses e passar à discussão sobre suas bases sociais, é preciso uma importante ressalva. O nome utilizado pelos escandinavos para se referirem àquele que entre os governantes era o chefe mais poderoso, que chamamos de rei, era *konungr*. Skre indica que o termo teria surgido entre os séculos V e VI e significaria, então, líder de um governo ou de uma comunidade.²⁸⁹ Como disse Roesdahl:

Viking people naturally knew what the Old Norse *konungr* (king) meant and what the title represented, but it is clear that the role of a *konungr* was very different to that of a modern European king, and we only have an incomplete picture of the duties, rights and resources of Viking kings.²⁹⁰

Apesar de lacunas nos conhecimentos sobre a organização social na Escandinávia da era viking, é claro para os estudiosos que se tratava de uma sociedade hierarquizada, com grandes diferenças econômicas entre a camada mais abastada da elite governante, – que recebia sepultamentos suntuosos, por vezes acompanhados de grandes montes funerários, como o de Gormr o Velho no complexo real de Jelling, que mede 70 metros de diâmetro por 11 metros de altura²⁹¹ –, e aqueles indivíduos mais pobres ou escravizados, cujos cadáveres

²⁸⁷ Muitos dos líderes vikings chamados de reis nas fontes francas dos séculos VIII e IX não eram propriamente reis de territórios, mas provavelmente falsos pretendentes ao trono ou reis destronados. SAWYER, P. *Apud* OLSEN, Olaf. *Royal Power in Viking Age Denmark*. In: **Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.) Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale**. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989. pp. 27.

²⁸⁸ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 16-18.

²⁸⁹ SKRE, Dagfinn. *Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avalsnes and beyond*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 196.

²⁹⁰ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 17.

²⁹¹ O monte Sul de Jelling ou monte de Gormr foi erigido em duas fases por Haraldr Dente Azul em homenagem ao pai. A análise dendrocronológica data sua construção após 963, mais provavelmente em 970, com a fase de conclusão indefinida. O monte Norte ou monte de Thyri possui 65 metros de diâmetro por 8 metros de altura. Sua câmara funerária mede 2,6 X 6,75 X 1,45 metros. A maior parte da mobília funerária e o esqueleto foram retirados em uma antiga intrusão à câmara. Vestígios de sua madeira foram datados dendrocronologicamente do inverno de 958-59, relacionando-se ao reinado de Gormr. HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN,

podiam ser simplesmente descartados.²⁹²



Fig. 31 Foto aérea do complexo real de Jelling, © Google Maps.²⁹³

A sociedade era dividida em três estratos sociais: os escravizados,²⁹⁴ os indivíduos livres e a elite governante guerreira. Sabemos pouco sobre as camadas mais baixas das sociedades escandinavas, sobre a mobilidade social e sobre as subdivisões dos estratos. Conhecemos muitos termos que eram usados para se referir aqueles que estavam entre o fazendeiro livre comum e o mais alto cargo próximo ao rei, e. g. *dreng*, *þegn*, *landsmadr*, *bóndi*. Seus significados são muito debatidos, mas frequentemente não se pode determinar com certeza se o termo se referia a uma ocupação específica dentro de uma hierarquia militar, administrada centralmente pelo *konungr*, se a uma posição ou status dentro de uma comunidade local ou ainda, a um grupo social de maneira genérica.²⁹⁵

Certamente havia muitas pessoas escravizadas na base social escandinava durante a era viking e muitas incursões tinham o fim de capturá-las, que poderiam passar a servir aos vikings, serem vendidas a terceiros, retornar à liberdade se seus parentes pagassem um resgate aos invasores extorsionários. Na verdade, fontes latinas mencionam inclusive que era comum a compra de cristãos feitos cativos por missionários e clérigos que visitavam os

A.. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. **Præhistorische Zeitschrift**. Berlin, n. 87, v. 2, 2013. p. 480.

²⁹² ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 55.

²⁹³ GOOGLE, Inc. **Google Maps**. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Jelling+Mounds,+Runic+Stones+and+Church/@55.7565694,9.4169964,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x464b7e8306387661:0x3db95b9ad3c81c46!8m2!3d55.7565664!4d9.4195713!16s%2Fm%2F0g560_?entry=ttu. Acesso em: setembro de 2023.

²⁹⁴ Sobre as populações escravizadas cf. BRINK, Stefan. **Thralldom: A History of Slavery in the Viking Age**. Nova York: Oxford University Press, 2021.

²⁹⁵ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 55.

mercados nórdicos.²⁹⁶

Além daqueles que eram aprisionados em terras estrangeiras, alguns crimes eram punidos com a escravização e a condição era passada hereditariamente, se ambos os pais fossem escravizados. Else Roesdahl aponta que a exploração dessa mão-de-obra parecia ser regulamentada por algumas regras e sem dúvida, além de trabalhar na agricultura e núcleo familiares dos chefes (por vezes os acompanhando no pós-morte, segundo, por exemplo, o relato de Ahmad ibn Fadlan, de 921-922), foi a força de trabalho fundamental na construção das grandes infra-estruturas da era viking.²⁹⁷

A camada composta pela população livre incluía fazendeiros, caçadores, mercadores, guerreiros e artesãos, entre os últimos alguns conseguiam considerável reconhecimento e pagamentos, ao construir navios, esculpir runas ou louvar os feitos dos chefes compondo poemas, declamados nos banquetes em *halls* pelos *skáld*. Vários desses poemas skaldicos estão preservados em manuscritos islandeses posteriores, do século XIII adiante, e são muitas vezes considerados tradições orais transmitidas desde a era viking, ainda que o registro escrito ocorreu tardiamente e, naturalmente, modificações tenham ocorrido. Esses poetas eram patrocinados por chefes e reis para que, durante seus banquetes, entretecem os convidados com odes aos feitos do anfitrião. Logo, exerciam uma função importante na demonstração de poderio²⁹⁸, por exaltarem a honra e fama dos governantes, promovendo para esse chefe possibilidades de firmar novas alianças com outros homens livres que se impressionassem com as histórias sobre seu poder e generosidade.

Snorri Sturlunson foi um prolífico autor islandês. Responsável por sagas, como a *Heimskringla* (c. 1220), citada anteriormente nos primeiros capítulos, e compilador da *Edda em Prosa*, uma antologia sobre os deuses do panteão nórdico, cosmogonia e escatologia escandinavas, cuja origem pode remontar à era viking, sendo transmitida oralmente, ainda que muitas modificações e influências da cristianização sejam admitidas, concordam alguns pesquisadores.²⁹⁹ Na primeira obra, ele explica suas fontes para as histórias e feitos dos reis que narra e as justifica, além de listar uma série de nomes de outros *skáld* que compuseram alguns dos poemas que reproduziu: “[I have] written according to old poems or narrative

²⁹⁶ ADAM BREMENSIS. *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*. SCHMEIDLER, Bernhard (Ed.). **MGH** *Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi*, SS rer. Germ. 2. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1917, p. 36-38.

²⁹⁷ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 55-58.

²⁹⁸ Por poderio entendemos: grande poder; direito ou poder de ordenar, de agir, de se fazer obedecer; autoridade, domínio.

²⁹⁹ JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 9-12, 15-32.

songs which people used to use for their entertainment. [...] As to the poems, I consider them to be least corrupted if they are correctly composed and meaningfully interpreted.”³⁰⁰

Como podemos perceber, a condição de liberdade estava associada à posse de algum montante de riqueza, especialmente de terras. Os homens livres podiam portar armas e tinham deveres e direitos guardados por leis, além da liberdade de expressar opinião e voto na *þing*, “assembleia”, onde questões públicas eram debatidas e as decisões dos chefes eram instituídas com a consulta aos presentes livres, e cujo os vereditos eram provavelmente assentido pelos homens ali reunidos quando estes faziam barulho com suas armas.³⁰¹ O quão antigo é o costume das assembleias legais na instituição *þing* é difícil precisar. Per Sveaas Andersen acha plausível data-las na idade do ferro, mais precisamente antes do século VII.³⁰² Sua existência, contudo, é certa, pois atestada em pedras rúnicas que homenageiam construtores de *þingstaðr*, o local da *þing*.³⁰³ Jelling foi, sem dúvida, uma *þing*, tratando-se de um complexo régio. Sobre a importância da *þing* e seu papel na coerência social, disse Skre:

While the ruler’s network on monoinstitutional sites will have been predominantly long-distance, the multiinstitutional sites also had short-distance networks; they were interfaces between the ruler and people in the region. The civic assemblies in multiinstitutional sites gathered not only the ruler’s retinue, but also all free men. As argued by Søren M. Sindbæk and Frode Iversen, such assemblies will have been the essential arenas for agreeing on marriage, reinforcing kinship ties, resolving disputes, maintaining friendships, and the like. Therefore, **assemblies built and maintained shared institutions, identities, and culture, all of which contributed to social coherence.** Not only were they essential for rulers, all free men depended on them. Civic institutions will have given multiinstitutional sites a profound societal and cultural role that will have contributed to their deep continuity. (Grifonosso)³⁰⁴

Os povos escandinavos da era viking possuíam uma sociedade legalizada em bases orais, a “lei do povo”, como consta na mais antiga evidência desse sistema legal: o anel rúnico Forsa, do século IX. Trata-se de um anel de ferro com 43 cm de diâmetro, que ficava pendurado em uma porta na paróquia de Forsa, em Hälsingland, Suécia. Com cerca de 250 runas gravadas, que tratam sobre o pagamento de multas pela destruição de locais de culto, esse anel é um artefato relevante para compreensão da era viking, onde se lê:

One ox and two aura [in fine] [to ?] staf [or] aura staf [in fine] for the restoration of

³⁰⁰ STURLUSON, Snorri. **Heimskringla**: Volume I – The Beginnings to Óláfr Tryggvason. FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 3-5.

³⁰¹ BRINK, Stefan. Law and society. In. BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 26.

³⁰² SVEAAS ANDERSEN, P. ‘Ting’. **KL**. n. 18, 1974, p. 347.

³⁰³ JANSSON, S. B. F. **Runinskrifter i Sverige**. Stockholm: AWE Gebers, 1977, p. 121.

³⁰⁴ SKRE, Dagfinn. Scandinavian kingship AD 500-1000. **Neue Studien zur Sachsenforschung**. Braunschweig, 2022, p. 122.

a cult site in a valid state for the first time; two oxen and four aura for the second time; but for the third time four oxen and eight aura; and all property in suspension, if he doesn't make right. That, **the people are entitled to demand, according to the law of the people that was decreed and ratified before**. But they made [the ring or the statement], Anund from Tåsta and Ofeg from Hjortsta. But Vibjörn carved. (Grifo nosso)³⁰⁵

Quem chefiava a *þing* seria um *konungr* ou um *jarl*, membros da elite governante sobre os quais possuímos um pouco mais informações e, portanto, podemos acessar melhor sua posição na política escandinava da era viking. Os *jarls* eram os responsáveis por chefiar províncias do reino,³⁰⁶ e estão entre os oficiais régios de maior status, que colaboravam na administração do território, coletavam a tributação, financiavam santuários, aconselhavam o rei, o substituíam em funções oficiais ou religiosas, por exemplo, e o representavam como emissionários no estrangeiro. Às vezes, *jarls* eram governantes de áreas independentes, i. e., não deviam aliança a um monarca.³⁰⁷

Essas posições de chefia eram hereditárias, ainda que não fosse incomum irmãos ou tios tomarem o cargo do parente falecido. O sistema de primogenitura viria a se concretizar na transferência dos cargos políticos somente após a era viking e a descendência materna possuía peso o suficiente para garantir a coroa, como foi o caso de Sveinn Ástríðarson ou Estridsson, que estabeleceu sua legitimidade legal ao trono danês por ser filho de Estrid, filha de Sveinn Haraldsson *tjúguskegg* (barba-bifurcada), rei danês entre c. 986–1014, e também irmã de Knútr o Grande, quem reinou entre c. 1018 e 1035. Trata-se de um dos raros casos de matronímicos.³⁰⁸

Como vimos, as relações de alianças estavam entranhadas à ascensão do poder régio. Laços que são, também, a base do poder militar dos reis escandinavos, que além do monopólio da violência do ponto de vista legal, no sentido de garantir a proteção e punição dos seus súditos, precisavam convencer os homens livres guerreiros a servirem-lhe em guerras e nas atividades vikings. Isso se dava não somente pela construção e propagação da honra e virtudes régias, louvadas pelos *skáld*, que atraíam as pessoas ao seu *hall*. Esperava-se dos bons reis a compensação generosa com presentes e redistribuição dos butins aos seus

³⁰⁵ BRINK, Stefan. Law and society. In. BRINK, Stefan (Org.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012, p. 28-29.

³⁰⁶ Sobre as províncias escandinavas e suas relações com topônimos de sufixo *länder*, vide: BRINK, Stefan. Law and legal customs in Viking Age Scandinavia. In. JESCH, J. (Ed.) **Scandinavians from the Vendel Period to the Tenth Century**. San Marino: CIRSS, 2003; BRINK, Stefan. People and Land in Early Scandinavia. In. GARIPZANOV, Ildar H.; GEARY, Patrick J.; URBANCZYK, Przemysław (Eds.). **Franks, Northmen, and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe**. Turnhout: Brepols, 2008.

³⁰⁷ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 72-75.

³⁰⁸ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 62.

aliados, para que se mantivessem ligados na *félag*, a relação de companheirismo sobre a qual já tratamos no segundo capítulo, cujos membros se deviam obrigações mútuas. As *félag* são essas relações de alianças, que poderiam consistir de homens que possuíam juntos um navio, uma associação comercial ou um grupo de guerreiros unidos sob autoridade de um chefe.³⁰⁹ Logo, sob a ideia de lealdade da *félag*, o relacionamento entre o rei e seus guerreiros era um vínculo direto, pessoal e pessoalizado. Há 14 pedras que mencionam o relacionamento de *félag*, sendo que nove delas estão na região da Escânia.³¹⁰ Isso indica a necessidade de publicização desses laços, importantes para a comunidade, e sugerem a intenção de manter-se tais laços “vivos” com o mesmo núcleo familiar do falecido. No caso da Escânia poderia ainda indicar uma necessidade de associação ao poder régio danês.

É comum nas pedras de *félag* que haja mais de um patrocinador do monumento, confirmando a relação de companheirismo entre diferentes homens unidos nesse tipo de aliança. Além disso, todas datam entre 970 e 1020, momento ápice da produção de pedras rúnicas e, grosso modo, o período de reinado de Haraldr Gormsson e de Sveinn Haraldsson. Não raro, vêm acompanhadas da menção a algum título, geralmente associado ao homenageado. Por vezes ocorrem ainda elogios ou descrição das circunstâncias de morte deste. Para exemplificar o uso de *félag* trazemos as pedras DR 68, da porção central da península da Jutlândia, e DR 330, da Escânia.

A DR 68 possui 157 cm de altura e ornamentações espiraladas nas faixas da mensagem rúnica, que diz: “Tosti e Hofi e Freybjörn, eles erigiram essa pedra em memória de Qzurr Saxão/Espada(-portador), seu *féлага*, um *dreng* muito bom. Ele morreu como o mais inocente/não-vilão dos homens; ele possuía um navio com Árni.”³¹¹ Trata-se de uma pedra extremamente prestigiosa, pois, além de sua ornamentação, é uma mensagem complexa, na qual consta-se um epíteto (possivelmente, se aceita tal tradução, indicando a naturalidade do homenageado como um saxão, o que prova que a *félag* poderia incluir homens de diferentes localidades); a relação de *félag*; o título *dreng* acompanhado da gradação de *boni homines* “muito bom”; um elogio ao homenageado e ainda, a menção que ele possuía um navio com Árni. Ademais, possui ainda uma ornamentação espiralada nas

³⁰⁹ ROESDAHL, Else. **The Vikings**. Jouve: Penguin Books, 2016. p. 60-61.

³¹⁰ As demais assim se distribuem: 1 em Schleswig-Holstein; 1 no norte da Jutlândia e 3 na porção central da península.

³¹¹ *§A [T]osti ok Hofi ok þeir Freybjörn reistu stein þenna eptir Qzur Saxa, féлага sinn, harða §B góðan dreng. Sá dó manna mest óníðingr, sá átti skip með Árna.*

faixas rúnicas e, o que parecem ser, extensões de gavinhas. Logo, assumimos que Qzurr era um homem de alto prestígio social, cuja morte causou um impacto na sua comunidade e nos seus companheiros, que encomendaram o estimado monumento.



Fig. 32 Pedra rúnica DR 68, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca.

A DR 330 possui 100 cm de altura e sua inscrição diz: “Tosti(?) e Gunnarr ... essas pedras em memória de ... [e] ...-björn, seus *félaga*. Esses *drengjar* eram amplamente renomados em expedições vikings.”³¹² Primeiramente, chamo a atenção para “pedras” no plural, denotando que mais de um monumento, um monumento-conjunto ou mesmo um conjunto de pedras em formação naviforme foram produzidos em homenagem a esse homem. Além da ligação em *félag*, homenageado e patrocinadores eram *drengjar*. Por fim, ocorre um elogio aos mencionados, ao dizer-se que eram reconhecidos por suas atividades vikings.

O termo viking aparece em três pedras rúnicas, todas datadas entre 970 e 1020: a DR 330 em questão, da Escânia; a DR 334 (“Faðir mandou cortar essas runas em memória de Qzurr, seu irmão, quem morreu no norte em uma expedição viking.”)³¹³, também da Escânia e com 170 cm de altura; e na DR 216 (Ástráðr e Hildungr/Hildvígr/Hildulfr erigiram essa pedra em memória de Fraði/Freði, seus parentes. E ele foi então o terror(?) de homens. E ele

³¹² §A Tosti(?) ok Gunnarr ... steina þessa eptir ... [ok] ...björn, félaga sín[a]. §B Þeir drengjar váru v[íða] [ón]eisir í vikingu.

³¹³ Faðir lét hoggva rúnar þessar eptir Qzur, bróður sinn, er norðr varð dauðr í vikingu.

morreu na Suécia e foi depois o primeiro(?) na(?) *lið*(?) de Friggir(?) e então: todos vikings.”³¹⁴), de Lolland-Falster, com impressionantes 254 cm de altura e ornamentações espiraladas. Note na última inscrição como consta provavelmente o termo *lið*, que é usado para se referir a alguém que segue outrem, um homem que está em uma companhia, e significa comitiva, tripulação, bando. Nesse sentido, *lið* aproxima-se da relação de *félag*, como uma forma de alianças mútuas.³¹⁵



Fig. 33 Pedra rúnica DR 216, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca.

1. *Heimþegi, stýrimaðr e skipari*

DR 3) §A : suin : kunukr : sati : ¶ stin : uftir : skarþa ¶ sin : himþiga : ias : uas : ¶ :
farin : uestr : ion : nu : §B : uarþ : tauþr : at : hiþa:bu

NA: §A Sveinn konungr setti stein eptir Skarða, sinn heimþega, er var farinn vestr, en nú §B varð dauðr at Heiðabý.

Trad: §A Rei Sveinn colocou essa pedra em memória de Skarði, seu “retentor”, que viajou para o Oeste, mas quem então §B morreu em Hedeby.

³¹⁴ §A *Ástráðr ok Hildu[ng]r/Hildv[ig]r/Hildu[lf]r reistu stein þenna ept Fraða/Freða, frænda sinn sinn, en hann var þá feikn(?) vera, §B en hann varð dauðr á Svíþjóðu ok var fyrstr(?) í(?) Friggis(?) liði(?) þá allir vikingar.*

³¹⁵ O termo *lið* aparece somente em duas pedras do *corpus*: na DR 216 em questão, de Lolland-Falster, e na DR 209, da Fíónia. A inscrição da última diz: “Ragnhildr colocou essa pedra em memória de Alli o Pálido, *goði* do santuário, honrado *þegn* da *lið*. Os filhos de Alli fizeram este monumento em memória do seu pai, e a sua esposa em memória do seu marido. E Sóti esculpiu estas runas em memória do seu *dróttin*. Þórrr consagre estas runas. Um *ræta* seja ele quem danificar(?) esta pedra ou arrastá-la [para ficar de pé] em memória de outro.”



Fig. 34 Pedra rúnica de Sveinn, DR 3, faces A e B (lateral).© Museu Nacional da Dinamarca.

A pedra rúnica DR 3 de Sveinn Haraldsson, terceira geração da dinastia Jelling, mede 158 cm de altura e localiza-se bem ao sul da Jutlândia, na região do antigo *emporium* de Hedeby (Haithabu, em alemão), atualmente Schleswig, na Alemanha, logo, sendo classificada como pertencente a região de Schleswig-Holstein. A inscrição foi datada por volta do ano 1000. Ele homenageou Skarði, seu *heimþegi* (traduzido como ‘*home-receiver*’ pela runóloga Judith Jesch³¹⁶ e traduzido como “retentor” nos catálogos), isto é, um aliado em cargo militar e administrativo, pois, além de, provavelmente, receber terras do rei, colaborava na captação dos tributos. Skarði teria viajado com o monarca danês para saques e invasões à Inglaterra³¹⁷: “Rei Sveinn colocou essa pedra em memória de Skarði, seu *heimþegi*, que viajou para o Oeste, mas quem então morreu em Hedeby.”³¹⁸

A pedra rúnica do rei Sveinn em homenagem ao aliado Skarði coloca em dúvida a amplitude da teoria de que as pedras rúnicas funcionavam como reclamações de heranças, pois dificilmente o monarca estaria reivindicando à bens ou ao título de seu falecido companheiro. Muito mais certo é reconhecer que o rei erigiu essa pedra a fim de manter firme

³¹⁶ JESCH, Judith. *Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse*. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 235.

³¹⁷ OZAWA, Minoru. *King’s Rune Stones: a Catalogue with Some Remarks*. HERSETEC, n. 4, v. 1, 2010, p. 32.

³¹⁸ §A Sveinn konungr setti stein eptir Skarða, sinn heimþega, er var farinn vestr; en nú §B varð dauðr at Heiðaby.

a aliança com o núcleo familiar de Skarði, e, também, ampliar suas redes de alianças com outros homens livres que vissem o monumento e ambicionavam poder receber tão prestigiosa homenagem do monarca, caso o servissem lealmente como fez aquele *heimþegi* que morreu em Hedeby.

Nesse sentido, na pedra DR 3 temos um caso de comunicação de ambições políticas propagadas pelo rei da dinastia Jelling, em detrimento de uma intenção de herança, propriamente dita. Tratar-se-ia de uma forma do rei Sveinn “propagandear” e propagar seu próprio poder e espaço político na paisagem, abrindo um canal para ampliação de sua rede de alianças e demonstrando ser aquele que tornava homens *heimþegi*. Somente um rei com autoridade central poderia distribuir esses títulos. Nesse sentido, observamos como pedras em localidades diferentes, em contextos diferentes, podem indicar para os diversos usos e estratégias utilizadas ao se tratar das pedras rúnicas.

A propósito, há outra pedra rúnica da mesma região e que também menciona um *heimþegi* do rei Sveinn, a DR 1. O lado A da pedra é adornado no topo com ornamentação em espiral que emana das linhas de moldura da inscrição. A mensagem na parte inferior do lado B é gravada com runas consonantais, que podem ser interpretadas também como uma característica ornamental. Sua inscrição diz: “Þórunfr ergueu esta pedra, *heimþegi* de Sveinn, em memória de Eiríkr, seu *félagi*, que morreu quando *drengjar* sitiaram Hedeby; e ele era um *stýrimaðr*, um *drengr* muito bom.”³¹⁹

Note a abundância de títulos na DR 1, cujo patrocinador era um *heimþegi* do rei Sveinn, e menciona-se a mesma batalha que consta na DR 3, patrocinada por esse monarca. O responsável pelo monumento também estava aliado em *félag* ao homenageado, ou seja, ligavam-se econômica e/ou militarmente em sociedade e companheirismo, uma parceria a fim de obterem riquezas e lucros, muito provavelmente, via atividades vikings. Já o falecido homenageado carregava dois títulos: era um *stýrimaðr* e também um *drengr*. A respeito do primeiro título, que ocorre somente nesta pedra danesa, trata-se de um capitão de navio. Um cargo importante, especialmente neste contexto da DR 1, que menciona uma batalha naval em Hedeby, na qual ele pereceu.

³¹⁹ §A Þórunfr reisti stein þenna, heimþegi Sveins, eptir Eirík, féлага sinn, er varð §B dauðr; þá drengjar sátu um Heiðabý; en hann var stýrimaðr, drengr harða góðr.



Fig. 35 e 36 Pedra rúnica DR 1, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca.

Há, contudo, outro título com mais ocorrência, que também remete à atividade marítima. O *skipara*, marinheiro ou marujo, aparece em seis pedras rúnicas danesas: DR 82; DR EM 85,265 (norte da Jutlândia); DR 218 (Lolland-Falster); DR 379 (Boríngia); DR 275 (Escânia); DR 363 (Blecíngia).

Além dos dois casos com título *heimþegi* abordados, DR 1 e DR 3, em Schleswig-Holstein, há ainda 2 casos na porção norte da península, a DR 154† e DR 155, e mais 2 na Escânia, DR 296 e DR 297, somando 6 pedras rúnicas.

2. *Dreng e Þegn*

O segundo título do homenageado na DR 1 é *drengr*, acompanhado da graduação “muito bom”. Esse título ocorre em 17 pedras rúnicas danesas³²⁰, ou seja, em 8,05% do *corpus*, atrás somente de *Þegn*, que aparece em 18 exemplares³²¹, 8,53%. Há bastante discussão quanto ao significado de *drengr* e qual era sua função, comumente traduzido como “guerreiro valente” nos catálogos e também por Judith Jesch. Alguns runólogos associam-no

³²⁰ Distribuídas regionalmente da seguinte forma: 1 pedra no sul da Jutlândia; 5 na Jutlândia central; 1 na porção norte da península; 1 caso em Schleswig-Holstein; e 9 casos na Escânia.

³²¹ 3 pedras da região norte da Jutlândia; 8 na Jutlândia central; 1 pedra na Fiónia; 1 em Lolland-Falster; e 5 casos na Escânia.

à esfera militar, uma posição no exército régio, e possivelmente atribuído a homens mais jovens (ao contrário de *Þegn*); enquanto outros relacionam a um cargo de homens livres donos de terras e que traria direitos e deveres administrativos ou econômicos. Tendo por base os casos das pedras rúnicas danesas e a análise filológica construída por Judith Jesch ao comparar o material rúnico com os poemas skaldicos, a primeira tradução parece-nos pertinente. A runóloga também afirmou que os *drengjar* eram membros do alto-escalão de exércitos, próximos aos chefes-líderes.³²²

O título de *Þegn*, por outro lado, pode não estar ligado a cargos militares como *drengr*, mas indicar membros da mais alta elite dona-de-terras, que provavelmente carregavam obrigações administrativas ou tributárias, mas não necessariamente aliados ou em concordância com o poder régio danês.³²³ Segundo análise lexical de Jesch, estavam em contextos pacíficos, diferentemente das pedras militares dos *drengjar*:

[...] suggesting a family context, *kuml* hardly ever collocates with any of the terms that can have military connotations: never with *drengr* and only once with *fǣlagi* (D[R] 318). All of these inscriptions with *kuml* give genealogical and family information, and all except D[R] 294 also make reference to women, suggesting an interest in inheritance and family continuity far removed from the purely masculine world of the military inscriptions. This use of *þegn*, implying wealthy local magnates, can be reconciled with the use of the same term in skaldic verse, although there the emphasis tends to be a negative one because of the royalist bias of the poetry.³²⁴

Em concordância com o defendido acima, trazemos o exemplo da pedra rúnica DR 277, da região da Escânia, que diz: “Káta fez esse(s) monumento(s) em memória do filho de Sveinn Þöllungr, seu *bóndi* [trad. como marido]. Ele foi o primeiro entre os *þegnar*.”³²⁵ Trata-se de uma viúva homenageando o marido, logo, um contexto familiar. Ela curiosamente não nomeou o esposo, contentando-se em apresentá-lo como filho de Sveinn Þöllungr, este provavelmente alguém de muito destaque e status social na comunidade, considerando a informação o suficiente para que soubessem de quem ela estava falando; mas ela usou *fyrstr* ou “primeiro” para qualificar sua autoridade como *þegn*, o que conferia-lhe muito prestígio entre seus pares. Além disso, ela o identifica como seu *bóndi*, que pode ser traduzido como marido, mas que na verdade significa fazendeiro, homem com uma morada fixa, homem que vive da agricultura, homem chefe do seu núcleo familiar. Nesse sentido, confirma-se o

³²² JESCH, Judith. *Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse*. Woodbridge: Boydell, 2001, p 216-223.

³²³ JESCH, Judith. *Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse*. Woodbridge: Boydell, 2001, p 225-227.

³²⁴ JESCH, Judith. *Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse*. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 227.

³²⁵ *Káta gerði kuml þessi eptir Svein Þöllungs son, bónda sinn. Sá var þegna fyrstr.*

posicionamento de Jesch citado acima, que os *þegnar* eram ricos magnatas com terras. Além disso, ela traz colocações importantes a respeito do uso do termo *kuml*, sobre o qual tratamos no segundo capítulo, na seção a respeito do uso da fórmula memorial. Segundo a autora, *kuml* aparece somente em contextos familiares e geralmente em pedras associadas a mulheres.

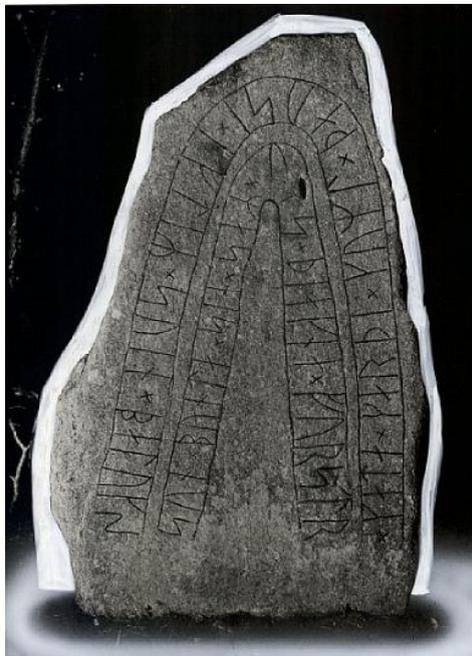


Fig. 37 Pedra rúnica DR 277. © Museu Nacional da Dinamarca.

Um último ponto a ser levantado quanto aos títulos *drengr* e *þegn* é que todas as pedras que os mencionam são atribuídas ao período de 900-1020, ou seja, grosso modo ao reinado das três primeiras gerações da dinastia Jelling.

3. *Dróttinn* e *dróttining*

O título *dróttinn*, o masculino de *dróttining*, este já tratado na seção sobre relações de gênero, aparece em 4 pedras rúnicas, 1 no norte da Jutlândia (DR 131); 1 na parte central da península (DR 81); 1 na Fiônia (DR 209); e 1 em Escânia (DR 295). Pode ser entendido como “senhor”, “mestre” (em oposição a servo/subordinado), “comandante de exército”, “governante” ou “chefe do núcleo familiar”. Poderia ser usado inclusive para se referir a Deus, Senhor, como no caso da DR 380.³²⁶ Ainda que o significado do título remeta a um magnata com terras, não significa que o *dróttinn* estava restrito ao contexto rural e familiar. Na pedra rúnica DR 295, datada entre 970 e 1020, encontramos o caso de um senhor chamado Tóki, quem morreu em uma batalha em Uppsala, e recebeu uma prestigiosa

³²⁶ *Kápu-(?)Sveinn reisti stein þenna eptir Bausa, son sinn, dre[ng] [góða]n, þann er drepinn varð í orrostu at Útlengju. Guð dróttinn hjalpi hans qnd ok sankta Mikjáll.*

homenagem de um aliado ou subordinado chamado Áskell, e também de outros companheiros *drengjar*, cuja inscrição em versos rimados, diz: “Áskell colocou esta pedra em memória de Tóki, filho de Gormr, para ele um fiel *dróttinn*. Ele não fugiu em Uppsala. *Drengjar* colocaram em memória de seu irmão a pedra na colina, firmada por runas. Eram eles que iam mais próximos do Tóki de Gormr.”³²⁷ O contexto marcial da mensagem deixa a entender que o significado de *dróttinn* neste caso seria “comandante de exército/unidade militar” e “senhor”, afinal foram *drengjar* quem colocaram a homenagem na colina (caso interessante de denotação de espacialidade dentro de uma inscrição rúnica); e o homenageado foi um *dróttinn* que não fugiu do combate em Uppsala. A complexa inscrição ainda termina dizendo que eram esses *drengjar* que iam mais próximos de Tóki, filho de Gormr, ou seja, eram os principais guerreiros do importante e prestigiado comandante.



Fig. 38 Pedra rúnica DR 295. © Museu Nacional da Dinamarca.

Sobre a origem do termo *dróttinn*, explicou Dagfinn Skre:

The Roman expansion into continental Europe amplified interaction between Germanic peoples as well as with the Roman Empire, mainly through military campaigns and trade. The intensified mobility triggered deep cultural and societal integration processes within 2nd to mid-6th century Germanic Europe. This

³²⁷ §A *Æskel satti sten þænsi æftir Toka Gorms sun, ser hullan drottin. Sar flo ægi at Upsalum §B sattu drengjar æftir sin broður sten a biargi stöþan runum. Þer §C Gorms Toka gingu næstir.*

interaction and integration is evident in martial proficiency and in the rise of a new type of leaders, the *dróttinn* (army commanders), among many Germanic peoples. Challenging the authority of tribal rulers, the *kindins* and *þiudans* [leader of a people or tribe³²⁸], some of the *dróttinn* became de facto rulers.³²⁹

Primeiramente, *dróttinn* substituiu os termos *kindins/þiudans*, o que sugere a mudança de uma governança (*rulership*) baseada no consentimento da tribo para uma que emanava do comando militar.³³⁰ A ostensiva passagem do termo *dróttinn* para o termo *konungr*, por sua vez, apontaria para o movimento de uma liderança política baseada em feitos individuais e ranking militar para uma baseada em pertencimento a certas linhagens.³³¹ Nesse sentido, ressaltamos a linhagem de Jelling como um desses casos. Originalmente, *konungr* significava “homem da família real”, sugerindo que muitos homens contemporâneos de um mesmo parentesco poderiam ser chamados de reis, ainda que eles não fossem de facto governantes.³³² Todavia, o *konungr* continuava sendo um *dróttinn*, a posição social e deveres e direitos do primeiro não excluía as do segundo título.³³³

4. *Konungr*

Há 5 pedras rúnicas com o título *konungr* ou “rei”, já citadas, a DR 2, erigida pelo rei Sveinn Haraldsson; a DR 4 em homenagem ao rei Sigtrygg; a DR 41 encomendada pelo rei Gormr; e a DR 42 pelo rei Haraldr Gormsson. O quinto caso, a DR 66, traz menção a *konungr*, mas este serviu para descrever a circunstância de falecimento do homenageado: “quem morreu quando os reis lutaram”.³³⁴

O único caso de uso de *konungr* na Dinamarca anterior à pedra rúnica de Gormr está na DR 4, e fornece pistas do processo de conquista do poder do monarca Jelling, do movimento expansionista territorial – aliás, ambição característica da dinastia, que atingiu seu ápice do reinado de Knútr Haraldsson³³⁵ – e da unificação entre daneses do sul e do norte,

³²⁸ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 196.

³²⁹ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 193.

³³⁰ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 196.

³³¹ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 197.

³³² SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 197.

³³³ SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond.** Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>, p. 201.

³³⁴ *§A Gunnulfr ok Eygautr/Auðgautr ok Áslakr ok Hrólfr reistu §B stein þenna eptir Fúl/Full/Fyl, félaga sinn, er varð ... dauðr, §C þá konungar þorðusk.*

³³⁵ Durante o reinado de Knútr *inn ríki* “o Grande”, quarta geração da dinastia Jelling, a Dinamarca atingiu o ápice de sua extensão territorial. Knútr foi rei da Inglaterra, da Dinamarca, da Noruega e de partes da Suécia, e

já mencionada anteriormente.³³⁶ A pedra rúnica DR 4, com 124 cm de altura, localizada próxima à Hedeby e datada entre 934 e 950, foi uma homenagem de Ásfríðr ao seu filho e de Gnúpa, o rei Sigtryggr, e diz: “Ásfríðr, filha de Óðinkárr, erigiu este monumento em memória do rei Sigtryggr, seu filho e [de] Gnúpa. Gormr gravou as runas.”³³⁷



Fig. 39 Pedra rúnica DR 4. © Museu Nacional da Dinamarca.

Como nota-se na inscrição, o rei Sigtryggr provavelmente morreu relativamente jovem, antes de sua mãe e possivelmente de seu pai, o rei Gnúpa, cujos poderes era baseado na região sul da península de Jutlândia, próximos à fronteira com o reino germânico e à muralha Danevirke. A morte do filho e rei foi, sem dúvida, um grande impacto para seu núcleo familiar e para a comunidade em que estava inserido, pois sua mãe Ásfríðr despendeu recursos para erigir uma segunda pedra rúnica, a DR 2, com 214 cm de altura, em sua

seu império é comumente referido na historiografia como Império do Mar do Norte. Foi o único monarca danês que utilizou o título *basileus*: ele se referiu a si mesmo como *basileus Anglorum* em oito de seus diplomas. Vide: SCHEEL, Roland. *Byzantium – Rome – Denmark – Iceland: Dealing with Imperial Concepts in the North*. In: SCHOLL, Christian *et al.* **Transcultural Approaches to the Concept of Imperial Rule in the Middle Ages**. Bruxelas: Peter Lang AG., 2017, p. 245-294.

³³⁶ LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 163-169.

³³⁷ §A Ásfríðr gerði kuml þessi, dóttir Óðinkárs, ept Sigtrygg konung, §B son sinn ok Gnúpu. §C Gormr reist rúnar.

homenagem, de inscrição mais singela: “Ásfríðr erigiú este monumento em memória de Sigtryggr, seu filho e de Gnúpa.”³³⁸. Assim, ela buscou garantir que a memória e o prestígio de seu filho e sua família estivessem definitivamente impressos na paisagem danesa.

Para finalizar as discussões a respeito das pedras rúnicas de *konungr*, gostaríamos de destacar a DR 41, erigida pelo rei Gormr, e tratar brevemente sobre o uso de epítetos nas inscrições.

DR 41) Transliteração das runas: §A **kurmr : kunukr : ¶ : k(a)(r)þi : kubl : þusi : ¶ : a(f)(t) : þurui : kunu** §B ~ **sina ~ tanmarkar ~ but ~**

Transliteração Nórdico Antigo (NA): §A *GormR kunungr gærþi kumbl þæsi æft Þorwi, kunu* §B *sina, Danmarkar bot.*

Tradução: §A Rei Gormr fez esse(s) monumento(s) em memória de Þyrvé, §B sua esposa, Melhoramento/Remédio da Dinamarca.



Figs. 40 e 41 Pedra rúnica DR 41, faces A e B. © Museu Nacional da Dinamarca.

Afinal, quem era Gormr e como ele conseguiu alcançar o trono da Dinamarca? Segundo a arqueóloga Else Roesdahl, ele seria um típico caso de rei escandinavo que conquistou o poder via atividades vikings, considerando sua emergência repentina, passado desconhecido e suposta desconexão com linhas sucessórias existentes.³³⁹ Ele reivindicou o

³³⁸ §A *Asfriþr gærþi kumbl þæn æft Sigtryg, þB sun sin ok Gnupu.*

³³⁹ Na *Heimskringla*, de Snorri Sturluson, é mencionado que Gormr seria filho do semi-lendário rei Hǫrða-Knútr, e, portanto, seria bisneto do lendário Ragnarr *loðbrók* “Calças peludas”. Essa seria uma forma de exaltar o heroísmo e poder da dinastia Jelling, cujo feito de unificar o reino da Dinamarca é recorrentemente ressaltado na obra e teria incentivado a própria unificação da monarquia norueguesa. Cf. STURLUSON, Snorri.

poder com espada e ouro nas mãos, que acumulou durante saques à Inglaterra – que, também, lhe trouxeram fama pessoal, pré-requisito para angariar aliados e prestígio social.³⁴⁰

Dessa forma, Gormr conseguiu casar-se com Þyrvé, a filha de um importante chefe regional ou, possivelmente, de um rei da região norte da península da Jutlândia³⁴¹, e teria, também, conquistado o reino dos daneses do sul, baseados na região de Hedeby e governados, à época, por Sigtrygg Gnupasson, quem é mencionado na pedra rúnica DR 4. Segundo essa teoria, proposta por Niels Lund, o rei teria, então, promovido a união entre daneses do sul e do norte, até aquele momento divididos, e concretizado a unidade territorial no reino da Dinamarca.³⁴²

A pedra rúnica do rei Gormr, DR 41, está entre os mais antigos monumentos de Jelling, datada em meados do século X. Possivelmente, ela faria parte do grupo de monólitos em formação naviforme. Foi colocada no local atual, ao lado da pedra de Haraldr, em meados de 1630.³⁴³ A inscrição rúnica na pedra de granito de 139 cm de altura está dividida em quatro linhas emolduradas com faixas; com exceção da última, contida na segunda face, que possui também, uma ornamentação espiralada. A inscrição se orienta verticalmente, com a leitura ocorrendo de baixo para cima.³⁴⁴ Além da própria localização do monumento em Jelling, dois outros aspectos de sua mensagem merecem destaque na análise de sua intenção em afirmar a centralidade do poder régio: seu uso de título e seu uso de epíteto.

Nos territórios daneses há 19 pedras rúnicas com epítetos, ou 6,93% do *corpus*. cuja grande maioria está localizada no norte da Jutlândia, com 12 exemplares.³⁴⁵ Há 6 pedras na

Heimskringla: Volume I – The Beginnings to Óláfr Tryggvason. FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 132.

³⁴⁰ ROESDAHL, Else. *The Vikings*. Jouve: Penguin Books, 2016, p. 70-71.

³⁴¹ Na Heimskringla, diz-se que Þyrvé seria filha do rei Haraldr Klakk (r. c.785–c.852), mas essa cronologia parece-nos bastante improvável e a tentativa de tecer-se uma linha sucessória régia ininterrupta para a Dinamarca. Já na obra do autodenominado primeiro historiador danês, Sven Aggesen, de c.1187, é dito que Gormr é quem era filho daquele Haraldr. Cf. STURLUSON, Snorri. **Heimskringla:** Volume I – The Beginnings to Óláfr Tryggvason. FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trads.). Exeter: Short Run Press, 2011, p. 51. CHRISTIANSEN, Eric. **The Works of Sven Aggesen: a Twelfth-Century Danish Historian**. Londres: University College & Viking Society for Northern Research, 1992, p. 56.

³⁴² LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 163-169.

³⁴³ PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. In FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in Runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006, p. 283-302.

³⁴⁴ Já a pedra de Haraldr tem uma escrita e decoração no horizontal, da esquerda para direita, à maneira de um livro ou de um tríptico medievais, apontando uma influência cristã na pedra. Este é outro aspecto inovador, pois é o único caso danês com essa orientação de escrita em monumento rúnico. JESCH, Judith. Reading the Jelling Inscription. In. GAMMELTOFT, Peder (Ed.). **Beretning fra enogtredivte tværfaglige vikingesymposium**. Høbjerg: Forlaget Wormianum, 2013, p. 9.

³⁴⁵ DR 37; DR 41; DR 55; DR 58; DR 68; DR 91; DR 98; DR 109; DR 127; DR 161; DR AUD1996,274; e DR EM85, 265.

Escânia³⁴⁶ e 1 pedra na Zelândia³⁴⁷. Um dos mais emblemáticos casos de uso de epítetos está na pedra do rei Gormr, para homenagear a esposa Þyrvé. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que somente 20 pedras rúnicas foram erigidas em homenagem a mulheres na região danesa, e em outras 4 pedras elas foram homenageadas junto a homens, como é o caso da DR 42 de Haraldr, filho de Gormr e Þyrvé. Como visto no segundo capítulo, homenagear uma mulher revela o verdadeiro caráter excepcional dessa, posto a raridade de homenagens ao gênero, isto é, ela seria uma membro da elite com alto destaque ou relevância na comunidade, prestigiada, com a qual haveria ganho social para o(a)(s) patrociador(a)(es) em mostrar(em)-se associado(s), angariando, conseqüentemente, prestígio e ampliação de *locus* social, ao despender conspicuamente recursos com essa forma de homenagem. Nesse sentido, essa característica, aliada à evidenciação de que Þyrvé era a esposa do *konungr* Gormr, aumenta ainda mais a importância política da homenagem do monarca e de sua associação à rainha, afinal, é no seu epíteto que se encontra a primeira documentação, o primeiro uso público autóctone, do nome do reino Dinamarca:³⁴⁸ Þyrvé *Danmarkar bót*, “melhoramento/remédio da Dinamarca” ou, segundo J. Jesch, “salvação da Dinamarca”³⁴⁹.³⁵⁰

A exibição monumental do casamento entre Gormr e Þyrvé e a ligação identitária da memória da esposa à Dinamarca na pedra rúnica DR 41 apontam para necessidade de associação da primeira geração Jelling ao nome do reino *Danmark*³⁵¹. Nesse sentido, há

³⁴⁶ DR 282, DR 283, DR 294, DR 329, DR 338 e DR 347.

³⁴⁷ DR 237.

³⁴⁸ LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 162-163.

³⁴⁹ A runóloga Judith Jesch faz esta interpretação do epíteto de Þyrvé, em ressonância às histórias contadas por Sven Aggesen e Saxo Grammaticus. JESCH, Judith. Reading the Jelling Inscription. In. GAMMELTOFT, Peder (Ed.). **Beretning fra enogtredivte tværfaglige vikingesymposium**. Højbjerg: Forlaget Wormianum, 2013, p. 8. A rainha teria dissuadido o imperador germânico Otto I de invadir a Dinamarca com a promessa de casar-se com ele. Enquanto isso, recolheu recursos para fortalecer e ampliar a muralha Danevirke, salvando, assim, o reino danês de ser conquistado pelo sacro-imperador. Tais histórias, entretanto, são tidas como *topos* retórico para criar uma imagem da rainha ideal e a tentativa dos cronistas em interpretar a pedra rúnica de Gormr, citada nas obras. Cf. CHRISTIANSEN, Eric. **The Works of Sven Aggesen: a Twelfth-Century Danish Historian**. Londres: University College & Viking Society for Northern Research, 1992, p. 21; p. 117, n. 62. SAXO GRAMMATICUS. **Gesta Danorum**. Vol. I. FRIIS-JEN SEN, Karsten (Ed.) FISHER, Peter (Trad.). Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 673- 675.

³⁵⁰ Se levarmos em consideração a Saga de Óláfr Tryggvason, provavelmente composta no século XII, mas cujo manuscrito mais antigo conhecido data em c.1300, o filho primogênito de Gormr, que teria morrido em um ataque à Irlanda, também carregaria no seu epíteto referência à identidade danesa. Na saga ele é chamado Knútr *Danaást*, i. e. “Querido dos daneses”. Isso apontaria para necessidade de uma sistemática vinculação da dinastia Jelling à identidade danesa e a ligar-se à ideia de uma Dinamarca unificada. Cf. HALLDÓRSSON, Ólafur. **Ólafs saga Tryggvasonar en mesta**. Éditiones Arnarnagnænae, Ser. A. Vol. 1-2. Copenhagen: Munksgaard, 1958-61, p. 129. Disponível em: <https://onp.ku.dk/onp/onp.php?b2158-129#c86139>.

³⁵¹ A etimologia de Dinamarca seria composta do nome do povo, “*danir*”, daneses, e “*mark*”, que significa fronteira ou “*mork*”, “marca” ou “floresta”. LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In. WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991. pp. 161-169.

publicização da recém-unificação dos territórios dinamarqueses, união essa, provavelmente ainda instável, entre daneses do sul e do norte, promovida pelo rei Gormr, e da expansão de sua autoridade.³⁵² Dessa forma, a pedra rúnica DR 41 propagava a centralidade do poder régio da nascente dinastia de Jelling entre as elites escandinavas.

Cabe lembrar que o complexo de Jelling é considerado como local da *Bing*, ou seja, era um local público, com regular circulação de homens e mulheres, em especial, de membros das elites danesa e escandinavas, e, é válido assumir, também de aristocratas e missionários de diversas outras localidades, como leste europeu, ilhas britânicas, reino germânico, entre outros. Ainda que poucos dos visitantes do complexo régio fossem, de fato, capazes de ler runas, há diversos elementos em Jelling que demonstram o grande poder, a centralidade da autoridade do monarca danês e marcam na paisagem sua intenção de firmar sua recém-fundada dinastia como a cabeça do reino dinamarquês. Nesse sentido, afirmou Sarah Semple *et al.*:

Recent discoveries at Jelling in Denmark of a large, fenced enclosure surrounding the well known central area marked by the mounds, rune-stones and church, suggests that **monumentalised routes and enclosures may have been common aspects of [power] display** at Viking-Age things. (Grifo nosso).³⁵³

Além da pedra rúnica, o rei Gormr foi responsável pela construção de uma formação naviforme de monólitos e um enorme monte funerário com câmara, ambos monumentos tradicionais, ligados à expressão de poder e ideologia política das elites escandinavas.³⁵⁴ O grande arranjo de pedras em formato de navio possuía, aproximadamente, 170 metros de “proa a popa” e parte dos monólitos foram encobertos pelo Monte Sul, construído por Haraldr.³⁵⁵

Também conhecido tradicionalmente como Monte de Þyrvé, o Monte Norte possui, aproximadamente, 65 metros de diâmetro e 8 metros de altura. Abriga uma câmara funerária

³⁵² LUND, Niels. ‘Denemearc’, ‘Tanmarkar But’ and ‘Tamaurk Ala’. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 163-169.

³⁵³ SEMPLE, Sarah et al. **Negotiating the North: Meeting-Places in the Middle Ages in the North Sea Zone**. Nova York: Routledge, 2021, p. 47.

³⁵⁴ Sobre os montes funerários tradicionais e a associação de navios a contextos funerários, vide: JESSEN, Mads D. Stave, stolper og Skagerrak – spørgsmål om ressourcer og arkitektur under Harald Blåtand. In PEDERSEN, Anne; SINDBÆK, Søren M. (Eds.). **Et fælles hav – Skagerrak og Kattegat i vikingetiden**. Copenhagen: Nordlige Verdener Nationalmuseet, 2015, p. 152-167. PEDERSEN, Anne. Ancient mounds for new graves - an aspect of Viking-age burial customs in southern Scandinavia. In ANDREN, A.; JENNBERT, K.; RAUDVERE, C. (Eds.). **Old Norse religion in long-term perspectives. Origins, changes, and interactions**. Lund: Vågar til Midgård 8, 2006. p. 346-353.

³⁵⁵ PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. In FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in Runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006, p. 302.

de tamanho 2,6 X 6,75 X 1,45 metros. Foi datado dendrocronologicamente no inverno de 958/59, ou seja, assume-se que foi construído para sepultamento do rei Gormr. A maior parte da mobília funerária e os ossos do inumado foram retirados em uma intrusão à câmara.³⁵⁶

Todavia, os poucos objetos que restaram na câmara funerária foram suficientes para impactar a cronologia e definição dos estilos artísticos da era viking. Afinal, o principal motivo iconográfico do estilo denominado Jelling, marcado por representações em perfil de animais em formato de fita (*ribbon-shaped*), e que vigorou na primeira metade do século X, deriva de uma taça de prata encontrada na câmara funerária do Monte Norte. Trata-se de uma fera com o corpo em forma de “S”, com contorno duplo, a sua cabeça aparecendo em perfil, com um olho redondo, e tendrilhos ou gavinhas que brotam do seu nariz e pescoço. As fitas entrelaçadas e a folhagem acompanham frequentemente a representação de animais do estilo Jelling.³⁵⁷



Fig. 42 A taça de prata de Jelling.³⁵⁸

Entretanto, há uma teoria a respeito do suposto paradeiro do cadáver de Gormr. A igreja em pedra no estilo romanesco, datada do final do século XI ou início do XII, localizada em no complexo de Jelling, sobrepõe vestígios de três estruturas anteriores, em madeira, de

³⁵⁶ HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN, A.. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. *Prähistorische Zeitschrift*, Berlin, v. 87, n. 2, 2013, p. 479-480.

³⁵⁷ GRAHAM-CAMPBELL, James. *Viking Art*. Londres: Thames & Hudson, 2013, p. 82-88.

³⁵⁸ GRAHAM-CAMPBELL, James. *Viking Art*. Londres: Thames & Hudson, 2013, p. 83.

meados do século X, e abriga uma câmara funerária datada do estrato mais antigo.³⁵⁹ Nela foi encontrada a ossada de um homem de meia idade, com 173 cm de altura, que aparenta ter sido re-enterrado na câmara, pois entre os ossos desarticulados há fragmentos de filamentos de linhas de ouro. Acredita-se que o homem enterrado na igreja poderia ser Gormr, lá re-inumado por seu filho Haraldr para associar seu pai ao cristianismo.³⁶⁰ Essa hipótese condiz com a postura do segundo rei Jelling, quem reivindicou o protagonismo pelo processo de conversão dos daneses à nova religião e ligou-o permanentemente como um feito pessoal seu em sua pedra rúnica DR 42³⁶¹.

5. *Goði e þulr*

Dois títulos interessantes para serem analisados e que aparecem em poucos exemplares são *goði*, que pode ser traduzido como chefe, líder local,³⁶² e *þulr*, que pode ser traduzido como recitador ou “aquele que fala” ou ainda, homem sábio.

Goði aparece em apenas três pedras rúnicas, todas encontradas na Fíónia e duas delas são aparentemente associadas a um mesmo homem. Datam de 700 a 950, ou seja, são pedras do período de surgimento do costume de erguer esses monumentos. A primeira delas, a DR 192 (700-800), está incompleta e fragmentada e possui 175 cm de altura. Sua inscrição diz: “Em memória de Hróðulfr está de pé a pedra, ele era *næra goði*. Filhos colocaram em memória. Ávarr coloriu.”³⁶³ Primeiramente, chamamos à atenção o uso precoce da fórmula memorial, reconhecendo a agência do suporte lítico, com a construção *stendr steinn*. Em segundo lugar, soma-se ao prestígio da pedra sua “assinatura”, que denota ainda como esses monumentos memoriais eram coloridos e não eram acromáticos. Por fim, para prestigiar ainda mais o homenageado, seus filhos acrescentaram seu título social: *næra goði*. *Næra* é traduzido nos catálogos como “habitantes de Nes”, ou seja, Hróðulfr era o chefe ou o chefe do templo (pagão) entre os moradores de Nes. No dicionário Cleasby & Vigfússon (1874) aponta-se que somente em pedras rúnicas danesas o termo aparece no início da era viking,

³⁵⁹ PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: a national Icon between Legend and Fact. In. VON CARNAP-BORNHEIM, Claus (Ed.). **Quo vadis? Status and Future Perspectives of Long-Term Excavations in Europe**. Hamburgo: Wachholtz Verlag Murmann Publishers, 2014, p. 257.

³⁶⁰ PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. In FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in Runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006, p. 302-303.

³⁶¹ “Rei Haraldr ordenou erguer esses monumentos em memória de Gormr, seu pai, e de Þyrvé, sua mãe; aquele Haraldr que ganhou para si a Dinamarca toda e Noruega e fez os daneses cristãos.” *Haraldr konungr bað gera kuml þessi ept Gorm, fǫður sinn, ok ept Þyrvé, móður sína, sá Haraldr er sér vann Danmǫrk alla ok Norveg ok dani gerði kristna.*

³⁶² JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001, p. 1.

³⁶³ *Ept Hróðulfr stendr steinn þessi, er var næra goði. Settu synir eptir. Ávarr fáði.*

sendo posteriormente utilizado no contexto de colonização da Islândia, o que aponta que ocorreu uma reconstrução do significado de *goði* para os monumentos rúnicos baseado no seu uso posterior:

Historical Remarks.—The Norse chiefs who settled in Icel[and], finding the country uninhabited, solemnly took possession of the land (*land-nám*, q.v.); and in order to found a community they built a temple, and called themselves by the name of *goði* or *hof-goði*, ‘temple-priest;’ and thus the temple became the nucleus of the new community, which was called *goðorð*, n.:—hence *hof-goði*, temple-priest, and *höfðingi*, chief, became synonymous, vide Eb. passim. Many independent *goðar* and *goðorð* sprang up all through the country, until about the year 930 the *alþingi* (q.v.) was erected, where all the petty sovereign chiefs (*goðar*) entered into a kind of league, and laid the foundation of a general government for the whole island.³⁶⁴

A segunda pedra, a DR 190, igualmente datada entre 800-900, que está incompleta e fragmentada (205 cm), também está associada a Hróðulfr, quem aparece não mais como o homenageado, mas como o patrocinador: “Hróðulfr, *næra goði*, em memória de Guðmundr colocou de pé a pedra, seu sobrinho. Eles se afogaram ... Ávarr coloriu.”³⁶⁵ Note como ele se identificou da mesma forma como foi identificado na DR 192, *næra goði*. Hróðulfr foi um homem muito rico e importante na sua comunidade, como atestam essas pedras e ainda, uma terceira, na qual consta somente o seu nome, a DR 193, e uma quarta, que diz: “... de pé a pedra, colocada por Hróð- ... feita e Hróðulfr ...”³⁶⁶. Isso atesta para uma rede de alianças no núcleo familiar desse homem. Ele homenageou o sobrinho, que se afogou de alguma forma, possivelmente em uma batalha, e foi homenageado pelos filhos. Além disso, observe como consta a mesma assinatura: Ávarr provavelmente estava sujeito ao poderoso núcleo familiar de Hróðulfr, isto é, poderia ser seu gravador de runas particular.

Por fim, a terceira pedra em que aparece *goði* é a DR 209, a mais complexa inscrição entre os 12 exemplares achados na Fiónia. A homenagem de uma esposa e filhos, datada entre 900-950, já foi explorada no segundo capítulo, quando discutimos o uso de maldições e orações pagãs. Sua inscrição diz: “Ragnhildr colocou essa pedra em memória de Alli o Pálido, *goði* do santuário, honrado *þegn* da *lið*. Os filhos de Alli fizeram este monumento em memória do seu pai, e a sua esposa em memória do seu marido. E Sóti esculpiu estas runas em memória do seu *dróttin*. Þórr consagre estas runas. Um *ræta* seja ele quem danificar(?) esta pedra ou arrastá-la [para ficar de pé] em memória de outro.”³⁶⁷ Veja como “santuário”

³⁶⁴ Cleasby & Vigfússon (1874). **GOÐI**. Disponível em: <https://onp.ku.dk/onp/onp.php?o27998>. Acesso em: set. 2023.

³⁶⁵ *Hróðulfr setti stein, næra goði, ept Guðmund, bróðurson sinn. Druknuðu ... Ávarr fáði.*

³⁶⁶ §A ... [st]endr steinn þessi, setti Hró[ð]... §B ... gerði ok Hróðulfr ...

³⁶⁷ §A *Ragnhildr setti stein þenna ept Alla Sólva, goða véa, liðs heiðverðan þegn. §B Alla synir gerðu kuml þessi ept fǫður sinn ok hans kona ept ver sinn. En Sóti reist rúnar þessar ept dróttin sinn. Þórr vígi þessar rúnar. §C At ræta(?) sá verði er stein þenna elti(?) eða ept annan dragi.*

aparece ao lado de *goði*, o que atesta para seu significado como chefe. Alli foi, sem dúvida, alguém muito rico e prestigiado, como observamos na pedra em sua homenagem. Além de ser chefe foi também um *þegn* em uma *lið* e um *dróttin*. O escultor Sóti provavelmente servia ao núcleo familiar de Alli o Pálido exclusivamente, para ter se referido a ele como seu senhor.

Já o título *þulr* aparece em sua forma genitiva na pedra DR 248. Também datada entre 700-800, percebe-se que é uma posição social deste primeiro período do costume de erguer monumentos memoriais. A inscrição na pedra de 124 cm pode parecer simples em um primeiro olhar, mas ao ver-se sua ornamentação e o capricho no entalhar da mensagem percebe-se que é uma homenagem prestigiosa: “Pedra de Gunnvaldr, filho de Hróaldr, *þulr* de Salhaugar”.³⁶⁸ Não há o uso de inscrição formulaica, em concordância com a datação do monumento. Contudo, constata-se a declaração da linhagem de Gunnvaldr, o homenageado, e seu título, que pode ser traduzido como “recitador”, “dizedor” ou “aquele que recita”. Se pensamos no significado de *þularstóll*, isto é, púlpito, compreende-se melhor o significado de *þulr*. Sem dúvida seria alguém que recitaria palavras em ocasiões importantes, sejam de cunho poético, por exemplo, se fosse um “bardo”, seja de cunho político ou legal, como alguém que recita as leis e decisões em uma *þing*.

³⁶⁸ *Gunnvalds steinn, sonar Hróalds, þular á Salhaugum.*



Fig. 43 Pedra rúnica DR 248, com um triskele e uma swastika. Note os resquícios da tinta alaranjada, usada para colorir as runas. © Museu Nacional da Dinamarca.

6. *Landhirðir* e *landmannr*

Dois títulos associados à posse de terras são *landhirðir* e *landmannr*. O primeiro aparece em duas pedras rúnicas: a DR 134 (970-1020), no norte da Jutlândia, e a DR 107 (970-1020), na Jutlândia central. Já o segundo está na DR 133 (970-1020), localizada no norte da Jutlândia, e na DR 314 (970-1020), da Escânia. Todas datadas nos reinados dos três primeiros reis da dinastia Jelling.

Landhirðir é uma palavra composta, formada pela junção de *land*, que significa terra, terreno, campo (em oposição a cidade), terra-firme (em oposição ao mar/oceano/lago/rio); e *hirðir*, que significa pastor. Nos catálogos é traduzido como *estate-steward*, ou seja, como administrador de propriedade. Nesse sentido, podemos afirmar que o *landhirðir* era um

homem que administrava uma fazenda, possivelmente uma fazenda “pecuarista” e talvez o fizesse em nome de outrem, isto é, não era o dono da propriedade que administrava. A DR 134, com 132,5 cm de altura, diz: “Qzurr *landhirðir*, filho de Køgir, cortou/esculpiu as runas em memória de Ás[b]oð/Ás[m]óð *dróttning*.”³⁶⁹ Seria Ás[b]oð a senhora de Qzurr, cujas terras ele administrava? É uma possibilidade, afinal, como vimos na seção sobre relações de gênero, *dróttning* significa senhora (em oposição a escravizada), a mulher do chefe do núcleo familiar, usado para se endereçar a uma mulher de alto status, podendo ser traduzido até mesmo como princesa ou rainha. Dessa forma, podemos conjecturar a partir dessa prestigiosa inscrição que Ás[b]oð seria uma mulher viúva, quem contratou Qzurr para administrar suas propriedades, uma boa senhora que mereceu uma homenagem em pedra.

Na DR 107 (108 cm) temos outro caso de menção a um *landhirðir* de alguém, o que confirma o significado proposto pelos catálogos. Na sua inscrição consta: “Alfkell e seus filhos ergueram a pedra em memória de Manni, seu parente, quem era *landhirðir* de Ketill o Norueguês.”³⁷⁰ Ketill seria um homem conhecido, de alto status social, logo a necessidade de associar Manni ao seu serviço e nomeá-lo na pedra como forma de identificação e como forma de elevar o status do homenageado e dos patrocinadores.



Fig. 44 Pedra rúnica DR 107. © Museu Nacional da Dinamarca.

Landmannr também é uma palavra composta, mas de tradução mais direta. Formada pela junção de *land*, terra, e *maðr*, homem, pessoa, indivíduo. Logo, seria um homem com posses, um magnata com terras, traduzido como *landholder* nos catálogos. Na DR 133 (198 cm) temos um caso de inscrição extremamente prestigiosa, com duas altas gradações de *boni*

³⁶⁹ Qzurr *landhirðir*, Køgis(?) *sonr*, reist rúnar þessar at Ás[b]oð/Ás[m]óð *dróttning*.

³⁷⁰ Alfkell ok hans synir reistu stein þenna ept Manni, sinn frænda, þann's var *landhirðir* Ketils þess norraena.

homines: “Þyrvé e Óðinkárr e Guðmundr, mãe e filhos, estes três ergueram o(s) monumento(s) em memória de ..., o <huþska> (?), ele era o primeiro e o melhor *landmannr* da Dinamarca.”³⁷¹ O nome do poderoso homenageado se perdeu devido ao desgaste do suporte, mas sua elevada posição social permanece registrada. Ele era o primeiro e melhor magnata com terras da Dinamarca (grafada como *Danmørk*), segundo os patrocinadores, e mereceu uma tripla-homenagem, na qual Þyrvé e Óðinkárr e Guðmundr buscaram se associar ao prestígio do falecido, que podemos assumir ser esposo e pai dos patrocinadores.

Também na DR 314 temos um caso de *landmannr* acompanhado de uma gradação de *boni homines*. A pedra cuidadosamente traça a genealogia dos nomeados: “Þorgísl, filho de Ásgeirr, filho de Björn, erigiu estas pedras em memória de ambos seus irmãos, Ólaf e Óttarr, bons *landmenn*.”³⁷² Þorgísl julgou necessário se apresentar como filho de Ásgeirr e neto de Björn, denotando para um núcleo familiar de alto status social e reconhecido. Note como “pedras” está no plural, mostrando que ele ergueu mais de um monumento ou mesmo um conjunto de pedras em formação naviforme. Com impressionantes 396 cm, trata-se da pedra rúnica danesa mais alta, que contém ainda duas pequenas cruzeis isósceles marcando o início e o fim da inscrição e uma grande ornamentação da iconografia da máscara humana,³⁷³ acompanhada de dois lobos. Sem dúvida, uma homenagem extremamente prestigiosa.

³⁷¹ *Þau mæðrgin Þyrvé ok Óðinkárr ok Guðmundr þrj[ú] [r]eist[u] kuml þessi ept ... hinn <huþska>, hann var landmanna beztr i Danmørku ok fyrstr.*

³⁷² *§A Þorgísl, sonr Ásgeirs Bjarnar sonar, reisti steina þessa eptir bræðr §B sína báða, Ólaf ok Óttarr, landmennr góða.*

³⁷³ O motivo da máscara humana permanece sem significado. Alguns pesquisadores associam-no a divindade Óðinn. GRAHAM-CAMPBELL, James. **Viking Art**. Londres: Thames & Hudson, 2013, p. 107.



Fig. 45 Pedra rúnica DR 314. © Museu Nacional da Dinamarca.

7. *Bónði, búmaðr e bryti*

Outros dois títulos associados à posse de terras são *bónði* e *búmaðr*. A posição social *bónði* aparece em seis pedras rúnicas, sendo apenas uma na Jutlândia central (DR 99) e as demais localizadas na Escânia (DR 338; DR 298; DR 317; DR 291 e DR 277). Também *búmaðr* está em um monumento nesta última região (DR 291). Isso pode indicar uma tendência regional de usar esses títulos para indicar a propriedade de uma fazenda. Todas elas datam entre 970 e 1020.

Primeiramente, trataremos da pedra DR 291, pois nela constam os dois títulos em questão. Com 148 cm, sua inscrição diz: “Tonna colocou esta pedra em memória de Bramr, seu *bónði*, e [também colocou] Ásgautr, seu filho. Ele era o melhor *búmaðr* e o mais

generoso com comida.”³⁷⁴ Percebe-se como Tonna e seu filho ergueram uma prestigiosa pedra em homenagem a Bramr, quem era *bónði*, o melhor *búmaðr* e o mais generoso com comida, ou seja, há títulos, gradação de *boni homines* e ainda um elogio especial, destacando as habilidades de anfitrião deste homem. Ao se referir ao marido como seu *bónði*, a mulher estaria dizendo que ele era seu marido e chefe do núcleo familiar, mas o significado do termo vai além disso e merece ser reconhecido esta forma diferenciada de dizer que um homem seria o esposo. Afinal, além desses significados, o *bónði* era um homem de morada fixa, possivelmente que ergueu-se acima do homem comum e também era um fazendeiro. Dessa forma, configura-se uma maneira diferente e mais prestigiosa de mulheres se referirem aos maridos donos de terras. Além disso, Bramr era um *búmaðr*, isto é, fazendeiro, homem que ganha a vida na agricultura, homem que administra seu núcleo familiar com zelo e habilidade. Nota-se, portanto, o quão prestigiosa foi a homenagem, que conta ainda com uma ornamentação de serpente para enquadrar as faixas da mensagem rúnica:



Fig. 10 Pedra rúnica DR 291. © Museu Nacional da Dinamarca.

Trazemos uma segunda exemplificação da posição social *bónði*. A DR 338 possui apenas 112 cm, mas tem uma inscrição complexa: “Sveini colocou esta pedra em memória de Tosti o Afiado, seu pai, *bónði* muito bom. Que quem quer que seja que a quebre, vire um

³⁷⁴ *Tonna setti stein þenna eftir Bram, bónda sinn, ok Ásgautr, sonr hans. Han var beztr búmanna ok mildastr matar.*

*ræta*³⁷⁵ Além do título *bónði*, fazendeiro/chefe do núcleo familiar, conta ainda a gradação “muito bom” de *boni homines*, um epíteto, o que melhor identifica o homenageado de forma que não o confundissem com outro Tosti, e, por fim, há uma maldição com *ræta*, sobre a qual tratamos no capítulo II, na seção a respeito de orações ou preces e maldições, que pode significar: vilão, proscrito, bruxo, malfeitor, vândalo.

Por fim, há ainda o título *bryti*, que pode ser associado à posse de terras, mas não necessariamente. Possui alguns significados: “gerente/capataz de escravos/servos”, (isto é, o escravo em posição mais elevada que os demais)³⁷⁶; “administrador de uma grande fazenda ou monastério” ou “oficial de justiça do rei”; ou seja, três traduções possíveis completamente diferentes em grau de status social. De qualquer forma, trata-se de uma posição privilegiada qualquer que seja o significado escolhido, especialmente nos dois últimos casos (mais prováveis, posto o montante de recursos necessários para erigir uma pedra rúnica), sendo que os catálogos optaram por traduzir como “*steward*”. Ocorre em duas pedras rúnicas: a DR 83 e a DR 40, ambas como epítetos.

A DR 83 tem 180 cm de altura, data entre 970 e 1020, e está localizada na porção central da Jutlândia. Sua inscrição diz: “Auði *Bryti* erigiu essa pedra em memória de Órókia e Kaða, seus dois irmãos. [Seja ele considerado] um perverso e um feiticeiro/bruxo, aquele homem que destruir o memorial”.³⁷⁷ Além da maldição e denominação de posição social por meio do epíteto, note como a mensagem se refere a pedra como um memorial, algo digno de memória – *minni*.

A DR 40 data entre 900 e 970, com 185 cm, e localiza-se na parte sul da Jutlândia. Nela o termo *bryti* aparece duas vezes: “Tófi *Bryti* em memória do ajudante do *bryti*. Durante muito tempo irão estes bordões (i. e. as runas) viver para Þorgunnr.”³⁷⁸ Ao finalizar com uma forma de prece, a mensagem adquire maior importância e confere-se maior poder ao patrocinador, quem se identificou não uma, mas duas vezes como um *bryti*. Sem dúvida, era um homem de destaque na comunidade para assim homenagear um ajudante, despendendo tantos recursos, aproveitando para orgulhosamente demonstrar sua posição social. Sobre o significado de *bryti* nesta pedra, disse Stefan Brink:

In Denmark, rune stones have long been regarded as indicators of power and authority in the landscape and commonly linked to the “aristocracy” and an upper

³⁷⁵ *Sveini setti stein þenna eptir Tosta hinn Skarpa, fǫður sinn, harða góðan bónda. Verði at ræta(?) hvern's of brjóti.*

³⁷⁶ BRINK, Stefan. **Thraldom**: A History of Slavery in the Viking Age. Nova York: Oxford University Press, 2021. p. 147-150.

³⁷⁷ *Auði Bryti reisti stein þenna eptir Órækju ok Kǫðu, bræðr sína tvá [verði] serði ok seiðhretti(?) sá maðr er eyði minni því.*

³⁷⁸ *Tófi Bryti reisti stein þenna ept líka brytja. Þeir stafar munu Þorgunni mjök lengi lífa.*

social stratum, and presumably rightly so, although this generally accepted thesis has recently been— not questioned, but— qualified by Gunhild Øeby Nielsen. Even so, the traditional interpretation, spearheaded by among others Erik Moltke, which is that the term *bryti* in this inscription “should be understood to refer to the king’s bailiff,” is probably correct.³⁷⁹

8. *Tiðenda mann e lagsmaðr*

O título *tiðenda mann* aparece na pedra DR EM85;306, localizada na Jutlândia central e datada entre 970 e 1020. O fragmentado exemplar mede 118 cm de altura e sua inscrição, em versos que criam um paralelismo de palavras, diz: “Þorgunnr, filha de Þorgautr, filho de Þjóðulfr, colocou essa pedra em memória de Bósi, seu esposo, *tiðenda mann*, <muar> filha. Seu esposo. A gravidade do evento irá lamentar [de Þorgautr(?)] a filha.”³⁸⁰ Þorgunnr cuidadosamente descreveu sua linhagem, algo prestigioso, ao mencionar o nome de seu pai e de seu avô, na sua homenagem ao marido, o *tiðenda mann*. Aliás, *tiðendi* (subst. n., gen. e ac. *tiðenda*) aparece duas vezes na pedra, no primeiro caso para denotar o título do marido, com o significado de notícias, novidades importantes, ou seja, *tiðenda mann* é o homem das notícias, traduzido como arauto; no segundo caso com o significado de evento. Nota-se como a pedra demonstra o poder do núcleo familiar com a demonstração de linhagem, com a mensagem paralelística, com a presença do título e ainda, poderíamos dizer que há uma demonstração de afeto na frase final.

Contudo, antes de passarmos à análise do próximo monumento, gostaríamos de chamar a atenção como há muitas pedras com títulos na porção norte e na porção central da península da Jutlândia, ou seja, próximas ao complexo régio de Jelling, na concentração centro-leste, ressaltada no primeiro capítulo. Além disso, a maior parte dos títulos (e todos os casos de *boni homines*) datam entre 900 e 1020, grosso modo, o período de reinado das três primeiras gerações da dinastia Jelling. Este fato pode apontar para a distribuição de títulos por esses monarcas.

A posição social *lagsmaðr* consta apenas na pedra memorial DR 62, também na Jutlândia central e também datada entre 970 e 1020. *Lagsmaðr* é uma palavra composta de *lag* (subst. n.) e *maðr* (subst. m.), homem. *Lag* possui muitos significados, entre eles: “o que é colocado em algum lugar com algum propósito”; “posição que uma pessoa ou coisa ocupa em relação ao seu entorno ou em relação a outros”; “posição em que algo deveria estar”; “sociedade entre pessoas que estão em mútua relação ou posição umas com as outras”. Já o

³⁷⁹ BRINK, Stefan. **Thraldom: A History of Slavery in the Viking Age**. Nova York: Oxford University Press, 2021. p. 151.

³⁸⁰ §A Þorgunnr, Þorgauts dóttir, Þjóðulfs sonar, setti stein þenna eptir Bósa, §B ver sinn, *tiðenda mann*, <muar> ... dóttur. §B ver sinn. *Tiðenda mun munr h[arma] [Þorgauts(?)] dóttur*.

substantivo *lagsmaðr* tem sentido de “homem que está em companhia com alguém”; “companheiro”; “camarada”, e foi assim traduzido nos catálogos: “Freysteinn colocou essa pedra em memória de Gyrðr, seu *lagsmaðr* (camarada), irmão de Sigvaldi, ... do Tveggi no ... istmo/charneca.”³⁸¹ O homenageado tem sua linhagem definida, identificando seu irmão, além de uma possível identificação das circunstâncias ou local de sua morte. Mas por que Freysteinn se referiu a ele como *lagsmaðr* e não disse que estavam em *félag*³⁸², por exemplo? Acreditamos que foi uma tentativa de mostrar-se um igual, homem do mesmo status social que Gyrðr, alguém importante e reconhecido, caso contrário não teria sido homenageado pelo companheiro e não teria sua linhagem especificada. A complexa inscrição é acompanhada da iconografia da máscara humana, o que aumenta o prestígio e a exibição ostensiva de poder desta pedra:



Fig. 11 Pedra rúnica DR 62. © Museu Nacional da Dinamarca.

9. *Smiðr*

Há quatro pedras rúnicas que mencionam a posição social *smiðr*, artesão, todas datadas entre 970 e 1020, sendo que três dessas mencionam um mesmo homem, Tófi *Smiðr*,

³⁸¹ *Freysteinn setti stein þenna eft Gyrð, lagsmann sinn, bróður Sigvalda, Tveggja(?) á ... heiði/eiði.*

³⁸² Tratamos brevemente da *félag* na seção sobre graus de relacionamento no capítulo II e voltaremos a tratar no final deste capítulo.

aparecendo como seu epíteto. Ser um artesão era ter um ofício especializado e extremamente valorizado no período medieval, não somente na Escandinávia.³⁸³ Estudos sobre essa camada social fazem analogias com o trabalho dos *skáld*, os “poetas de corte” (mencionados na introdução deste capítulo), e pode-se propor uma analogia semelhante para os escultores de runas, pois há intersecções entre esses trabalhadores especialistas, como argumentou Renan Marques Birro.³⁸⁴

Não apenas na esfera nórdica, mas outras tradições pertencentes ao círculo indo-europeu associaram a criação poética com objetos físicos, que deveriam ser igualmente martelados e forjados. Nessa relação, eles buscavam equiparar-se, em termos de status, a ferreiros e outros trabalhadores manuais (MILLWARD, 2014: 113-115). Especificamente para o caso escandinavo, verbos como *smíða* (forjar), *stofna* (trabalhar [com madeira]) e *faeja* (colorir, polir) foram expressões usadas não apenas para aludir às tarefas dos ferreiros e carpinteiros, mas também para a tarefa dos *skald* (GADE, 1995: 2). Provavelmente, artistas das estelas, cruzes e lajes de pedra também cederam termos, prestavam-se a colaborações e interagiam nesses ambientes cercados por homens com habilidades desejáveis e diversas.³⁸⁵

A partir das pedras rúnicas com o termo *smiðr* podemos assumir que, muitas vezes, esses artesãos (assim como os escultores de runas e os *skáld*) estavam sujeitos a trabalharem sob os auspícios de um núcleo familiar específico. Isso denota claramente o poder e prestígio social desses núcleos, mas também indica o mesmo para os trabalhadores, que poderiam gozar, possivelmente, de maior estabilidade, ao menos no sentido de locomoção, pois, como indicamos no primeiro capítulo, os runógrafos geralmente perambulavam pela Escandinávia oferecendo seus serviços.

A primeira pedra memorial dos *smiðar* que gostaríamos de analisar é a DR 108. Ainda que fragmentada, possui impressionantes 198 cm e conta ainda com uma ornamentação espiralada no topo, que parece fazer parte de alguma imagem, que foi perdida na fragmentação. A inscrição diz: “Tosti, *smiðr* de Ásviðr, erigiu essa pedra em memória de Tófi, seu irmão, que morreu no Leste.”³⁸⁶ Como apontado na inscrição, Tosti provavelmente servia ao núcleo familiar de Ásviðr, e fez questão de mencionar o fato. Isso eleva o prestígio e poderio de ambos, e por consequência, do homenageado, Tófi. Além disso, há o acréscimo da circunstância de morte deste, o que torna a pedra ainda mais complexa e prestigiosa.

³⁸³ BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 137.

³⁸⁴ BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 5.

³⁸⁵ BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 5.

³⁸⁶ *Tosti reisti stein þenna ept Tófa, er varð dauðr austr; bróður sinn, smiðr Ásviðar.*



Fig. 12 Pedra rúnica DR 108. © Museu Nacional da Dinamarca.

Tófi *Smiðr* é uma personagem muito interessante, pois além de ser um artesão e runógrafo e um homem bastante rico, (posto que patrocinou duas complexas pedras rúnicas e foi mencionado em uma terceira), foi um homem escravizado em algum momento de sua vida. Este fato foi atestado em seu próprio monumento, na DR 58, com 157 cm e ornamentada com uma cruz pátea no centro, cuja mensagem diz: “Tóki *Smiðr* erigiu essa pedra em memória de Þorgísl filho de Guðmundr, quem lhe deu ouro(?) e liberdade.”³⁸⁷ Tóki homenageou o homem que lhe deu riquezas e mais importante, a liberdade, e fez questão de mencionar a linhagem paterna do homem em questão. Podemos, portanto, assumir que Þorgísl foi senhor do artesão, para ser capaz de libertá-lo. Provavelmente, Tóki já possuía esse ofício enquanto escravizado, o que atesta para a possibilidade de escravos assumirem “profissões” importantes naquelas comunidades.

In the inscription on the Høring stone [DR 58] there is, for sure, no term that may be translated as ‘thrall’ [slave]; instead, it emerges that a person, Toki smith, was “freed,” that is, he was given freedom by his master, Thorgisl. This inscription is historically very significant. A blacksmith was often a well-esteemed craftsman. [...] What we get here, then, is proof that a smith could be a thrall. That a pure work thrall, at the bottom of society, should raise a rune stone, even if he had been freed, does not seem plausible. Instead, this Toki smith must be reckoned as having a fairly stable social status. This notion is strengthened by the fact that the same Toki

³⁸⁷ *Tóki Smiðr reisti stein ept Þorgísl Guðmundar son, er honum gaf gull(?) ok frelsi.*

smith appears to have raised yet another rune stone, the Grensten stone (DR 91) at Middelsom in Jutland, [...].³⁸⁸

A segunda pedra de Tóki *Smiðr*, a DR 91, possui 153 cm de altura e uma ornamentação espiralada que está fragmentada. Sua inscrição diz: “Tóki *Smiðr* erigiu esta pedra em memória de Hrifli, filho de Ásgeirr filho de Björn. Deus ajude suas almas.”³⁸⁹ Primeiramente, Tóki não deixou clara qual era sua relação com o homenageado, mas mencionou o pai desse e ainda, seu avô, esclarecendo sua linhagem. Em segundo lugar, temos a fórmula da oração as almas, que, em conjunto com a cruz pátea da DR 58, torna evidente que Tóki era um homem convertido ao cristianismo.

Por fim, Tóki o Artesão é mencionado na DR AUD1996;274 como o responsável por gravar as runas. Com a grande altura de 225 cm, a mensagem rúnica diz: “Þórgunnr filha de Kǫrlungr's/Kǫrungr erigiu essa pedra em memória de Þórir, seu esposo, filho de Þólf, de St... E Tófi *Smiðr*, seu parente, cortou [essa pedra]. [Que essa] pedra ... desse lugar e(?) Ingulfr (?).”³⁹⁰ Aqui a relação entre Tóki e o homenageado é descrita, pois ele era seu parente. Dessa forma, assumimos que, na verdade, ainda que provavelmente tenha sido escravizado, Tóki veio de um núcleo familiar prestigioso, uma vez que a esposa de seu parente tinha recursos o suficiente para erigir uma elaborada pedra rúnica. Chamo a atenção como as linhagens foram cuidadosamente descritas nesse monumento.

³⁸⁸ BRINK, Stefan. **Thraldom**: A History of Slavery in the Viking Age. Nova York: Oxford University Press, 2021. p. 107.

³⁸⁹ Tóki *Smiðr* reisti stein þenna eptir Hrifla, son Ásgeirs Bjarnar sonar. Guð hjalpi þeira sálu.

³⁹⁰ §A Þórgunnr Kǫrlungs/Kǫrungrs dóttir reisti stein þ[enna](?) ept Þóri, ver sinn, Þólfs son, á St... En Tófi *Smiðr* hjó, frændi hans. Steinn ... óiltr/viltr(?) ór stað, en(?) §B Ingul[fr](?) ...



Fig. 13 Pedra rúnica DR 58. © Museu Nacional da Dinamarca.

10. *Sveinn* e *maðr*: casos de possíveis escravizados?

Há duas pedras que levantam a possibilidade de tratarem de homens escravizados ou, uma segunda hipótese, poderiam ser *drengjar* (homens jovens e guerreiros, cf. seção específica): a DR 344, onde consta o termo *sveinn*, que pode ser traduzido como “garoto”, “rapaz” (no ing. *lad*), “servo” ou “escravo”; e a DR 90, na qual consta a expressão *maðr Sveins*, i. e., “o homem de Sveinn”, Sveinn sendo o rei Sveinn Haraldsson.

A DR 344 data entre 1050 e 1100, ou seja, período posterior aos reinados de Jelling, podendo ser caracterizada como uma pedra do início do fim do costume de erguer pedras memoriais na Dinamarca, cujo declínio de facto ocorre entre os séculos XII e XIII, com pouquíssimos exemplares podendo datar posteriormente. Possui 171 cm de altura e está ornamentada com um típico design de serpente, característico das pedras rúnicas suecas. Sua inscrição diz: “Björngeirr mandou erguer essa pedra em memória de Hrafn, seu irmão, que foi *sveinn* de Gunnulfr na Suécia.”³⁹¹ Trata-se de uma pedra complexa, não somente pelo uso do termo *sveinn*, de difícil tradução, mas por conter o uso da construção “verbo *láta* + verbo no infinitivo”, tratada no primeiro capítulo, também conter elaborada ornamentação e indicar

³⁹¹ *Bjarnger let resa sten þænna æftir Rafn, broþur sin, swen Gunu[l]fs a Sweþiuþu.*

de quem Hrafn era *sveinn* e onde. Note como a mensagem identifica “na Suécia”, mesmo sendo uma pedra da região da Escânia. Essa denotação “a parte” provavelmente representa como esta região era considerada domínios daneses, logo, fez-se necessário esse uso do topónimo. Sobre o termo *sveinn*, escreveu Brink:

The word *sveinn/ sven* (< **swaina-*) is a very old formation corresponding to PIE [Proto Indo-European] **sui-* *no-*, whose stem is a locative form of the reflexive pronoun **sve*, **svo* ‘own’ (cf. Latin *suus* ‘own’), with the meaning ‘one who is owned’. An earlier meaning of *sveinn/ sven* would then have been ‘one belonging to the house’, which goes well with both a young lad and a thrall. We thus find here a complete spectrum of meaning ranging from ‘thrall, servant’ via ‘lad, young man’ to ‘warrior’.³⁹²

Como vimos na pedra rúnica de Tóki o Artesão, ser um homem escravizado não significava ser impedido de patrocinar ou ser homenageado em pedras rúnicas. Dessa forma, é possível conjecturar que Hrafn era um servo ou escravo de Gunnulfr, que morava na Suécia.

Já na DR 90 temos um caso mais duvidoso de homem escravizado, cuja inscrição diz: “Ásgautr filho de Viði, ... o homem de Sveinn, erigiu essa pedra ... em memória de(o) Broðir/irmão.”³⁹³ *Maðr*, como já mencionamos, significa homem, pessoa, indivíduo. Contudo, os dicionários usados também indicam que pode significar “homem no serviço de alguém”, “homem em uma relação de confiança com alguém”. Seria Ásgautr um escravo ou apenas um homem sem título à serviço do rei Sveinn Haraldsson? A segunda opção é mais provável, mas devido a peculiar construção “homem de Sveinn”, único caso do uso de *maðr* nessa forma do *corpus* danês, julgamos possível conjecturar que tratava-se um possível homem escravizado.

11. *Mæster e ærkibiskop*

Por fim, antes de tratarmos dos *boni homines*, julgamos necessário indicar dois usos de títulos ou posições sociais associados ao período de declínio do costume de erguer pedras rúnicas e a contextos claramente cristãos. O primeiro caso trata-se da pedra DR 165, localizada no norte da Jutlândia, datada entre 1150 e 1175 e com 20 cm de altura, cuja inscrição diz: “*Mæster* [mestre] Tofi me fez.”³⁹⁴ Todavia, após transliterada de runas para o alfabeto latino, a mensagem não está na língua nórdica antiga (Old Norse), mas sim, em latim, portanto, trata-se de um sincretismo cultural. Qual posição social exatamente estava o mestre

³⁹² BRINK, Stefan. *Thraldom: A History of Slavery in the Viking Age*. Nova York: Oxford University Press, 2021. p. 163.

³⁹³ *Ásgautr Viða sonr, ... maðr Sveins, reisti stein ... ept bróðu[r] ...*

³⁹⁴ *§A Mæster Tofi me §B fecit ...*

Tofi, é difícil precisar, contudo. Seria um mestre escultor de runas? Seria um clérigo ou missionário? Não podemos afirmar.

O segundo caso é a DR 347, datada entre 1178 e 1214 e com impressionantes 206 cm de altura. Sua inscrição diz: “Possa Cristo filho de Maria ajudar aqueles que fizeram a igreja, Absalon ærkibiskop [arcebispo] e Ásbjörn o Focinho.”³⁹⁵

12. *Boni Homines* ou *góðan menn*

Birgit Sawyer identificou que a escolha por indicar certas qualidades nas inscrições não estava necessariamente ligada a uma qualidade literal dos nomeados nas pedras rúnicas. Mas representava uma espécie de quantificação e reforço do título ou posição social do homenageado na comunidade, entre os membros da elite e entre aqueles pares que possuíam tal título, já que geralmente vem acompanhado da menção deste. Ou seja, aquele que recebeu, por exemplo, o qualificativo *góðr* ‘bom’ não significa que era uma pessoa particularmente bondosa ou generosa, mas possivelmente que era boa no cargo ou ocupação que exercia. Isso explicaria os diferentes graus de “bondade” dos *boni homines* nas inscrições.³⁹⁶

Segundo Maria del Carmen Carle, a definição de *boni homines* é bastante variada, e depende de cada contexto estudado. Em seu artigo *Boni homines y hombres buenos*, de 1964, Carle traz uma listagem de definições, segundo diferentes estudiosos da idade média europeia:

[...] von Heineman: los notables del lugar, los libre propietarios territoriales, primeiro, y luego la nobleza ciudadana; Salvemini: habitantes notables, en un pequeño distrito rural, herreros o mesnadas; en la ciudad pertenecían a las familias más ricas y más considerables. Para Bandi di Vesme: aristocracia ciudadana formada durante el reino longobardo por la fusión de los curiales con los *honorati* y los *possessores*, a los que se sumaron algunos nobles longobardos; para Gabotto, propietarios libres, los únicos que, según los capitulares carolingios, podían testimoniar; también para Leicht, libres poseedores, a los que incorpora algunos *vassi* del obispo o del conde; para Sella, personajes notables, en ascenso; para Mayer, se trata de una “clase, jurídicamente amplia, indeterminada, de la mejor gente”; Pontiere cree que formaron en la Italia bizantina, “la aristocracia territorial ‘los boni homines’ de los documentos, que adquirieron una mediodía de Italia en los siglos posteriores de su historia”.³⁹⁷

As diferenciações em grau dos “homens bons”, ou seja, aqueles aptos, com a virtude para governar, revelam uma preocupação em qualificar, memorar e associar-se à fama desses homens. E aponta também, para uma forma de estabelecerem níveis de força, de medirem, negociarem ou competirem em “bondade”, isto é, em “qualidade para governar”, por meio

³⁹⁵ *Krist Mario sun hialpi þem, ær kirkiu ... [g]ærþo/[g]ærþi, Absalon ærkibiskop ok Æsbiorn Muli.*

³⁹⁶ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia.** Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 107-110.

³⁹⁷ DEL CARMEN CARLE, Maria. *Boni homines y hombres buenos.* **CHE**, v. 33, n. 40, 1964, p. 134.

das pedras rúnicas. Há na categoria de *boni homines* 53 pedras rúnicas ou 19,34% do *corpus*, que dividem-se nas subcategorias: *góða*, “bom” como um epíteto, que ocorre em 4 pedras; *góðan* ou “bom” acompanhado de filiação ou de título em 20 exemplares; *harða góðan* ou “muito bom” em 17; *algóðr* ou “todo-bom” em 2; *beztr* ou “melhor” em 5; *fyrst* ou “primeiro” em 2; e ainda 3 pedras com formas mais específicas de qualificar, *dýrr* ou “valioso” na DR 81, *heiðverðan* ou “honrado” na DR 209, e *hollan* ou “fiel” na DR 295.

Uma evidência observada nas pedras rúnicas danesas que corrobora a ideia dos *boni homines* em seu estabelecimento de graus de força de autoridade política pelo adjetivo “bom”, é o fato de haver somente um caso em que aparece *góðr* para qualificar uma mulher, na pedra rúnica DR 212, já mencionada anteriormente na seção sobre a fórmula memorial. Trata-se daquela inscrição com dupla homenagem, de Áskell, filho de Súlki, para si mesmo, e de Tóki para sua madrasta Þóra, uma “boa esposa”.³⁹⁸ Poderíamos citar também a pedra DR 140, na qual o viúvo Qnundr usa o qualificativo “amada” para se referir à esposa, mas não achamos que este possa ser um exemplo de *bona femina*, como poderia ser no caso da DR 212. Para considerarmos a hipótese de ser possível aplicar a tese de *boni homines* para as pedras de mulheres, admitimos ser necessário investigar todo o *corpus* de pedras rúnicas escandinavas em busca de paralelos a esse caso danês, aqui tratado.

³⁹⁸ §A Áskell Súlka sonr lét reisa stein þenna ept sjalfan sik. Æ mun standa, með steinn lifir; vitrind sí, er vann Áskell. §B Kristr hjalpi sál hans ok sankta Mikjáll. §C Tóki risti rúnar eptir [Þ]óru, stjúpmodur sína, **konu góða**.

Conclusão

O costume de erguer pedras rúnicas se espalhou pela Escandinávia com grande variação na distribuição regional e durou entre os séculos VIII e XIII. O ápice de produção desses monumentos foi entre os anos de 970 e 1020, tornando-se pertinente uma investigação sobre uma possível associação com o período dos reinados da segunda, terceira e quartas gerações da dinastia Jelling, quando nosso interesse diz respeito ao *corpus* de pedras rúnicas danesas, que soma 211 exemplares. A grande maioria dos monumentos desse intervalo de tempo está na parte central da Jutlândia, com 61 exemplares, ou seja, próximos ao conglomerado de pedras rúnicas presente da parte centro-leste da península e relativamente próximos às pedras de Jelling (porção sul da Jutlândia). A segunda região com mais exemplares datados entre 900 e 1020 trata-se da região sueca de Escânia, onde encontram-se 60 pedras.³⁹⁹ Esse fato pode possivelmente indicar uma influência danesa e dos governantes Jelling, que passaram a dominar indiretamente a Escânia a partir do reinado de Haraldr Gormsson, ainda que pudessem ter influência na região anteriormente.⁴⁰⁰

É possível perceber nas pedras rúnicas daquele intervalo de tempo mais comemorações e/ou um aumento no número de homens com cargos ou títulos sociais e/ou militares⁴⁰¹ em comparação aos períodos anterior, com 33 pedras,⁴⁰² e posterior, com 28 exemplares,⁴⁰³ o que aponta para negociações de poder na paisagem, por meio desses monumentos. Como esses títulos relacionam-se (ou não) à afirmação do poder régio dos Jelling, foi um ponto investigado nesta pesquisa. Ainda que o costume de erguer pedras não tenha se iniciado com a dinastia, seu impacto é perceptível no costume como um todo, como no aumento no número de títulos ou no uso da fórmula memorial. É relevante o fato que somente na Dinamarca reis e rainhas erigiram monumentos, sendo quatro deles membros da dinastia. Além disso, há associações mais diretas, como nas várias representações da grande fera, primeiramente expressa na grande pedra rúnica de Jelling, denotando a circulação dessa iconografia.

Nesse sentido, analisamos também como a presença do verbo “*láta*” + verbo no infinitivo nas fórmulas memoriais padrão, “X” erigiu essa pedra/monumento(s) em memória

³⁹⁹ As outras pedras rúnicas datadas entre 900 e 1020 distribuem-se da seguinte forma: 10 no sul da Jutlândia, 5 em Lolland-Falster, 4 na Zelândia, 2 em Schleswig-Holstein e 21 no norte da Jutlândia.

⁴⁰⁰ ROESDAHL, Else. The emergence of Denmark and the reign of Harald Bluetooth. In. BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The Viking World**. Nova York: Routledge, 2008, p. 652.

⁴⁰¹ Há 85 pedras com títulos ou posições sociais datadas entre 900 e 1020.

⁴⁰² Das quais apenas 4 possuem títulos, 3 na Fíônia e 1 na Zelândia.

⁴⁰³ Dos quais somente 2 possuem títulos, localizados na Escânia.

de “Y”, que passam a significar “X” mandou erigir essa pedra/monumento(s) em memória de “Y”, conferem uma forma de agência diferenciada aos patrocinadores, sendo assim, uma maneira mais prestigiosa de inscrição. Semelhantemente, buscamos evidenciar como a presença de títulos e do qualificativo “bom” dos *boni homines* ou *goðan menn* nas pedras representam uma forma de impor maior destaque e poder aos nomeados nesses monumentos, tornando as pedras mais ostensivas e relacionando-as estritamente a membros mais abastados das elites, àqueles homens, majoritariamente, que possuíam posições de destaque entre as comunidades escandinavas e entre seus pares.

Há uma enorme concentração de monumentos nas regiões suecas, com quase 2700 pedras rúnicas, a maioria em Uplândia. Contudo, runólogos acreditam, devido a datação relativa dos monumentos e provável padrão de distribuição, que o costume de erigir pedras rúnicas teria se espalhado entre as elites escandinavas a partir da padronização da inscrição formulaica⁴⁰⁴ feita pela elite danesa na península da Jutlândia. O paradigma explicativo das pedras rúnicas e provável pedra que colaborou em propagar a tendência de se erguer pedras memoriais é a grande pedra rúnica de Jelling, patrocinada pelo rei Haraldr Gormsson, na qual homenageou seus pais, e vangloriou-se de ser aquele “que ganhou para si a Dinamarca toda e a Noruega, e fez os daneses cristãos”. Entre 950 e 1030 o costume teria se espalhado da Dinamarca à Noruega e Sul da Suécia, enquanto na região de Uplândia e na ilha de Boríngia, o costume se manteve até o início do século XIII.⁴⁰⁵

Ao longo desta dissertação, buscamos demonstrar como as pedras rúnicas são valiosas evidências para investigar as relações de poder entre as elites, a formação de redes de alianças, – como nos casos de mais de uma pedra rúnica mencionar uma mesma pessoa ou núcleo familiar –, e as formas de afirmação do poder régio danês. Esses foram problemas investigados nesta pesquisa, que também se preocupou em apontar como diversos graus de poderes, de diferentes membros abastados da sociedade danesa, foram comemorados e marcados na paisagem. nesse sentido, buscamos evidenciar a complexificação da estratificação das camadas sociais mais abastadas na Dinamarca entre os séculos VIII e XIII.

As pedras rúnicas constituem elemento essencial na paisagem danesa, e, como tal, convergem três temporalidades. Remetem ao passado, pois homenageiam e comemoram pessoas falecidas, às quais os patrocinadores buscam associar-se por seu prestígio e *locus* social. Remetem ao presente, pois são afirmações aos contemporâneos do poder e posição

⁴⁰⁴ Expressões formulaicas são arranjos de palavras que são associáveis nas mentes de todos e são recorrentemente repetidas em uma ordem, segundo Tannen & Özbek (1981:37).

⁴⁰⁵ SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia**. Nova York: Oxford University Press, 2000, p. 10-11.

social dos nomeados no monumento, e, além disso, inserem-se nas negociações políticas entre as elites escandinavas, ao demonstrarem, por exemplo, associação ou dissociação ao poder régio da nova dinastia, que estava se firmando, ou à nova religião cristã em ascensão, promovida pelos próprios reis de Jelling. Também remetem ao futuro, como marcos permanentes na paisagem, asseguram o prestígio social do núcleo familiar responsável pelo monumento e garantem uma documentação de seu poder e ancestralidade, que poderia ser usado posteriormente como referência em disputas sucessórias por direitos, títulos e heranças. Os membros da dinastia Jelling usaram-se dos monumentos rúnicos para marcarem na paisagem seu poder e prestígio, e, ao que indica as conclusões dessa pesquisa, impactaram no costume de erguer pedras memoriais ao inserirem elementos novos ou particulares e imprimirem individualidades em cada uma de suas pedras.

Por fim, intentamos relacionar o momento ápice do fenômeno de erguer pedras rúnicas com o período de instauração das três primeiras gerações da dinastia Jelling, a saber, Gormr o Velho, Haraldr Gormsson ou Dente azul, e Sveinn Haraldson ou Barba bifurcada, que reinaram entre os anos de 936 e 1014. É notório a coincidência entre o aumento no número de pedras rúnicas e o reinado desses Jelling, especialmente quando observamos o aumento no número de monumentos com títulos e pedras classificadas como *Boni homines* (neste último caso, todas datam entre 970 e 1020). Isso pode indicar para uma “profissionalização” do exército e maior competitividade entre as elites danesas, seja em aliança, seja em discordância ao novo poder régio dos Jelling, que então se estabelecia na Dinamarca. Vimos, por exemplo, como o rei Sveinn comemorou o falecimento de seu *heimþegi*, título de alto escalão, que morreu em uma importante batalha em Hedeby aos serviços do monarca. Do mesmo modo, analisamos como os reis Gormr e Haraldr buscaram estabelecer uma ligação direta entre suas memórias e o estabelecimento do reino da Dinamarca, ao evidenciarem este topônimo em suas pedras rúnicas.

Restou a pergunta: por que Sveinn Haraldsson não erigiu uma pedra rúnica comemorando seus pais, dando sequência às pedras rúnicas de Gormr, a DR 41, e a de seu pai Haraldr, a DR 42, e sequer identificou-se como filho de Haraldr em sua pedra rúnica? Em nossa opinião, aquém da possibilidade de um atrito ou guerra sucessória entre eles, ideia difundida em fontes narrativas posteriores e que afetaria seu desejo de homenagear diretamente seu pai, que com as três pedras rúnicas de seus antepassados, DR 41, DR 42 e DR 55, o rei Sveinn julgou que a legitimação de sua linhagem e a memória dinástica de Jelling já estavam suficientemente bem marcados na paisagem e nas relações políticas do seu período. Dessa forma, ele buscou, então, expandir seu poder e denotar sua centralidade por

outras vias: ao demonstrar sua associação e autoridade sobre outros membros da elite, isto é, aos *heimpegiar*, alto escalão militar e magnatas com terras, corpo político ascendente em seu período, graças, especialmente, a sua conquista da Inglaterra. Todavia, o local escolhido para erigir sua pedra também era bem próximo da pedra da rainha Tófa (e das pedras em homenagem ao rei Sigtrygg Gnupasson), o que não parece ser coincidência e, assim, não deve ser ignorado. Como busquei demonstrar, a pedra da rainha teve importância primordial no processo de demarcação da centralidade e da memória dinástica de Jelling.

As pedras memoriais são monumentos ostensivos das elites, reservado aos membros mais abastados das sociedades escandinavas. Toda rede de trabalhos especializados necessários, assim como o montante de recursos a serem despendidos, apontam para este fato. No caso das regiões dinamarquesas, há ainda a probabilidade dos grandes blocos de granito terem sido importados de outras localidades, como da Suécia e da Noruega, posto que, ao que tudo indica, não havia nelas pedreiras capazes de fornecer as matérias-primas necessárias.⁴⁰⁶

As pedras rúnicas desempenharam um papel essencial na comunicação, propagação e negociação de alianças sociais diversas, sejam matrimoniais, militares, econômicas ou religiosas. As elites locais confrontadas com as mudanças nas relações de poder, o estabelecimento de uma nova dinastia régia e a expansão da fé cristã, exibiram ostensivamente seu poder e status por meio desses monumentos, possivelmente marcando na paisagem, também, uma oposição ou uma aliança ao ascendente poder régio. Buscavam, portanto, registrar permanentemente na paisagem danesa seu prestígio e locus sociais, talvez, também, direitos sobre terras ou bens – associados à exibição e transferência de títulos em determinado núcleo familiar –, e o apoio ou rejeição aos missionários e religião cristã, entre outras possíveis reivindicações de poder e alianças. O aspecto mnemônico e memorial das pedras rúnicas foi explorado, e defendemos que esses iam/vão além da simples comemoração, conforme foi inscrita na sua superfície, mas abarcam seu efeito material, artístico, corpóreo e paisagístico.

⁴⁰⁶ OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, 2007, p. 58-60.

Bibliografia

ABRAMS, Lesley. **Diaspora and Identity in the Viking Age**. In *Early Medieval Europe*. No. 20 (I). Blackwell Publishing Ltd., 2012. p. 19-38.

ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony: The World System A.D 1250-1350**. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1989.

ADAM BREMENSIS. **Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum**. SCHMEIDLER, Bernhard (Ed.). MGH Scriptorum rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi, SS rer. Germ. 2. Hannover: Impensis Bibliopoli Haniani, 1917.

ADAMS, Jonathan; HOLMAN, Katherine (Ed.). **Scandinavia and Europe 800–1350: Contact, Conflict, and Coexistence**. Turnhout: Brepols, 2004.

ALCOCK, S. E.; VAN DYKE, R. M. (Eds.). **Archaeologies of Memory**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

ALDROVANDI, C. E. V. A imagética pretérita: perspectivas teóricas sobre a Arqueologia da Imagem. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 19, 2009. pp. 39-61.

ANTONSSON, Haki. Traditions of Conversions in Medieval Scandinavia: a Synthesis. In **Saga Book**. Londres: University College London Press, 2010. pp. 25-74.

BAGGE, Sverre. **Cross and Scepter: The Rise of the Scandinavian Kingdoms from the Vikings to the Reformation**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

BAGGE, Sverre. **Kings, Politics, and the Right Order of the World in German Historiography: c. 950-1150**. Leiden: Brill, 2002.

BALME, Jane; PATERSON, Alistair (Eds.). **Archaeology in Practice: A Student Guide to Archaeological Analyses**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

BARNWELL, Timothy. **Missionaries and Changing Views of the Other from the Ninth to the Eleventh Centuries**. 2014. 135 f. Tese (Doutorado em Filosofia)—Escola de História, Universidade de Leeds, 2014.

BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (Eds.). **El mundo nórdico medieval: una introducción**. Buenos Aires: Luciana Mabel Cordo Russo, 2017.

BEREND, Nora (Ed.). **Christianization and The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BIBLIA SACRA VULGATAE. HEUTZENAUER, Michael (Ed.). Cincinnati: Iussa Recognita et Clemens VIII Auctoritate Edita, 1914.

BIRRO, Renan Marques. **As representações de Sigurðr Fáfnisbani nas cruzes da Ilha de Man (séculos X-XI)**. 2017. 384 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BIRRO, Renan M.. Uma brevíssima introdução sobre as runas e o estudo das runas. **Fato & Versões**, v. 3, p. 1-14, 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOYER, Régis. **Le Christ des barbares, le monde nordique (IX-XIII siècle)**. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1987.

BOYER, Régis. **Les Vikings: Histoire et civilisation**. Paris: Perrin, 2004.

BRINK, Stefan. Verba Volant, Scripta Manent? Aspects of Early Scandinavian Oral Society. In HERMANN, Pernille (Ed.). **Literacy in Medieval and Early Modern Scandinavian Culture**. Odense: University Press of Southern Denmark, 2005, p. 77-135.

BRINK, Stefan; PRICE, Neil. (Orgs.). **The Viking World**. Londres: Routledge, 2012.

BROWN, Peter. Trad.: Eduardo Nogueira. **A ascensão do cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BROWSER, B. J.; ZEDEÑO, M. N. **The Archaeology of Meaningful Places**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2009.

BRUNEAU, Philippe. De L'Image. In Ramage. **Revue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie générale**, fascicule 4. Paris: Centre d'archéologie moderne et contemporaine de l'Université de Paris-Sorbonne, 1986. pp. 249-95.

BYOCK, Jesse L. **Viking Language 1: Learn Old Norse, Runes, and Icelandic Sagas**. Oslo: Jules William Press, 2013.

CÂNDIDO DA SILVA, M. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-19, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160970. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970>.

CARVER, Martin. (Ed.). **The cross goes north: processes of conversion in northern Europe, AD 300–1300**. Woodbridge: York Medieval Press, 2003.

CASSIRER, E. **The Philosophy of Symbolic Forms**. Vol. I-III. New Haven: Yale University Press, 1953-57.

CHRISTIANSEN, Eric. **The Works of Sven Aggesen: a Twelfth-Century Danish Historian**. Londres: University College & Viking Society for Northern Research, 1992.

COLLINS, Rogers. **Early Medieval Europe 300-1000**. Londres: Macmillan Education LTD, 1991.

CORMACK, Robin. But is it Art? In: HOFFMAN, Eva Rose (ed.). **Late Antique and Medieval Art of the Mediterranean World**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 301-314.

CRUMLEY, Carole. New Paths into the Anthropocene: Applying Historical Ecologies to the Human Future. *In*. ISENDAHL, Christian; STUMP, Daryl (Eds.). **The Oxford Handbook of Historical Ecology and Applied Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

DANIELSSON, Ing-Marie Back. More Theory for Mortuary Research of the Viking World. **European Journal of Archaeology**, n. 19, v. 3, 2016.

DANIELSSON, Ing-Marie Back. The Social Qualia Of Kuml: An Exploration of the Iconicity of Rune-Stones with Kuml Inscriptions from the Scandinavian Late Viking Age. **Current Swedish Archaeology**, Uppsala, v. 23, 2015, p. 157-178.

DANIELSSON, Ing-Marie Back. Walking Down Memory Lane: Rune-Stones as Mnemonic Agents in the Landscapes of Late Viking-Age Scandinavia. *In*. WILLIAMS, Howard, et. al. (Eds.) **Early medieval stone monuments: Materiality, biography, landscape**. Woodbridge: Boydell Press, 2015.

DAVID, Bruno; THOMAS, Julian (Eds.). **Handbook of landscape archaeology**. Nova York: Routledge, 2016.

DEL CARMEN CARLE, Maria. Boni homines y hombres buenos. **CHE**, v. 33, n. 40, p. 133-168, 1964.

DEL ZOTTO, Carla. Considerazioni Iconografiche sulla Grande Pietra Runica di Jelling (Danimarca). **Rivista di cultura classica e medioevale**, n. 2, 2008, p. 375-383.

DYGGVE, E.. The Royal Barrows at Jelling Excavations made in 1941, 1942 and 1947, and finds and findings resulting therefrom. **Antiquity**, Cambridge, 22 (88), 1948, p. 190-197.

DOBAT, Andres Siegfried. The State and the Strangers: The Role of External Forces in a Process of State Formation in Viking-Age South Scandinavia (c. AD 900–1050). *In*. BRINK, Stefan et al. (Eds.). **Viking and Medieval Scandinavia 5**. Turnhout: Brepols, 2009, p. 65-104.

DOBAT, Andres Siegfried. Viking stranger-kings: the foreign as a source of power in Viking Age Scandinavia, or, why there was a peacock in the Gokstad ship burial? **Early Medieval Europe**, v. 23, n. 2, p. 161–201, 2015.

DRINOT, Paulo. For whom the eye cries: memory, monumentality, and the ontologies of violence in Peru. **Journal of Latin American Cultural Studies**: Travesia, 18:1, 15-32, 2009. DOI: 10.1080/13569320902819745.

EINHARDI. Vita Karoli Magni. PERTZ, G. H.; WAITZ, G.; HOLDER-EGGER, O. (Eds.). **MGH SRG**, 25. Hannover: Hahn, 1911.

ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel. **Revue Sciences/Lettres**. Paris, Éditions Rue d'Ulm, n. 1, 2013, p. 1-9. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rsl/219>. DOI: 10.4000/rsl.219.

FERGUSON, Robert. **The Hammer and the Cross: A New History of the Vikings**. Londres: Penguin Books, 2009.

FLETCHER, Richard. **The Barbarian Conversion: From Paganism to Christianity**. Nova York: Henry Holt and Co, 1998.

FLOOD, Finbarr B. **Objects of Translation: Material Culture and Medieval "Hindu-Muslim" Encounter**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FORTE, Angelo; ORAM, Richard; PEDERSEN, Frederik. **Viking Empires**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GAMBLE, Clive. **Arqueology: the Basics**. Londres: Routledge, 2001.

GARIPZANOV, Ildar. Introduction: Networks of Conversion, Cultural Osmosis, and Identities in the Viking Age. In GARIPZANOV, Ildar (ed.). **Conversion and Identity in the Viking Age**. Turnhout: Brepols Publishers, 2014. pp. 1-12.

GELTING, Michael H. The Kingdom of Denmark. In. BEREND, Nora (Ed.). **Christianization And The Rise Of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 73-120.

GRABAR, Oleg. Reflections on the Study of Islamic Art. **Muqarnas: An Annual on Islamic Art and Architecture**. Brill, v. I, 1983, pp.1-14. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1523068.pdf>. DOI:10.2307/1523068. Acesso em: 20 jul. 2022.

GRABAR, Oleg. The Shared Culture of Objects. In: *Idem*. **Islamic Visual Culture, 1100-1800, volume II, Constructing the Study of Islamic Art**. Hampshire: Ashgate Publishing Limited, 2006. First published in *Byzantine Court Culture from 829 to 1204* (Washington, DC, 1997), p. 115-29.

GRAHAM-CAMPBELL, James. **Viking Art**. Londres: Thames & Hudson, 2013.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Similarities or Differences? Rune Stones as a Starting Point for Some Reflections on Viking Age Identity. In SIGMUNDISSON, Svavar (Ed.).

Viking Settlements and Viking Society: Papers from the Proceedings of the Sixteenth Viking Congress. University of Iceland Press: Reykjavík e Reykholt, 2009.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. 2015. The Late Viking Age Runestones of Västergötland: On Ornamentation and Chronology. **Lund Archaeological Review**. Lund, v. 20, p. 39–53, 2014.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. O fracasso idealizado: reescrevendo a *Vita Anskarii* no *liber I* das *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen. **Diálogos**. Maringá. v. 24, n. 2, p. 376-396, mai./ago. 2020.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. O Início da Missão Cristianizadora da Escandinávia e sua Interpretação nas *Gesta Hammaburgensis* de Adam de Bremen. **Revista Signum**. São Paulo, vol. 17, n.1, 2016. pp. 136-160.

HALLDÓRSSON, Ólafur. **Ólafs saga Tryggvasonar en mesta**. Editiones Arnamagnæanæ, Ser. A. Vol. 1–2. Copenhagen: Munksgaard, 1958-61, p. 129. Disponível em: <https://onp.ku.dk/onp/onp.php?b2158>.

HARSALL, Guy. **Warfare and society in the barbarian West: 450–900**. Nova York: Routledge, 2003.

HEDEAGER, Lotte. **Iron Age myth and materiality: an archaeology of Scandinavia, AD 400–1000**. Nova York e Londres: Routledge, 2011.

HELLE, Knut (Ed.). **The Cambridge History of Scandinavia: Prehistory to 1520**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOFFMAN, Eva Rose. Pathways of Portability: Islamic and Christian interchange from the tenth to the twelfth century. **Art History**. Oxford: Blackwell Publishers, v. 24, n° 1, February 2001, p. 17-50. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/DOI/10.1111/1467-8365.00248>.

HOLMAN, Katherine. **Historical Dictionaries of the Vikings**. Oxford: The Scarecrow Press Inc., 2003.

HOLST, M. K.; JESSEN, M. D.; ANDERSEN, S. W.; PEDERSEN, A.. The Late Viking-Age Royal Constructions at Jelling, central Jutland, Denmark. **Praehistorische Zeitschrift**, Berlin, v. 87, n. 2, 2013, p. 474-504.

IMER, Lisbeth M.. The Danish runestones – when and where?. **Danish Journal of Archaeology**, Copenhagen, v. 3, n. 2, p. 164-174, 2014.

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, n. 25, v. 2, p. 152-174, 1993. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>.

IVERSEN, Frode. Royal villas in Northern Europe. *In* QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio. **The archaeology of early medieval villages in Europe**. Bilbao: Reti Medievali, 2009, p. 99- 112.

JACOBSEN, L.; MOLTKE, E.. **Danmarks runeindskrifter**. Copenhagen: København Ejnar Munksgaards, 1941-1942.

JANSSON, S. B. F. **Runinskrifter i Sverige**. Stockholm: AWE Gebers, 1977.

JESCH, Judith. Reading the Jelling Inscription. *In* GAMMELTOFT, Peder (Ed.). **Beretning fra enogtredivte tværfaglige vikingesymposium**. Højbjerg: Forlaget Wormianum, 2013.

JESCH, Judith. Runes and Words: Runic Lexicography in Context. **Futhark: International Journal of Runic Studies**, v. 4, p. 77–100, 2013.

JESCH, Judith. **Ships and Men in the Late Viking Age: The Vocabulary of Runic Inscriptions and Skaldic Verse**. Woodbridge: Boydell, 2001.

JESSEN, Mads Densø; HOLST, Mads Kähler; LINDBLOM, Charlotta; BONDE, Niels; PEDERSEN, Anne. A Palisade Fit for a King: Ideal Architecture in King Harald Bluetooth's Jelling. **Norwegian Archaeological Review**, n. 1, v. 47, p. 42-64, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00293652.2014.921239>.

JONES, Andrew. **Memory and Material Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JONES, Gwyn. **A History of the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 1984.

KÄLLSTRÖM, Magnus. Clerical or Lay Literacy in Late Viking Age Uppland? The Evidence of Local Rune Carvers and Their Work. *In* ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly Christian European North**. Turnhout: Brepols, 2012.

KENDRICK, T. D. **A History of the Vikings**. Nova York: Dover Publications, 2004.

KNIRK, James E. Runes: Origin, development of the futhark, functions, applications, and methodological considerations. BUNDLE, Oscar (et. al.) (eds.). **The Nordic Languages: An International Handbook of the History of the North Germanic Languages**. New York: De Gruyter, 2002, p. 634-648.

KLINDT-JENSEN, O. **A History of Scandinavian Archaeology**. RUSSELL, P. (Trad.). Londres: Thames and Hudson, 1975.

KRISTIANSEN, K.; PALUDAN-MÜLLER, C. (Eds.) **New directions in Scandinavian Archaeology. Studies in Prehistory and Early History I**. Copenhagen: National Museum Press, 1978.

LEFÈBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LUND, Julie. Rune Stones as Material Relations in Late Pagan and Early Christian South Scandinavia. **Danish Journal of Archaeology**, v. 9, 2020.

LUND, Niels. 'Denemearc', 'Tanmarkar But' and 'Tamaurk Ala'. In WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500-1600**. Woodbridge: Boydell, 1991, p. 161-169.

MADSEN, Kristian; PEDERSEN, Anne. Jelling zu Zeit Harald Blauzahns - ein weit offenes Zentrum. In ERIKSEN, B. Valentin (Ed.). **Interaktion ohne Grenzen. Beispiele archäologischer Forschungen am Beginn des 21. Jahrhunderts**. Schleswig: Jahrbuch, 2017. pp. 649-661.

MARTIN, Therese (Ed.). **Reassessing the Roles of Women as 'Makers' of Medieval Art and Architecture: Volume Two**. Leiden-Boston: Brill, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 90-2.

MOLYNEAUX, B. L. (Ed.). **The Cultural Life of Images: cultural representation in archaeology**. Londres: Routledge, 1997.

MORSEL, Joseph. Ce qu'écire veut dire au Moyen Âge... Observations préliminaires à une étude de la scripturalité médiévale. **Memini**. Travaux et documents de la Société des études médiévales du Québec, 2000, pp. 3-43.

MOSER, May-Bryt; Moser, Edvard. Distributed Encoding and Retrieval of Spatial Memory in the Hippocampus. **The Journal of Neuroscience**, n. 18, v. 18, p. 7535-7542, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1523/jneurosci.18-18-07535.1998>.

MUCENIECKS, André Szczawlinska. Notas sobre o termo viking: usos, abusos, etnia e profissão. **Revista Alethéia de Estudos sobre Antiguidade e Medieval**. Natal, 2(2), 2010. pp. 1-10.

MUCENIECKS, André Szczawlinska. **Virtude e Conselho na Pena de Saxo Grammaticus (XII-XIII)**. Dissertação. UFPR, Curitiba: 01/04/2008. 180 pp.

NÄSMAN, Ulf. The ethnogenesis of the Danes and the making of a Danish kingdom. In. DICKINSON, T.; GRIFFITHS, D. (Eds.) **The Making of Kingdoms: Anglo-Saxon Studies in Archaeology and History 19**. Oxford: Oxbow Books, 1999.

NÄSMAN, Ulf. Exchange and politics: the eighth–early ninth century in Denmark. In. HANSEN, I.L.; WICKHAM, C. (Eds.) **The Long Eighth Century**. Leiden, Boston and Cologne: Brill, 2000.

NISSEN, Anne. Early Medieval Religion and Social Power: A Comparative Study of Rural Elites and Church Building in Northern France and Southern Scandinavia. In SÁNCHEZ-PARDO, José C.; SHAPLAND, Michael G. (Eds.). **Churches and Social Power in Early Medieval Europe: Integrating Archaeological and Historical Approaches**. Turnhout: Brepols, 2015, p. 331–365.

OZAWA, Minoru. King's Rune Stones: a Catalogue with Some Remarks. **HERSETEC**, n. 4, v. 1, p. 29-42, 2010.

OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 1. **HERSETEC**. n. 1, v. 1, p. 43-62, 2007.

OZAWA, Minoru. Rune Stones Create a Political Landscape – Towards a Methodology for the Application of Runology to Scandinavian Political History in the Late Viking Age: Part 2. **HERSETEC**. n. 2, v. 1, p. 65-85, 2008.

PANOFSKY, Erwin. **Meaning in the Visual Arts**. Nova York: Doubleday Anchor Books, 1955.

PEDERSEN, Anne. Ancient mounds for new graves - an aspect of Viking-age burial customs in southern Scandinavia. In ANDREN, A.; JENNBERT, K.; RAUDVERE, C. (Eds.). **Old Norse religion in long-term perspectives. Origins, changes, and interactions**. Lund: Vågar til Midgård 8, 2006. p. 346-353.

PEDERSEN, Anne; SINDBÆK, Søren M. (Eds.). **Et fælles hav – Skagerrak og Kattegat i vikingetiden**. Copenhagen: Nordlige Verdeners Nationalmuseet, 2015.

PEDERSEN, Anne. Monumental Expression and Fortification in Denmark in the Time of King Harald Bluetooth. In CHRISTIE, N.; HEROLD, H. (Eds.). **Fortified Settlements in Early Medieval Europe. Defended Communities of the 8th-10th Centuries**. Oxford: Oxbow Books, 2016. p. 68-81.

PEDERSEN, Anne. Monumenterne i Jelling. Fornyet tradition på tærsklen til en ny tid. In BJERREGAARD, M. Manoe; RUNGE, M. (Eds.). **At være i centrum. Magt og minde - højstatusbegravelser i udvalgte centre 950-1450**. Odense: Odense Bys Museer, 2017. p. 44- 61.

PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: a national Icon between Legend and Fact. In VON CARNAP-BORNHEIM, Claus (Ed.). **Quo vadis? Status and Future**

Perspectives of Long-Term Excavations in Europe. Hamburgo: Wachholtz Verlag Murmann Publishers, 2014.

PEDERSEN, Anne. The Jelling Monuments: Ancient royal memorial and modern world heritage site. *In* FELLOWS-JENSEN, G.; NIELSEN, M. Lerche; STOKLUND, M. (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in Runology.** Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2006.

POWER, Daniel (Ed.). **The Central Middle Ages Europe 950–1320.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the First Humans to the Vikings.** Nova York: Oxford University Press, 2015.

RICH, Catherine. Do the Christian elements of the monument complex at Jelling complement or subvert the earlier pagan ones? **York Medieval Yearbook.** York, No. 2, 2003.

ROESDAHL, Else. Prestige, Display and Monuments in Viking Age Scandinavia. *In: Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.): Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale.* Caen : Société d'Archéologie Médiévale, 1989. pp. 17-25.

ROESDAHL, Else. **The Vikings.** Jouve: Penguin Books, 2016.

RUHMANN, Christiane; BRIESKE, Vera. **Dying Gods: Religious beliefs in northern and eastern Europe in the time of Christianisation.** Hannover: Niedersächsisches Landesmuseum Hannover, 2015.

SANMARK, Alexandra. **Power and conversion – A comparative study of christianization In Scandinavia.** 2004. 320 f. Tese (Ph. D. pelo Departamento de Arqueologia e História Antiga). Universidade de Uppsala, 2004.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** São Paulo: Edusp, 2002.

SAXO GRAMMATICUS. **Gesta Danorum.** Vol. I. FRIIS-JENSEN, Karsten (Ed.) FISHER, Peter (Trad.). Oxford: Oxford University Press, 2015.

SAWYER, Birgit. Women as Bridge-builders: The Role of Women in Viking-Age Scandinavia. *In* WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500–1600.** Woodbridge: Boydell Press, 1991, pp. 211–224.

SAWYER, Birgit. **The Viking-Age Rune-Stones: Custom and Commemoration in Early Medieval Scandinavia.** Nova York: Oxford University Press, 2000.

SAWYER, Birgit. Viking-age rune-stones as a crisis symptom. **Norwegian Archaeological Review**, n. 2, v. 24, p. 97-112, 1991.

SAWYER, Birgit; SAWYER, Peter. **Medieval Scandinavia: from Conversion to Reformation, ca 800-1500.** Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1993.

SAWYER, Birgit; SAWYER, Peter. The Making of Scandinavian Kingdoms. In POHL, Walter (Ed.). **Die Suche nach den Ursprüngen: von der Bedeutung des frühen Mittelalters**. Viena: Institut für Mittelalterforschung, 2004. p. 261-26.

SAWYER, Peter. **Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700–1100**. Londres: Routledge, 2003.

SAWYER, Peter. The effects of Viking activity on Scandinavian society. In: Les mondes normands (VIIIe-XIIe s.). **Actes du deuxième congrès international d'archéologie médiévale**. Caen: Société d'Archéologie Médiévale, 1989.

SAWYER, Peter. (Ed.). **The Oxford Illustrated History of the Vikings**. Nova York: Oxford University Press, 1997.

SCHEEL, Roland. Byzantium – Rome – Denmark – Iceland: Dealing with Imperial Concepts in the North. In. SCHOLL, Christian *et al.* **Transcultural Approaches to the Concept of Imperial Rule in the Middle Ages**. Bruxelas: Peter Lang AG., 2017, p. 245-294.

SCHWARZ LAUSTEN, Martin. **A Church History of Denmark**. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002.

SELLEVOLD, B.J.; Lund Hansen, U.; Balslev Jørgensen, J.. **Iron Age man in Denmark**. Copenhagen: Det Kongelige Nordiske Oldskriftselskab, 1984, p. 175-181.

SENRA SILVA, Inmaculada. Lengua y escritura rúnica. In. BARREIRO, Santiago; BIRRO, Renan (eds.). Vol. I. **El mundo nórdico medieval: una introducción**. Buenos Aires: Luciana Mabel Cordo Russo, 2017, p. 29-52.

SEMPLE, Sarah *et al.* **Negotiating the North: Meeting-Places in the Middle Ages in the North Sea Zone**. Nova York: Routledge, 2021.

SKRE, Dagfinn. **Rulership in 1st to 14th century Scandinavia: Royal graves and sites at Avaldsnes and beyond**. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. <https://doi.org/10.1515/978311042110>.

SKRE, Dagfinn. Scandinavian kingship AD 500-1000. **Neue Studien zur Sachsenforschung**. Braunschweig, 2022, p. 117-128.

SPURKLAND, Terje. Literacy and ‘Runacy’ in Medieval Scandinavia. In ADAMS, Jonathan; HOLMAN, Katherine. **Scandinavia and Europe 800–1350: Contact, Conflict, and Coexistence**. Turnhout: Brepols, 2004.

STEFANSDOTTIR, Agnes; MALUCK, Matthias (Eds.). **Viking Age Sites in Northern Europe: A transnational serial nomination to UNESCO’s World Heritage List**, 2014. (Publicação online). Disponível em:

https://www.stjornarradid.is/media/menntamalaraduneytimedia/media/ritogskyrslur/Nominas_onsdokument.pdf.

STIDSING, Ernst; HØILUND NIELSEN, Karen; FIEDEL, Reno (Eds.). **Wealth and Complexity: Economically specialised sites in Late Iron Age Denmark**. Aarhus: Aarhus University Press, 2014.

STOKLUND, M.. Chronology and Typology of the Danish Runic Inscriptions. In: M. Stoklund, et al., (Eds.). **Runes and their Secrets: Studies in runology**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006, p. 355–383.

STURLUSON, Snorri. **Heimskringla. Volume I: The Beginnings to Óláfr Tryggvason**. FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony (Trad.). Exeter: Short Run Press, 2011.

SVEAAS ANDERSEN, P. ‘Ting’. **KL**. n. 18, 1974.

TATSCH, F. G. Mobilidades, conexões, novos contornos. A circulação de artefatos em marfim nos séculos X - XIII. **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-33, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.161141. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/161141>.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**. Oxford: Berg, 1994.

UCKO, Peter J.; LAYTON, Robert (Eds.). **The archaeology and anthropology of landscape: shaping your landscape**. Nova York: Rotledge, 2005.

WALKER, Alicia. Globalism. **Studies in Iconography. Special issue - Medieval Art History Today – Critical Terms**. Michigan: Board of Trustees of Western Michigan University through its Medieval Institute Publications and Trustees of Princeton University, 33, 2012, p. 183-196. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23924282>.

WICKER, Nancy L.. Nimble-fingered Maidens in Scandinavia: Women as Artists and Patrons. In MARTIN, Therese. **Reassessing the Roles of Women as ‘Makers’ of Medieval Art and Architecture**. Leiden/Boston: Brill, 2012, p. 865-902.

WIDUKIND. **The three books of the deeds of the Saxons, by Widukind of Corvey**. WOOD, Raymond F. (Trad.). Los Angeles: University of California Press, 1949.

WILLIAMS, Howard; KIRTON, Joanne; GONDEK, Meggen (Eds.). **Early Medieval Stone Monuments: Materiality, Biography, Landscape**. Woodbridge: The Boydell Press, 2015.

WINROTH, Anders. **The Age of the Vikings**. Princeton: Princeton University Press, 2014a.

WINROTH, Anders. **The Conversion of Scandinavia: Vikings, Merchants, and Missionaries in the Remaking of Northern Europe**. New Haven: Yale University Press, 2014b.

WIMMER, L.F.A.. **Danmarks Runemindesmærker I-IV**. Copenhagen: Gyldendalske Boghandel. Nordisk Forlag, 1893-1908.

WOOD, Ian; LUND, Niels (Eds.). **People and Places in Northern Europe 500–1600**. Woodbridge: Boydell Press, 1991.

WOOD, Raymond F. (Tr.). **The three books of the deeds of the Saxons, by Widukind of Corvey**. Los Angeles: University of California, 1949.

ZILMER, Kristel; JESCH, Judith (Eds.). **Epigraphic Literacy and Christian Identity: modes of written discourse in the newly christian european north**. Turnhout: Brepols, 2012.

ZILMER, Kristel. Crosses on Rune-stones: Functions and Interpretations. **Current Swedish Archaeology**, v. 19, 2011, p. 87-112.